



Paulo Freire
e o uso da imagem
visual na Geografia:
perspectivas para a
EJA



**RICARDO SANTOS DE ALMEIDA
MARIA APARECIDA VIEIRA DE MELO
MARIA ERIVALDA DOS SANTOS TORRES
(ORGS.)**



editora

centro

PAULO FREIRE

ESTUDOS E PESQUISAS



PROEX
EDITORA

UERN
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO NORTE

**PAULO FREIRE E O USO DA IMAGEM VISUAL NA GEOGRAFIA:
PERSPECTIVAS PARA A EJA**

Vol. 1

**PAULO FREIRE E O USO DA IMAGEM VISUAL NA GEOGRAFIA:
PERSPECTIVAS PARA A EJA**

Vol. 1

Organizadores:
**RICARDO SANTOS DE ALMEIDA
MARIA APARECIDA VIEIRA DE MELO
MARIA ERIVALDA DOS SANTOS TORRES**

**Editora do Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Recife/PE
2022**

Produzido por:

Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

Av. Acadêmico Hélio Ramos, s/n, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Centro de Educação (CE), Recife, Pernambuco, Brasil.

CEP: 50740-530

<https://www.centropaulofreire.com.br/>

©Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

Diagramação: Ricardo Santos de Almeida

Capa: Canva.com

Imagens: As imagens são de arquivos pessoais dos autores e de bancos virtuais gratuitos.

©Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Paulo Freire e o uso da imagem visual na geografia
[livro eletrônico] : perspectivas para a EJA :
vol. 1 / organizadores Ricardo Santos de Almeida,
Maria Aparecida Vieira de Melo, Maria Erivalda dos
Santos Torres. -- Recife, PE : Centro Paulo Freire
Estudos e Pesquisas, 2022.

PDF

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-87824-17-8

1. Educação 2. Educação de Jovens e Adultos
3. Freire, Paulo, 1921-1997 - Crítica e interpretação
4. Geografia - Estudo e ensino 5. Prática de ensino
6. Prática pedagógica 7. Professores - Formação
I. Almeida, Ricardo Santos de. II. Melo, Maria
Aparecida Vieira de. III. Torres, Maria Erivalda dos
Santos.

22-108369

CDD-370.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Freire, Paulo : Pedagogia : Educação 370.1

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Copyright © 2022. O livro pode ser baixado gratuitamente em formato digital de qualquer lugar do mundo entrando na página www.centropaulofreire.com.br/e-books/digitais.

2022. Escrito e produzido no Brasil.

CONSELHO EDITORIAL
CENTRO PAULO FREIRE – ESTUDOS E PESQUISAS

Agostinho da Silva Rosas	UPE e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Ana Paula de Abreu Costa de Moura	UFRJ e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Ana Maria Saul	PUC/SP e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Eliete Correia dos Santos	UEPB – Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Inés María Fernández Mouján	Cátedra Paulo Freire, Universidad Nacional de Mar del Plata, Centro de Investigaciones y Estudios en Teoría Poscolonial, Universidad Nacional de Rosario, Argentina e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Inez Maria Fornari de Souza	Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Joaquim Luís Medeiros Alcoforado	Universidade de Coimbra/Portugal e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Luiza Cortesão	Professora Emérita da Universidade do Porto, Presidente do Instituto Paulo Freire de Portugal e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Maria Aparecida Vieira de Melo	UFRN e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Maria Fernanda dos Santos Alencar	UFPE e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Mírian Patrícia Burgos	Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas e Instituto Paulo Freire de Portugal
Ricardo Santos de Almeida	IFAL, UFAL/NUAGRÁRIO, Prefeitura Municipal de Porto Calvo/AL e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

Dedicamos este livro a todos os pesquisadores e pesquisadoras
que lutam e acreditam em um mundo mais justo.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Ricardo Santos de Almeida: Doutorando em Geografia na UFSM. Doctor en Educación na UI. Mestrado: Geografia pela UFS (2016). Especializações: Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos - com Ênfase em Didática pelo IFRN (2020), Geografia Humana e Econômica pela UNINTER (2019), Administração Pública pela UCAM (2016); Geografia e Meio Ambiente pela UCAM (2014); Educação do Campo pela UCAM (2013); Formação para a Docência do Ensino Superior (2011). Graduações: Pedagogia pela UNINTER (2018), Geografia Licenciatura pela UFAL (2014), Gestão de Pequenas e Médias Empresas pela FAA (2009). Desenvolve pesquisas relacionadas às temáticas: agronegócio, território e territorialidades, processos de ensino-aprendizagem em Geografia e Educação do/no campo. Docente da rede pública de Porto Calvo/AL e atua no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas/Universidade Aberta do Brasil. Pesquisador do: Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais (NUAGRÁRIO/UFAL) desde 2009; Grupo de Estudos e Pesquisa em Análise Regional (GEPAR/UFAL); Geoprocessamento e a Cartografia no Ensino de Geografia (GCEG/UFAL) desde 2016; Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação de Jovens, Adultos e Idosos e Campesinos (NUPEEJAIC/UNEAL) desde 2020; do Grupo de Pesquisa em Educação e Território (UFSM) e Grupo de Pesquisas: Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GPEPEPF/UFRN) desde 2021. É também associado ao Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas (CPFreire).

E-mail: ricardosantosal@gmail.com.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5955679764505968>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1266-2557>.

Maria Aparecida Vieira de Melo: Doutora em Educação pela UFPB (2020). Mestra em Educação, Culturas e Identidades pela UFRPE/FUNDAJ (2015). Pedagoga pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (2010). Especialista em: Psicopedagogia (2012); Gestão Pedagógica (2013); Educação em direitos humanos (2014), Educação do campo (2015), História e cultura dos povos indígenas (2015), Tecnologias e artes (2019). Líder do Grupo de Pesquisas: Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GPEPEPF/UFRN), Pesquisadora do Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais da Universidade Federal de Alagoas (NUAGRÁRIO/UFAL), Pesquisadora do Laboratório de Educação, Novas Tecnologias e Estudos Étnico-Raciais (LENTE/UFRN), e do Grupo de Estudo e Pesquisas Discursos e Imagem Visual em Educação (GEPDIVE/UFPB). Interesses em: Educação do campo, educação popular, movimentos sociais, processos educativos, interdisciplinaridade. Formação de professores. Gestão pedagógica e Políticas educacionais. Livros didáticos. EJA. Transdisciplinaridade. Estágio supervisionado. EAD. Análise Arqueológica do Discurso (AAD). Pedagogia Social.

E-mail: m_aparecida_v_melo@hotmail.com.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6705733173478276>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6288-9405>.

Maria Erivalda dos Santos Torres: Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru (1997) e graduação em Letras pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru (1988). Coordenou o Fórum Estadual de EJA/PE e o Fórum Regional do Agreste Centro Norte. Atualmente é Presidente do Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas, Recife/PE. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Administração de Unidades Educativas.

E-mail: erivaldatorres@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5577041654762304>

SUMÁRIO

PREFÁCIO Sara Ingrid Borba	11
APRESENTAÇÃO Ricardo Santos de Almeida Maria Aparecida Vieira de Melo Maria Erivalda dos Santos Torres	13
O USO DA IMAGEM COMO ALTERNATIVA A INCLUSÃO NO ENSINO DE JOVENS E ADULTOS Ana Patrícia Ribeiro Vale Ricardo Santos de Almeida	16
A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM DIÁLOGO COM A EDUCAÇÃO VISUAL: IMAGENS, LEITURAS E SABERES Cristiane Cordeiro Vasques Ricardo Santos de Almeida	25
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA): O PAPEL DA IMAGEM NA LEITURA DO ESPAÇO GEOGRÁFICO Edja Maria da Silva Maria Aparecida Vieira de Melo	49
A IMAGEM ENSINA: UMA ABORDAGEM SOBRE O USO PEDAGÓGICO DA IMAGEM VISUAL EM GEOGRAFIA À LUZ DO VIÉS FREIRIANO Íris Bezerra Teixeira Souza Ricardo Santos de Almeida	61

A IMAGEM COMO FERRAMENTA MULTIDISCIPLINAR DE CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO José Ricardo Alves Maria Aparecida Vieira de Melo	85
A PEDAGOGIA DA VISUALIDADE NA EDUCAÇÃO POTIGUAR DE JOVENS E ADULTOS Soraneide Soares Dantas Ricardo Santos de Almeida	106
INTERDISCIPLINARIDADE: TRABALHAR O ESPAÇO E A IMAGEM SEGUNDO O OLHAR FREIRIANO Wláudia Barbosa Oliveira Lins de Araújo Ricardo Santos de Almeida	121

PREFÁCIO

Ser professora da Educação básica da Educação Infantil ao Ensino médio nas disciplinas pedagógicas e com experiência no Ensino superior me garante defendermos nossas bases de conhecimentos teóricos e metodológicos fundamentadas na teoria freireana. Logo, atravessando meus estudos no mestrado e em processo de doutoramento na Educação Popular, este livro e experiências nele contidas lhes garantem contribuições na/para a prática pedagógica docente que desenvolvo e que o leitor desenvolverá também em sala de aula.

As experiências e perspectivas que aqui se aprofundarão referem-se à Educação de Jovens Adultos e Idosos (EJA), enfocando a prática pedagógica, compreendo a importância do enriquecimento dos recursos metodológicos que mobilizem os processos de aprendizagens dos estudantes nesta modalidade de ensino. Neste sentido, destacamos as imagens como elementos que podem ser usados como tema gerador de diálogo, anunciador de uma temática a provocar a abordagem sobre conhecimentos, saberes e preparar estudantes para a sistematização destes saberes.

Respeitando a realidade de vida dos estudantes as imagens podem partir das fotografias colecionadas de momentos de suas vidas, destacando eventos de histórias de vida; também podem se referir a imagens de revistas ou jornais como fontes de estudo para compreensão dos fatos cotidianos relacionando-os com sua vida pessoal. Afinal refletir sobre nossas próprias práticas ajuda a compreender melhor o mundo em que vivemos, principalmente para melhorá-lo.

Os vídeos usados nas aulas da EJA também promovem o interesse para fatos históricos, científicos e assim relacioná-los com a vida comum. No entanto, é preciso que os vídeos sejam curtos ou apenas recortes de vídeos para não se tornar enfadonho, devido ao cansaço físico dos estudantes.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

Colecionar, separar, analisar, discutir sobre as imagens que veem são dinâmicas produtoras de conhecimentos aliadas a uma metodologia que auxilia o processo de letramento a partir da oralidade e posteriormente da escrita dos nomes das imagens e sobre as imagens caminhando metodologicamente para a construção da criticidade e fortalecendo a oralidade, a dialogicidade e consequentemente a autonomia da leitura e da escrita, consequência de maior interesse no processo educativo.

Com isso, este livro, intitulado *Paulo Freire e o uso da imagem visual na Geografia: perspectivas para a EJA* é um marco relevante no registro de práticas e discussões teórico-metodológicas sobre o tema, trazendo as múltiplas possibilidades no ensino e na aprendizagem dos mais diversos campos do conhecimento valorizando assim a Educação brasileira praticando o esperar por meio da práxis.

Boa leitura!

Profa. Ma. Sara Ingrid Borba

Universidade Federal da Paraíba, Secretaria de Estado da
Educação de Alagoas

Marechal Deodoro/AL, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9224-7489>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4761390738481571>

E-mail: ingridsara80@gmail.com

APRESENTAÇÃO

O presente livro, intitulado *Paulo Freire e o uso da imagem visual na Geografia: perspectivas para a EJA*, traz uma contribuição imprescindível para o pensar didático-pedagógico e geográfico em diversos aspectos, a saber: ensino, pesquisa e extensão. Esta obra é resultado de um amplo debate e reflexões realizadas coletivamente entre as pesquisadoras e os pesquisadores com estudos aqui socializados e dedica-se em ser uma materialização e expressão de professoras e professores que participaram do curso estando em recortes geográficos diferentes no Brasil dispostos a aprender e socializar conhecimentos.

Aqui professores-pesquisadores cursistas do Curso de Aperfeiçoamento em: Paulo Freire e o uso pedagógico da Imagem Visual em Geografia, curso desenvolvido pelo Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte/ Pró-Reitoria de Extensão da UFRN - PROEX/UFRN, proporcionam pela dialogicidade contribuições freireanas sobre o uso da imagem visual e sua utilização na prática educativa em Geografia. O curso de Aperfeiçoamento fundamenta-se numa metodologia participativa, na qual os temas foram debatidos e consolidados durante todo o processo, entre educadores e educandos, possibilitando um processo mútuo e dialógico de produção de saberes sobre o uso da imagem visual.

A escolha metodológica do curso adotou uma concepção pedagógica baseada na participação, no diálogo e na problematização da realidade vivenciada pelos participantes no contexto da labuta docente. Logo, o próprio curso foi um espaço para vivenciar a educação popular e uma experiência de gestão compartilhada entre educandos e educadores.

A imagem visual é produtora de conhecimento geográfico, e, portanto, seu uso deve ultrapassar a condição de

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

mera ilustração. Logo, o atual status da imagem visual pode ser superado na Geografia a partir de sua produção associada a produção de conhecimento geográfico.

No que se refere à relevância social desta obra evidenciam-se a cultura do uso da imagem visual e como ela é utilizada, seja como um clique para si, ou mesmo consumido pelas pessoas para os mais diversos fins emergindo o uso da imagem no processo de alfabetização presente na proposta pedagógica freireana. As pessoas vivem fissuradas nas imagens, e elas circulam muito podendo ter diversos usos. Logo, defenderemos o discurso sobre a imagem visual na Geografia para além das finalidades didático-pedagógicas, pois a nossa assertiva é de que a imagem visual pode produzir conhecimentos geográficos. Afirma-se, portanto, a dimensão da disseminação do conhecimento. Onde se coloca a imagem como produtora de conhecimento e esta terá utilidade social, já que a imagem circula global e localmente através das redes sociais e de outros meios digitais. Então, diante disso, a nossa assertiva sobre a tese aqui defendida é que a imagem visual é produtora de conhecimento geográfico.

No que se refere a relevância institucional se faz necessário enfatizar que por mais que a Geografia use a imagem visual, ainda não há reconhecimento de que a partir dela se pode produzir conhecimentos geográficos. Faz-se necessário ultrapassar a condição de que a imagem visual ainda é apenas uma mediadora ou ilustradora dos campos de domínio dos saberes geográficos, como suporte a compreensão das dinâmicas estudadas por disciplinas acadêmico-científicas associadas ao estudo geográfico como a Geomorfologia, a Geologia, a Hidrografia, a Educação Ambiental, entre outras. Ou seja, também cumpre a função de modo interdisciplinar na produção do conhecimento na geografia, pois os saberes estão sendo acionados nesses campos, dos mais diversos modos, como por exemplo, a análise da paisagem. Dito de outro modo,

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

quando analisamos uma paisagem acionamos elementos de natureza econômica, social, política e cultural, isto é a imagem visual é afeta a múltiplos saberes elaborados que concernem a produção do conhecimento.

Esperamos que este livro contribua e enriqueça o conhecimento de graduandos, docentes, pesquisadores e amantes da Ciência Geográfica.

Prof. Dr. Ricardo Santos de Almeida
Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas, Maceió/AL, Brasil.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1266-2557>.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5955679764505968>.

Prof. Dra. Maria Aparecida Vieira de Melo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó/RN,
Brasil.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6288-9405>
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6705733173478276>

Profa. Ma. Maria Erivalda dos Santos Torres
Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas, Recife/PE, Brasil.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1266-2557>.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5577041654762304>.

O USO DA IMAGEM COMO ALTERNATIVA A INCLUSÃO NO ENSINO DE JOVENS E ADULTOS

Ana Patrícia Ribeiro Vale¹

Ricardo Santos de Almeida²

RESUMO: Este é um relato de experiências de atividades com uso de imagens aplicadas na Educação de Jovens e Adultos (EJA), o público dessa modalidade por vários motivos, apresenta muita dificuldade para realizar leitura e análise de textos. A mediação no EJA procura incluir e se dá através de temas geradores, estudo de situações cotidianas, codificação de novos vocábulos e ação/reflexão, e o contato com o outro, segundo a Abordagem Sociocultural a aprendizagem é produto do ambiente, da sociedade ou de outros fatores externos ao aluno, ocorre troca de experiências e o aprendizado é coletivo. As intervenções foram feitas no período pandêmico de 2021 e as atividades propostas foram enviadas aos alunos por meio de rede social. A recepção dos alunos para com atividades que

¹Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2008). Especialização em Meio Ambiente, Desenvolvimento e Sustentabilidade (Universidade Candido Mendes). Cursa Especialização em Tecnologias Educacionais e Educação a Distância (IFRN) e Licenciatura em Letras LIBRAS (UERN). Atualmente é professora na Secretaria de Estado da Educação e da Cultura do RN.

²Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria. Doutor em Educación pela Universidad Interamericana. Docente da rede pública municipal de Porto Calvo/AL. Pesquisador do: Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais (NUAGRÁRIO/UFAL) desde 2009; Grupo de Estudos e Pesquisa em Análise Regional (GEPAR/UFAL); Geoprocessamento e a Cartografia no Ensino de Geografia (GCEG/UFAL) desde 2016; Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação de Jovens, Adultos e Idosos e Campesinos (NUPEEJAIC/UNEAL) desde 2020; do Grupo de Pesquisa em Educação e Território (UFSM) e Grupo de Pesquisas: Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GPEPEPF/UFRN) desde 2021. Associado ao Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas (CPFreire). E-mail: ricardosantosal@gmail.com.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

envolvem imagem é bem-humorada e sempre são concluídas em curto espaço de tempo, nesse período de aulas remotas a devolutiva das tarefas ocorre de forma lenta.

Percebe-se que para a maioria dos alunos foi mais fácil aplicar uma definição a uma imagem ou vice-versa e o conteúdo foi compreendido como se apresenta no nosso cotidiano. Nem todos conseguiram abrir as imagens de forma satisfatória por problemas relacionados a internet, faixa etária mais avançada ou porque estavam afastados da escola a algum tempo apresentando certa resistência a participar de determinadas atividades, para esses últimos a tarefa foi flexibilizada para que fizessem associação de palavras às imagens.

PALAVRAS-CHAVE: Imagem. Inclusão. Interpretação.

INTRODUÇÃO OU APRESENTAÇÃO

Este trabalho tem a finalidade de apresentar relato de experiências com base em atividades realizadas ao longo do Curso de Aperfeiçoamento em: Paulo Freire e o uso pedagógico da imagem visual em geografia, promovido pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e o Centro Paulo Freire-Estudos e Pesquisas. Falar de formação continuada é falar do político e do social, pois são elementos históricos que influenciam o docente em sua profissão.

À medida que a educação evolui, isto é, os elementos considerados pela sociedade como essenciais para a educação em determinado momento histórico, o professor altera sua forma de lecionar. Dessa forma a educação continuada deve oferecer espaço cooperativo e dinâmico para que o educador possa sair da rotina e buscar novas estratégias para cativar os alunos.

O modelo educacional brasileiro adotado pelos governos ao longo dos anos alimenta a visão pessimista sobre o

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

ensino básico e o papel do professor nas escolas. As escolas públicas não dispõem de estrutura e material necessário para desenvolver o processo de ensino-aprendizagem de qualidade, os recursos humanos também são afetados pela falta de investimento e essas características se acentuam nas áreas interioranas do país.

Resta ao professor usar as mínimas ferramentas que dispõe para apresentar um ensino significativo para os discentes e as imagens podem fazer a educação alcançar os indivíduos de formas e em contextos variados, usando tecnologias aparentemente simples de apresentação e edição de imagem, usando o simples observar de uma paisagem ou até mesmo as imagens presentes no livro didático podem transmitir a mesma mensagem que um texto longo e complexo, educação é oferecida a pessoas com características e experiências de vida diferentes, é preciso oferecer métodos diferenciados para que o indivíduo possa desenvolver sua capacidade de refletir e tomar decisões. A interpretação de imagens é uma estratégia que pode ajudar muito no ensino das disciplinas de humanas na Educação de Jovens e Adultos (EJA), pois o público dessa modalidade por vários motivos, desde o trabalho, a família, e a dificuldade em acompanhar os conteúdos em decorrência de um longo período fora da escola, apresenta muita dificuldade para realizar leitura e análise de textos que são a base para o ensino das disciplinas de humanas.

Dessa forma pretende-se relacionar atividades e experiências cotidianas com a construção do conhecimento a partir do uso da imagem como ferramenta pedagógica em sala de aula do EJA. Compreender o conteúdo que é ensinado é fundamental para a formação do aluno, contudo aprender a visualizar os temas estudados no cotidiano, nas paisagens, lugares, em interações sociais, econômicas e culturais é a chave para desenvolvê-lo do pensamento crítico social e para a tomada de consciência. A curiosidade instiga a visão, que por

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

sua vez instiga mais curiosidade, permitindo desamarrar da análise crítica. O ensino de geografia precisa contemplar atividades práticas e visuais priorizando o ensino com dinâmicas e interpretações variadas promovidas pelo diálogo.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS – PLANEJAMENTO DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

O Ensino de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino (LDB 9394/96, artigo 37º § 1º) para aqueles que não tiveram oportunidade de conclusão dos estudos no tempo regular. O público é formado por jovens, adultos e idosos, empregados, desempregados ou adolescentes que por algum motivo saíram do ensino regular. Os estudantes procuram o EJA por variados motivos, mas o principal é ter condições de competir no mercado de trabalho. O aluno de EJA precisa de atividades práticas, ações além do uso do lápis e caderno e que lhe dê autonomia para resolver problemáticas. O local para desenvolvimento do trabalho é o Centro de Educação de Jovens e Adultos Senador Guerra - CEJA, situada em Caicó/RN, em uma turma do bloco que corresponde ao ensino médio. É uma escola mantida pelo governo estadual do Rio Grande do Norte e como o próprio nome já indica, oferece exclusivamente o Ensino de Jovens e Adultos com turmas de ensino fundamental e médio nos três turnos de trabalho.

O papel do professor principalmente no Ensino de Jovens e Adultos é mostrar aos alunos que estão acomodados ao modelo social que lhes foi imposto que a sua vivência pode ser reestruturada e ressignificada através do estudo e que ele pode “Ser Mais”. Para Freire (1987, pág. 22) “Os oprimidos, contudo, acomodados, “imersos” na própria engrenagem da estrutura dominadora, temem a liberdade, enquanto não se sentem capazes de correr o risco de assumi-la”. O professor é de fundamental importância para o aluno no reingresso a vida

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

estudantil, o aluno, o aluno-trabalhador e o idoso já tem opinião formada com problemas e vivências, e precisam ser acolhidos de forma coerente. A mediação nessa modalidade de ensino procura incluir e se dá através de temas geradores, estudo de situações cotidianas, codificação de novos vocábulos e ação/reflexão, e o contato com o outro, que tem sua importância pois segundo a Abordagem Sociocultural a aprendizagem é produto do ambiente, da sociedade ou de outros fatores externos ao aluno, ocorre troca de experiências e o aprendizado é coletivo. Para o ensino da disciplina de geografia, além de todas as estratégias citadas o uso de imagens é de imensa importância para o público de EJA pois a análise de uma simples imagem pode resultar em definições, conceitos e críticas, o desafio é incluir e manter todos discentes com possibilidades e interesse de participação, coisa que na maioria das vezes com textos não é possível.

A estratégia foi aplicada na abordagem dos temas Capitalismo, Produção e impactos ambientais e Globalização na turma do Bloco B do Ensino Médio noturno. Para tanto foram escolhidas e disponibilizadas aos estudantes, após um breve estudo do tema, imagens que caracterizam as fases do sistema capitalista, os modos de produção, as inovações tecnológicas, a divisão internacional do trabalho, e expansão das telecomunicações, da produção e do consumo, em ordem cronológica para que depois fosse feita conexão entre os elementos de uma imagem com a imagem seguinte, associar palavras a imagem, pesquisar cadeias produtivas e impactos ambientais. Essas imagens foram disponibilizadas aos alunos em arquivos PDF, PNG, slides e vídeos que os alunos podem abrir no celular, pois novas estratégias de comunicação interpessoal utilizando tecnologias e novas estratégias de aprendizado utilizando situações cotidianas foram desenvolvidas nesse período de distanciamento social causado pela pandemia

de Covid-19. Em outro momento foi pedido aos estudantes pesquisa e apresentação de imagens sobre temas abordados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO – O RELATO DA VIVÊNCIA OU DA PROPOSTA PEDAGÓGICA

O uso de imagens para produzir saber traz consigo a ideia de realidade, de cotidiano e imprimir significados, dessa forma a imagem aproxima teoria e realidade estabelecendo rotas e servindo como ponto de partida para discussões e associação de disciplinas.

Para pôr em prática as propostas de atividades, foi ministrada uma pequena aula sobre imagens, guiando o educando a relacionar imagem e conteúdo, imagem e realidade para formar opiniões coerentes, uso e importância na atualidade, bem como o seu papel de inclusão na EJA, pois em uma única turma pode ter alunos com dificuldade para leitura e escrita ou interpretação de texto, nesse momento foi observado que na turma não tem alunos com deficiência visual. Para Paulo Freire a educação libertadora passa por temas geradores e quando o discente não tem o domínio da grafia a imagem pode ser um canal para o desenvolvimento do diálogo. A geografia dispõe de variados estudos que usam códigos visuais, é o caso da cartografia, do estudo da paisagem, espaço e território, construção e interpretação de gráficos e tabelas que são representações artísticas evoluindo com os estudos geográficos e despertando interpretações críticas sobre o mundo.

A recepção dos alunos para com atividades que envolvem imagem é bem-humorada, e atividades desse tipo sempre são concluídas em menos tempo, há que se observar que nesse período de aulas remotas as devolutivas das tarefas são lentas, quando são devolvidas.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

Dessa forma percebe-se que para a maioria dos alunos foi muito mais fácil aplicar uma definição a uma imagem ou vice-versa e o conteúdo foi compreendido como se apresenta no nosso cotidiano. É importante que durante a formação o indivíduo seja colocado em confronto com imagens variadas, a alfabetização visual é importante na atualidade, principalmente porque nos meios de comunicação, tão usados hoje, o visual predomina o verbal. É preciso compreender criticamente e afinar a sensibilidade.

Para Sousa (1995) Percepção visual é compreender, selecionar e transmitir estímulos ao cérebro gerando interpretações da realidade. O ato de enxergar, olhar é natural do ser humano, mas difere do conceito de ver, uma vez que podemos olhar uma rua, uma cidade e não conseguir ver “tomar consciência” de características e significados presentes naquele meio. O significado da mesma imagem pode ser interpretado de modo diferente por cada indivíduo.

O meio ao qual o indivíduo está inserido (cultura, período histórico, nível de conhecimento e outros elementos) influenciam cada interpretação da imagem, algumas dificuldades foram encontradas pois nem todos os alunos conseguiam abrir as imagens de forma satisfatória por problemas relacionados a internet ou ainda não conseguiam observar detalhes presentes nas imagens sem ajuda externa, alunos com faixa etária mais avançada ou que estavam afastados da escola a algum tempo apresentam certa resistência a participar de atividades que implicam interpretar imagens, para esses últimos a tarefa foi flexibilizada para que fizessem associação de palavras às imagens. A observação tem uma geografia, é móvel em percursos e posicionamentos. Cotidianamente temos percepções diferentes de paisagens e lugares pois o ponto de vista e alguns elementos presentes nas paisagens geograficamente estão em movimento. A visão que se tem de uma casa ao entrar pela porta da frente não a

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

mesma ao entrar pela porta dos fundos. As impressões de que se tem de uma rua no centro da cidade durante o dia não é a mesma à noite, isso indica movimento e linha do tempo, um jovem e um idoso tem impressões diferentes sobre essa mesma rua. O aluno precisa entender que elementos variados podem influenciar no seu processo de percepção de imagem e saber filtrar os elementos que são realmente necessários para interpretação de determinada imagem.

A percepção é o que chega aos sentidos do indivíduo e juntamente com a visão depende da localização do observador, logo entender a paisagem depende da percepção. O cognitivo também é importante, pois pessoas diferentes tem visões diversas sobre o mesmo fato ou imagem. Dessa forma a paisagem (imagem) tem significado, mas depende de cada indivíduo entendê-la o ou deixá-la apenas como imagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura de imagem é além da compreensão de formas, cores e significados, o entendimento contextual. O saber pode ser adquirido pela união de disciplinas, pelo domínio de conhecimentos variados que podem estar tanto dentro da escola como fora dela, é a chamada interdisciplinaridade. A leitura de imagens é a junção do objeto com o conhecimento adquirido pelo sujeito. A visão é natural ao ser humano e ao fitar um texto ele é transformado em imagem aos nossos olhos, dessa forma, o texto é imagem por ser uma linguagem não verbal que pode transmitir a mesma riqueza de detalhes que a escrita. O homem desde o nascimento é exposto a ruas, carros, pessoas etc., e começa a decifrar/ler essas imagens transformando em informações que mais tarde é feita uma relação entre experiência e o que estamos vendo, daí surge o conhecimento. Para o professor a estratégia do uso de imagens é importante para dinamizar o cotidiano e ensinar até aqueles que não

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

querem ser ensinados, pois uma imagem transmitir informações instantâneas e pode ser ligada ao conteúdo com poucas frases.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS. **A Ontogênese e o aprender.** Disponível em:

<<http://www.abc.org.br/2013/04/12/a-ontogenese-e-o-aprender/>>. Acesso em: 05 jun. 2021.

CARLOS, Erenildo João. **Por uma pedagogia crítica da visualidade.** Ed. Universitária da UFPB. João Pessoa, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17ª. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: O novo ritmo da informação.** 8º ed. Campinas, SP. Papyrus, 2012.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996. Disponível em:

<<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>>. Acesso em: 03 jun. 2021

PORTAL EDUCAÇÃO. **Reflexão Acerca das Principais Abordagens Pedagógicas e a Postura do Professor.** Disponível em:<<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/idiomas/reflexao-acerca-das-principais-abordagens-pedagogicas-e-a-postura-do-professor/19174>>. Acesso em: 03 jun. 2021.

ROMAO, J. E. **Paulo Freire e a Imagem.** Educação & Linguagem, v. 13, p. 77-97, 2011.

SOUSA, Rocha de. Percepção visual e representação. In. SOUSA, Rocha de. **Didática da Educação Visual.** Universidade Aberta, Lisboa, 1995. p. 31-69.

UNESCO; MEC;ANPEd. **Educação como exercício de diversidade.** Brasília, 2005.

VIGOTSKY, Lev Semionovitch. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo, Martins Fontes, 1987.

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM DIÁLOGO COM A EDUCAÇÃO VISUAL: IMAGENS, LEITURAS E SABERES

Cristiane Cordeiro Vasques³
Ricardo Santos de Almeida⁴

RESUMO: Este artigo tem como objetivo estabelecer um diálogo entre as perspectivas pedagógicas do pensamento freireano no âmbito da educação da Educação de Jovens e Adultos (EJA) através de diferentes experiências com a imagem visual em uma classe de alfabetização de uma escola da rede pública municipal do Rio de Janeiro. Compreende-se que a educação da visualidade pode se constituir como um caminho possível para a ampliação da visão de mundo favorecendo o pensamento crítico e o despertar do senso estético, estimulando a ampliação da percepção do espaço envolvente, a compreensão do contexto social e suas relações cotidianas. O estudo apoiou-se na literatura de Freire (2001, 2020), Sousa (1995), Alvares (2010), Demo (2004) e Bajour (2012). O percurso metodológico foi marcado pelos princípios da pesquisa qualitativa de cunho participante e utilizou-se de

³ Pedagoga, Mestre em Ensino de Ciência (IFRJ). Docente de Educação de Jovens e Adultos na rede municipal do Rio de Janeiro e Orientadora Educacional na rede municipal de Duque de Caxias (RJ).

⁴Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria. Doutor em Educación pela Universidad Interamericana. Docente da rede pública municipal de Porto Calvo/AL. Pesquisador do: Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais (NUAGRÁRIO/UFAL) desde 2009; Grupo de Estudos e Pesquisa em Análise Regional (GEPAR/UFAL); Geoprocessamento e a Cartografia no Ensino de Geografia (GCEG/UFAL) desde 2016; Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação de Jovens, Adultos e Idosos e Campesinos (NUPEEJAIC/UNEAL) desde 2020; do Grupo de Pesquisa em Educação e Território (UFSM) e Grupo de Pesquisas: Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GPEPEPF/UFRN) desde 2021. Associado ao Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas (CPFreire). E-mail: ricardosantosal@gmail.com.

rodas de conversa para o estabelecimento de uma relação dialógica e participativa. As propostas de intervenção descritas foram realizadas em atividades presenciais (antes da pandemia) e atividades remotas (durante a pandemia). O uso da imagem no processo educativo corroborou a construção de sentidos na leitura de mundo, relacionando ideias e ativando as percepções cognitivas, e proporcionou aos envolvidos o estabelecimento de conexões com o processo de conhecer e fazer, desenvolvendo a autonomia e a liberdade criativa através da apropriação do conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: EJA. Educação Visual. Abordagem freirena.

INTRODUÇÃO

Este estudo apresenta uma reflexão sobre experiências realizadas em uma classe de Educação de Jovens e Adultos (EJA), no município do Rio de Janeiro, analisando-as à luz das contribuições de alguns conceitos de Paulo Freire sobre a construção dos conhecimentos, a leitura de mundo e os temas geradores, relacionando-os à Educação Visual. As experiências pautaram-se na dialogicidade como base das relações entre professores e alunos, exigindo uma escuta atenta e crítica dos saberes trazidos pelos estudantes.

Nas classes de EJA, nos deparamos com um universo de contextos de vida, muitas vezes, marcados por privações e relações de opressão, onde os sujeitos buscam no retorno à escola uma via de acesso aos direitos negados anteriormente e a legitimação da esfera da cidadania em suas trajetórias de vida. Assim, a proposição de atividades que permitam ao sujeito despertar o olhar e aguçar suas percepções, pode ser vigorosa ferramenta de inclusão e aprendizagens diversas, ampliando seus repertórios artísticos, linguísticos e imagéticos, avançando em suas atribuições de sentido sobre a palavra e a imagem, na direção de um ensino emancipatório.

No exercício dos processos de ensino vamos ampliando o repertório de conhecimentos adquiridos ao longo da vida pelos estudantes, possibilitando a aquisição de novas habilidades que transcendem aquelas que fazem parte do processo ontogenético, e as construídas em suas aprendizagens cotidianas. A Educação Visual se apresenta neste estudo como um caminho possível para a ampliação da leitura de mundo favorecendo o pensamento crítico e o despertar do senso estético, estimulando a ampliação da percepção do espaço envolvente, a compreensão do contexto social e suas relações cotidianas. O processo educativo que se estabeleça a partir de relações dialógicas, compartilhamento de percepções e narrativas, abordagens discursivas, pode proporcionar aos envolvidos o estabelecimento de conexões com o processo de conhecer e fazer, desenvolvendo a autonomia e a liberdade criativa através da apropriação do conhecimento.

Atividades que consigam fazer o registro do olhar dos alunos e da própria comunidade escolar são vigorosas fontes de problematização e contextualização na ampliação do conhecimento. Registros fotográficos, atividades de expressão artísticas como desenhos, pinturas e releituras, produção escrita a partir da observação e/ou discussão sobre alguns aspectos do espaço físico etc, podem suscitar o estabelecimento de novas formas de interpretação e interação com o contexto geográfico e social. Assim, tarefas corriqueiras no ambiente escolar, como: ver, falar, ler e escrever vão ganhando novas dimensões e auxiliando a construção de sentidos aos conhecimentos construídos individual e coletivamente. Estas tarefas, compreendidas como corriqueiras por fazerem parte do cotidiano das salas de aula, independente da dimensão metodológica ou ideológica a que estejam vinculadas, pautam-se nas vivências dos alunos, em seus acervos de memória, arcabouços culturais, processos

imaginativos e recursos sensíveis, que permitem interpretar as informações e conhecimentos, tornar visível o mundo até então encoberto pela falta de acesso e, “questionar os próprios testemunhos da civilização em que se integra” (SOUSA,1995).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS – PLANEJAMENTO DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Para o desenvolvimento deste estudo, a metodologia que trouxe maior adequação foi a linha de investigação qualitativa, que possibilitou analisar significados atribuídos pelos sujeitos envolvidos. Como um de suas vertentes, a pesquisa participante traz um bom rol de possibilidades, pois tanto o contexto a ser pesquisado (as atividades desenvolvidas com os alunos), quanto a própria pesquisadora (a professora da turma) foram constituindo-se no decorrer das ações. A pesquisa participante, na concepção de Demo (2004), promove a participação crítica dos envolvidos, auxiliando na produção do conhecimento, mobilizando a reflexão de questões de interesse coletivo e colaborando com a emancipação dos sujeitos. Esta metodologia favorece o conhecimento e a reflexão da realidade a partir da aquisição de novas informações, desconstruindo-a ou reconstruindo-a e fortalecendo o exercício da cidadania a partir da participação efetiva.

O estudo apresentado foi realizado a partir das vivências pedagógicas em uma escola municipal da cidade do Rio de Janeiro (RJ), na zona oeste da cidade. Os sujeitos da pesquisa são alunos de uma classe de alfabetização da modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Foram selecionadas atividades que abordaram a questão ambiental por sua pertinência e relevância na dimensão curricular. Algumas atividades apresentadas foram realizadas antes da pandemia, no ensino presencial e outras no contexto do ensino

remoto.

Um destaque na proposição das atividades selecionadas é que todas favoreceram o trabalho interdisciplinar, a contextualização dos conhecimentos relacionando-os com as situações socioambientais atuais, a diversidade e a inclusão dos saberes e dos sujeitos envolvidos. As atividades ajudaram na promoção de discussões sobre o meio ambiente envolvendo as questões sobre desmatamento, o descarte do lixo, a relevância do olhar, as possibilidades de transformação. Cada temática abordada revelou inúmeras possibilidades de interação e participação dialógica, resultando na apropriação do conhecimento de formacrítica e emancipatória.

Foram realizadas rodas de conversa para o estabelecimento de uma relação dialógica e participativa. Esta abordagem favoreceu a interação entre os indivíduos participantes, expandindo as percepções sobre o próprio indivíduo e os demais, a medida em que estimulou a troca de opiniões, conceitos e posturas sobre as temáticas apresentadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO – O RELATO DA VIVÊNCIA OU DA PROPOSTA PEDAGÓGICA

Foram realizadas algumas atividades onde estiveram presentes o que podemos chamar de princípios da educação visual, como: a experiência estética, as diferentes perspectivas do ver e do fazer, a identificação e a interpretação da linguagem imagética, a partir dos próprios elementos culturais e a liberdade criadora. Nesta dimensão da ação educativa, o uso da imagem pode mediar a gestão do conhecimento num viés interdisciplinar já que favorece a contextualização, a interpretação e a constituição das subjetividades, contribuindo para uma percepção mais ampla do que é representado,

acionando diferentes conceitos de diferentes áreas disciplinares. O uso da imagem está relacionado com a representação do mundo vivenciado pela humanidade. Desde os registros mais primitivos, a realidade era captada e imobilizada pela imagem produzida, respondendo a uma necessidade psicológica de sobrevivência, como se pudesse superar a passagem do tempo e a perspectiva da morte (ROMÃO, XXXX).

A imagem na perspectiva freireana (situação existencial codificada - fotografada ou desenhada, que remete, por abstração, ao concreto da realidade existencial) auxilia na decodificação das situações representadas, estimulando discussões e a busca de significados (FREIRE, 2020). A análise das imagens propostas nos círculos de cultura (experiência educativa realizada por Freire para alfabetizar adultos) possibilitavam, àqueles que não tinham o domínio da língua escrita, a apreensão do conceito de cultura e a exteriorização da visão de mundo e da compreensão da realidade. Variadas áreas do conhecimento se apoiam na arte da representação para possibilitar a construção e constituição de conceitos, que mais facilmente são apreendidos quando imobilizados pela imagem, tal como a Geografia e a Biologia, entre outras.

Com o uso frequente de imagens e recursos midiáticos como filmes, fotografias, gravuras, pinturas etc, o indivíduo vai se familiarizando com a comunicação visual, atrelada ao universo concreto e real do espaço social. São práticas que estabelecem relações, estimulam discussões e auxiliam na construção de narrativas favorecedoras da compreensão do processo de transformação histórico, social e cultural da sociedade, possibilitando o que podemos chamar de a educabilidade do olhar.

Em uma classe de alfabetização de jovens, adultos e idosos de uma escola municipal no Rio de Janeiro são propostas atividades que promovem a educação do olhar. Os

alunos são convidados a observar fotografias, obras de arte, textos literários; são desafiados a desenhar, realizar releituras e dizer a sua palavra sobre o que vêem, percebem e realizam. Nos últimos anos o trabalho pedagógico com esta turma de EJA tem buscado a articulação interdisciplinar através do uso de textos literários, imagem visual e fílmica, possibilitando diferentes experiências significativas de aprendizagem, ampliando as fontes de observação e as formas de expressão e acesso ao mundo comunicativo e repleto de conhecimentos.

EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS E A EJA LINGUAGEM FÍLMICA

O filme *O Menino que Descobriu o Vento* (2010), baseado em uma história real, traz um relato de um povoado africano em Malawi, onde um menino construiu um moinho de vento para solucionar sérios problemas vivenciados por sua família e sua comunidade. Após a exibição do filme, foi proposta a leitura de um texto retirado de um livro autobiográfico de mesmo nome que inspirou a realização do filme. Neste texto, o personagem principal William Kamkwamb, declara que o desmatamento é uma das grandes causas da seca no Malawi e por consequência causa de muitos problemas econômicos e sociais como a escassez de alimentos. Foi feita a projeção do planisfério para que os alunos observassem o mapa do continente africano e localizassem o Malawi e os países vizinhos, para onde os grãos em estoque haviam sido vendidos, piorando a escassez de alimentos apontada no filme.

As discussões evidenciaram que a temporalidade da narrativa foi um fator de grande desconforto para os alunos. É uma história contemporânea. O menino nasceu em 1987 e construiu o moinho com apenas 14 anos. O protagonista só conseguiu retornar aos seus estudos depois que sua história

tornou-se conhecida, em 2006. Os alunos calcularam a idade do personagem e traçaram um paralelo com colegas da classe que tem a mesma faixa etária.

Ao se depararem com este fato, desenvolveram ainda mais empatia com os personagens. Algumas situações apresentadas no filme ativaram vivências arquivadas na memória de alguns alunos, ao relatarem sobre a seca e a carência de oportunidades nos locais onde nasceram.

Na análise sobre a narrativa do filme, os alunos concluíram que a temática ambiental foi abordada ao retratar a venda das árvores, as chuvas intensas e a seca. O filme discute também a importância da escola na vida das pessoas, principalmente em lugares muito pobres, como único espaço para acessar informação e conhecimento, e a necessidade das pessoas se unirem para transformar as situações de opressão e pobreza. Foi destacado também a importância da família e da liderança local.

Muitos conceitos foram ressaltados a partir da exibição deste filme, incluindo os processos de leitura, a questão das matrizes energéticas e ambientais, as relações entre a narrativa filmica e a realidade brasileira, a ativação da memória das experiências pessoais, a construção de narrativas interpelando a realidade apresentada, a formação cidadã, o fortalecimento de ações coletivas em prol do bem comum, a influência política nas situações vivenciadas nas comunidades, entre outras. Enfim, foi possível vivenciar um autêntico processo interdisciplinar que mobilizou a todos. A exibição deste filme rendeu muitas oportunidades de interação. Cada aluno pode dizer sua palavra, e ao ouvir a fala de seus colegas, compartilhou de suas construções de sentido, ampliou seu repertório apreciativo e exercitou uma das dimensões da leitura, reconhecendo-se como interlocutor no processo dialógico, no uso da palavra e da contrapalavra, construindo sentidos não habituais. (FREIRE,2001).

USO DE TIRINHAS (LINGUAGEM IMAGÉTICA E LINGUAGEM ESCRITA)

Outra abordagem didática realizada com a turma em questão a partir do uso da imagem aconteceu em torno de uma discussão sobre a transformação do ambiente no entorno da escola. Os alunos foram desafiados a ler uma tirinha do personagem Chico Bento (de Maurício de Sousa).



Fonte: Google (2021).

Esta tirinha possibilitou a reflexão e discussão sobre o desmatamento sugerido pelas imagens. O sentimento de esperança do personagem, que demonstrava querer contribuir com a recuperação da natureza, provocou um paralelo entre a mensagem da tirinha e uma ação realizada na escola no mesmo período, onde os alunos participaram do plantio de 8 mudas de árvores cedidas pela CEDAE (Companhia Estadual de Águas e Esgotos do Rio de Janeiro) em parceria com o Projeto Replantando Vida. A atividade do plantio aconteceu depois da participação em uma exposição de fotos (antigas e recentes) do entorno onde a escola está localizada. A história do bairro foi resgatada através de relatos de antigos moradores e fotos antigas de áreas verdes que existiam antes da construção de conjuntos habitacionais e da própria escola.

Foram trazidos para a discussão a qualidade de vida dos moradores, as atividades comerciais que existem no lugar, a expansão das moradias, a questão do descarte dos resíduos, entre outros aspectos, contextualizando social e historicamente os problemas ambientais percebidos e identificados no espaço geográfico de moradia.

A leitura da tirinha proporcionou uma reflexão sobre as possibilidades de recuperação ambiental a partir das ações humanas e agregou maior sentido a uma ação do plantio das mudas realizada pelos alunos, que concluíram que o ato de plantar mudas de árvores é uma ação carregada de esperanças de que a natureza se recupere das transformações realizadas. Foi proposta também uma escrita individual sobre os sentimentos que nos tocaram ao ler a tirinha e ao refletir sobre as atividades que realizamos.

USO DE CHARGE (LINGUAGEM IMAGÉTICA)

No ano de 2020, com a questão da pandemia do COVID-19 foi preciso reinventar formas de interação, comunicação e aprendizagem. Os recursos tecnológicos foram potentes ferramentas de mediação para a educação dos processos de visualidade, transformando as telas dos aparelhos de celular em espaços de reflexão, discussão e partilha de experiências, tendo a imagem como elemento da mediação da prática docente.

Em um bloco temático de discussões sobre questões ambientais foi proposta a observação e análise de determinada imagem⁵ e o relato das análises através do recurso de gravação de áudio por um aplicativo de telefone,

⁵Disponível em:

<https://www.facebook.com/faaciitapema/posts/2575271462509133/>. Acesso em abril/2020.

buscando a interação da turma a medida em que os alunos compartilhavam suas percepções e construía suas hipóteses sobre a relação da imagem com o descarte do lixo. A imagem foi utilizada como tema gerador suscitando reflexões, questionamentos e uma nova leitura da realidade vivenciada.



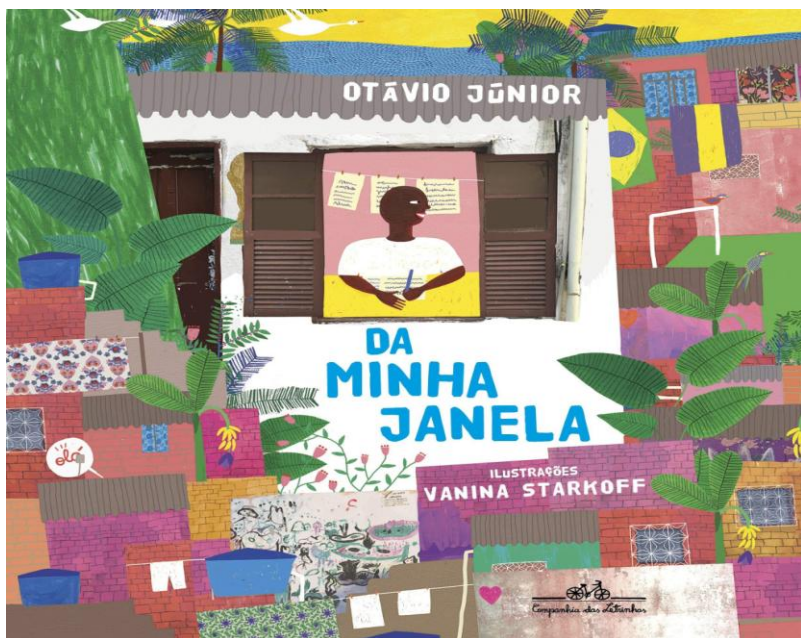
Fonte: Google (2021).

A proposta remeteu os alunos a outros momentos do percurso educativo, quando foi feita a exibição de vídeos com a problemática do mar de lixo no oceano pacífico, trazendo prejuízos para o ambiente marinho e causando a morte de muitos animais. Foi possível resgatar informações importantes sobre a responsabilidade com o espaço público e as consequências de nossas ações para o meio ambiente.

Uso de livro imagem (texto literário e imagem)

A escola, por excelência, lócus da inclusão, da preparação dos indivíduos para sua inserção social e

produtiva, da ampliação do conhecimento e das possibilidades de atuação e participação, muitas vezes, é também o único lugar de aproximação com o livro enquanto objeto de leitura, e para muitos, o único lugar onde o ato de ler é valorizado e destacado como atividade relevante para o desenvolvimento humano. Desta forma, a formação do leitor pensada e organizada como fator de formação integral, acreditando-se que uma prática pedagógica que invista em processos de leitura como equipamento de inclusão, promovendo a aprendizagem em uma abordagem crítica e participativa, pode trazer resultados exitosos ao cotidiano dos alunos. Assim, ainda no contexto do ensino remoto uma outra abordagem foi realizada, desta vez utilizando o livro imagem *Da Minha Janela* (de Otávio Junior).



Fonte: Google (2021).

O livro digital foi enviado aos alunos através de um aplicativo de telefone, e foi também apresentado em uma reunião virtual, onde os alunos participaram da leitura do livro feita pela professora.

Após a leitura, seguida de uma conversa apreciativa que utilizou algumas chaves de apreciação literária⁶ (BAJOUR, 2012), os alunos foram aprimorando suas observações, compartilhando impressões, aguçando o olhar e a imaginação. Foram convidados a registrar as imagens que lhes chamassem atenção ao observar o ambiente do entorno de suas residências através de suas janelas. As imagens registradas foram encaminhadas para a professora, que organizou uma exposição virtual. Os alunos apresentaram suas imagens abordando o contexto em que foram registradas (o horário, a posição da câmera, a iluminação, os elementos presentes na fotografia, os detalhes que mais chamaram a atenção, se foi percebida alguma informação nova no ambiente somente depois de observar a foto etc).

A atividade envolveu todos os alunos que destacaram que ao realizar as fotos “descobriram” imagens que nunca haviam reparado ao olhar de suas janelas, declarando um foco mais atento e uma percepção mais apurada de seu ambiente de convivência, realizando uma observação mais apurada de fragmentos de sua realidade cotidiana.

⁶Conceito utilizado por Bajour(2012) para designar uma estratégia de exploração do texto literário, planejada pelo professor para que os alunos alcancem maior aprofundamento das camadas de leitura presentes no texto.

PAULO FREIRE E O USO DA IMAGEM VISUAL NA GEOGRAFIA: PERSPECTIVAS PARA A

EJA

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)





O ensino remoto trouxe alguns desafios para a execução da intervenção pedagógica, em destaque, a dificuldade de acesso por parte de alguns alunos, que ficaram impossibilitados de participar e interagir. Por outro lado, impulsionou o desenvolvimento de outras habilidades a partir da necessidade de usar as ferramentas digitais, por parte de professores e alunos, aprimorando a comunicação através de áudios, envio de imagens, compartilhamento coletivo de material produzido por professores e alunos e o recurso da leitura e da escrita.

REFLETINDO SOBRE A EDUCAÇÃO DA VISUALIDADE

Os acessos às produções visuais, e as leituras e usos que fazemos delas, interferem e evidenciam a visão de mundo dos indivíduos e dos grupos sociais, constituindo-se na leitura que fazemos da realidade que se apresenta. Os grupos hegemônicos utilizam-se da comunicação visual para transmitir

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

e moldar as classes dominadas segundo seus interesses, fazendo com que a visualidade consista em mais um critério de estratificação e discriminação social. Esta premissa nos alerta sobre a relevância de promovermos a educação pela visualidade nos espaços educativos formais ou informais. A promoção do acesso às produções e espaços de discussões sobre suas potências comunicativas, pode ser fator de contribuição para a redução de desigualdades sociais e promoção de maior participação dos indivíduos nos espaços de decisões coletivas.

Souza (1995), apresenta uma análise sobre os fatores relacionados às habilidades de captar uma imagem ou aparência e representá-la em um registro gráfico ou pictórico. O autor destaca que a percepção visual é considerada a partir de aspectos físicos (recepção da luz, seletividade dos estímulos, transmissão dos estímulos a áreas específicas do cérebro, resolução neurônica das imagens), assim como de aspectos psicológicos (coordenação psicológica consciente das sensações e dos diversos tipos de reconhecimento como as respostas mentais e atos concretos resultantes da percepção visual). Com esta abordagem defende que as percepções visuais compõem vários processos representativos e criativos, e ampliam o domínio da visão, e aponta que a visão como um olhar para o aspecto superficial das coisas, distingue-se da capacidade do ver, ou seja, de passar do nível das sensações para o espaço estruturado das percepções visuais. Segundo o autor,

Ver é ir ao encontro das coisas, é a coordenação consciente dos vários olhares, das diferentes sensações, das diferentes percepções, das próprias memórias que nos informam, em boa medida, os actos e as escolhas. Na verdade, e porque não dizê-lo? Ver é escolher e é julgar. É compreender. (SOUZA, 1995, p. 32)

Sendo assim, ver envolve não apenas as condições fisiológicas do indivíduo mas também as reações psicológicas de cada um diante do objeto observado/percebido pela visão, e as informações que cada um tenha sobre o objeto ou o contexto em que se referencie a imagem observada/percebida. Estes fatores determinam as diversas formas de “organizar as percepções, os julgamentos e as memórias” e podem fazer com que uma mesma pessoa tenha percepções diversas sobre uma mesma imagem ou objeto, de acordo com a variação de suas atitudes psicológicas, seu arcabouço cultural ou até mesmo pelo tempo decorrido entre os diferentes momentos de análise da imagem.

Há um contraponto com a leitura de Alvares (2010), em que a autora trata a questão da percepção visual com a mesma proposição, de que envolve um processo que vai além da observação superficial das coisas e que pode agregar novos sentidos à nossa existência. No entanto, os vocábulos olhar e ver são concebidos em sentido contrário. Enquanto Souza (1995) trata o ver com mais profundidade que o olhar, colocando-o numa dimensão mais profunda na captação de informações a partir da observação do objeto/da imagem, onde é possível fazer conexões com os conhecimentos prévios que se tenha sobre o objeto, Alvares (2010) baseando-se nos estudos de Merleau-Ponty (2000) assim o denomina:

O ver assenta-se na visão ingênua, na adesão imediata ao mundo percebido. O ver habita a fé perceptiva, em que temos uma crença ou uma adesão espontânea ao mundo porque aceitamos o mundo real como mundo percebido, sem qualquer questionamento. Já o olhar questiona e pressupõe uma intencionalidade, olhar é um ato potencialmente doador de sentido. (ALVARES, 2010, p. 96)

E ressalta:

Para ver, no agora, é preciso aprender a olhar, ou seja, é preciso selecionar: retirar da cena o que ecoa e produz sentido em nós. Garimpar significados em meio ao excesso de informações que abarrotam nosso horizonte é extrair do visível o invisível, para então descobrir o que as aparências ocultam (ALVARES, 2010, p. 95).

De volta ao estudo de Souza (1995), um destaque chama a atenção, o que o autor chama de mobilidade visual. Ao olhar um objeto, comumente, realiza-se uma apreciação superficial e é acessado um significado mais genérico, remetendo a dados que se possui de memória, ou mesmo baseado no contexto cultural. Este nível de aproximação com o objeto mobiliza conteúdos que ampliam a apropriação do objeto e a sua significação. No entanto, se o observador tem a oportunidade de fotografar ou filmar este mesmo objeto em diferentes enquadramentos, novas observações podem surgir, o que “prolonga e dilata a mobilidade do ver” (p. 33). Esta experiência corrobora o que o autor afirma: “Vemos sobretudo o que sabemos das coisas” e ainda, “vemos também o que imaginamos serem as coisas”(p. 33).

Um conceito muito presente no texto é o de que a visão não é uma habilidade passiva, ou neutra, ela direciona julgamentos e escolhas, e sofre influências das informações e conhecimentos prévios constituídos pela experiência cultural sobre o mundo que circunda o observador.

O autor aborda também a relação entre a visão e os meios de comunicação, que se apropriam das expressões imagéticas para transmitir sentimentos, ideias e sensações pelo seu poder mobilizador para comunicar com objetiva intencionalidade. A utilização de expansões imagéticas ligadas ao consumo, as diferentes associações de linguagens e

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

códigos visuais e literários alteram o padrão comunicativo das pessoas.

Os estudos na área da percepção e representação visual integram as estratégias adotadas na observação das aparências da realidade, como pontos de vista, aproximações e afastamentos, expectativas etc, como uma geografia da observação, ou melhor, um olhar metódico e intencional para além das aparências percebidas. Assim, “ver é compreender, mas é também refazer, inventar, agir”. Os conhecimentos que se tenha sobre as coisas e seus contextos, amplia a capacidade de compreensão, apreensão, interpretação, reflexão e reelaboração daquilo que se observa.

Neste mesmo estudo Souza (1995) cita ainda o domínio operativo da educação do olhar, propondo diferentes atividades para o exercício e ampliação da percepção visual, das relações entre o ver e o representar, o ver e o refazer, o ver e o reinventar. Os recursos tecnológicos como fotografias e vídeos são apontados como recursos de grande potência no aperfeiçoamento do ver e representar. Ao apresentar as propostas de ação educativa, defende que a memória visual, o entendimento do visível e a captação do invisível podem ser treinados, ampliando significativamente as possibilidades de entendimento sobre o que se dá nas relações cotidianas, naquilo que se concebe como visão de mundo.

Analisando um outro estudo, Paisagem e Geografia de Teresa B. Salgueiro (2001), encontra-se extensa pesquisa bibliográfica percorrendo as transformações ocorridas com o conceito e a concepção de paisagem. Destaca a ruptura da visão teológica medieval quando a paisagem surge na pintura, passando a ocupar lugar na geografia. Salgueiro (2001) discorre sobre as concepções da biogeografia para a qual a paisagem é uma parte da superfície terrestre, e da geografia humana que concebe paisagem sob um viés mais subjetivo, a partir do que é visto e sentido.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

Refazendo o percurso histórico, a autora relata que o estatuto de paisagem surge a partir da mediação com a arte (século XVIII). Neste período a paisagem representava a fruição da natureza como elemento estético, remetendo a um afastamento entre o sujeito e o objeto de contemplação (a natureza). Uma afirmativa presente neste estudo, revela que a pintura desempenhou um papel determinante na construção de códigos estéticos de apreciação da natureza, fazendo com que as pessoas voltassem o olhar para a natureza com uma perspectiva estética, valorizando o território na busca pelo prazer. Um dado interessante trazido pelo estudo desta autora é que o surgimento da paisagem foi acompanhado por uma revolução científica e técnica tornando a natureza objeto de conhecimento, e por outro lado, tornando-a foco de manipulação e transformação para finalidades diversas. Esta nova concepção do espaço natural permitiu a evolução do sentido econômico do território, com a transição da economia natural para a economia capitalista. Assim, muitas modificações foram percebidas, incluindo o desaparecimento de formas tradicionais de organização e o processo de degradação do ambiente.

Inicialmente os estudos sobre a paisagem tinham foco nos elementos e características físicas da superfície dos territórios/regiões, e progressivamente foram incorporando as informações advindas do processo de transformação ocasionado pela ação humana, considerada no texto como “fator decisivo ou principal de transformação”. O interesse pelas concepções de paisagem renasceram no final do século XX, sendo percebido pelo aumento considerável de estudos e eventos envolvendo a temática. Um destaque neste interesse vai para a relação indivíduo-ambiente e às ameaças e perigos que esta relação causa ao ambiente com a exploração demasiada dos recursos naturais.

Contudo, Salgueiro (2001) revela que ainda hoje há

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

geógrafos que persistem na perspectiva ecológica, convergindo geografia e ecologia, ao delimitarem sua concepção de paisagem, estendendo a “tradição naturalista”, que considera prioritariamente a realidade material, as características físicas da superfície da terra, que possam ser observadas e analisadas objetivamente. Um outro segmento de geógrafos, os humanistas, concebem a paisagem numa perspectiva mais subjetiva, considerando a construção mental realizada a partir das percepções e vivências no território. Nesta formulação, o foco está nos sujeitos, nas suas realidades vivenciadas e nas representações que faz a partir de sua visão de mundo.

Teresa Salgueiro baseia seus estudos em vários autores e suas concepções sobre paisagem, dentre eles estão: Relph (1987), Brunet (1974), Cosgrove (1984), Tuan (1979), Kaplan (1989) e Claval (1987). Estes aportes teóricos auxiliam na compreensão de paisagem como “autobiografia coletiva e inconsciente” refletindo gestos, valores, aspirações, crenças, sentimentos, o que carrega a vinculação da paisagem com um sentido cultural, defendido por algumas correntes de pensamento.

A autora discorre sobre a importância do conceito de paisagem e sua transformação ao longo do tempo, tendo variado de acordo com as diferentes linhas de pensamento. Destaca, entretanto, que a ambiguidade conceitual sempre existiu, tendo origem entre aquilo que se vê (a realidade que é objetiva) e o modo como é visto (a percepção que é subjetiva), mas que as abordagens mais atuais tendem para uma valorização maior dos aspectos subjetivos da interação das pessoas com o ambiente, sua interpretação e a modificação, ou não, que realizam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo é resultado de um curso denominado Paulo Freire e o uso da pedagogia da imagem visual em Geografia, realizado de forma remota pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Este curso proporcionou o aprofundamento de conceitos que caracterizam a imagem visual como produtora de conhecimento geográfico, ultrapassando a condição de mera ilustração. Nesta concepção, a paisagem geográfica pode acionar conhecimentos variados que se integram a diversas áreas do conhecimento. O material disponibilizado no curso, colocou luz sobre a possibilidade de transformar o artefato da imagem visual em objeto de investigação e de uso consciente com as necessidades do tempo presente, na formação integral de indivíduos críticos e comprometidos com um espaço social mais justo e solidário, auxiliando na redução das desigualdades sociais.

A fundamentação teórica do curso baseia-se em pressupostos freireanos que concebe a codificação como "um objeto de conhecimento que, mediatizando educador e educandos, se dá a seu desvelamento - representando um aspecto da realidade concreta" (FREIRE, 2001, p. 31). Desta forma, a imagem visual envolve diferentes situações de aprendizagem ao favorecer ao aluno ações cognitivas que envolvem a codificação, a representação, a reflexão, e a dialogicidade.

O presente estudo apresentou propostas de trabalho com a Educação de Jovens e Adultos, utilizando a leitura da imagem como estratégia relevante no processamento das informações e construção de conceitos. A imagem corroborou a construção de sentidos na leitura de mundo, relacionando ideias e ativando as percepções cognitivas. Enfim, as atividades apresentadas contribuíram para a inclusão de

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

alunos e saberes, assumindo a diversidade de experiências, ideias e percepções sobre o contexto social. As propostas perpassaram as vivências dos alunos e os recortes de sua realidade, possibilitaram a apresentação de novas possibilidades de ver, refletir e produzir narrativas orais e escritas, favoreceram a construção e reconstrução de sentidos, significados e conhecimentos, gerando pertencimento ao contexto socioambiental.

As leituras propostas no curso agregaram mais intencionalidade na prática docente favorecendo a superação da educação bancária⁷ denunciada por Freire (2005) ao estabelecer uma prática dialógica de caráter reflexivo. Assim, o processo educativo estabelecido a partir de relações dialógicas, compartilhamento de percepções e narrativas, abordagens discursivas, proporciona aos envolvidos o estabelecimento de conexões com o processo de conhecer e fazer, desenvolvendo a autonomia e a liberdade criativa através da apropriação do conhecimento.

REFERÊNCIAS

BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas:** o valor da escuta nas práticas de leitura. Trad. Alexandre Morales. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

DEMO, Pedro. **Pesquisa participante:** saber pensar e intervir juntos. Série Pesquisa vol. 8. Brasília: Liber livro, 2004.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 42 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 45 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

⁷Termo utilizado por Paulo Freire para designar um processo educativo onde o conhecimento é “depositado”, transmitido ao aluno sem que este participe ativamente da construção do conhecimento, instituindo a cultura do silêncio e a manutenção das relações sociais opressoras.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 46 ed.

São Paulo: Paz e Terra, 2020.**JUNIOR, Otávio. Da minha**

janela. Companhia das Letras.

ROMÃO, José E. Paulo Freire e a Imagem. SALGUEIRO,

Teresa. **Paisagem e Geografia.**

SOUSA, Rocha de. Criatividade ou o homem em

aprendizagem. In: Didáctica da Educação Visual. 1995.

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA): O PAPEL DA IMAGEM NA LEITURA DO ESPAÇO GEOGRÁFICO

Edja Maria da Silva⁸

Maria Aparecida Vieira de Melo⁹

RESUMO: A educação geográfica através das ações didáticas metodológicas pode permitir aos alunos vivenciarem uma interação entre esta disciplina e o seu cotidiano. As diferentes linguagens da Geografia e as suas representações devem se espelhar na vivência diária dos estudantes, para que desenvolvam a capacidade de analisar as transformações correntes. O ensino de Geografia na Educação de Jovens e Adultos- EJA e os seus caminhos pedagógicos, tem atualmente ferramentas que qualificam as aulas de maneira que os alunos

⁸ Licenciada em Geografia pelo IFPE e Especialista em Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos e PROEJA com Ênfase em Didática.

⁹Doutora em Educação pela UFPB (2020). Mestra em Educação, Culturas e Identidades pela UFRPE/FUNDAJ (2015). Pedagoga pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (2010). Especialista em: Psicopedagogia (2012); Gestão Pedagógica (2013); Educação em direitos humanos (2014), Educação do campo (2015), História e cultura dos povos indígenas (2015), Tecnologias e artes (2019). Líder do Grupo de Pesquisas: Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GPEPEPF/UFRN), Pesquisadora do Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais da Universidade Federal de Alagoas (NUAGRÁRIO/UFAL), Pesquisadora do Laboratório de Educação, Novas Tecnologias e Estudos Étnico-Raciais (LENTE/UFRN), e do Grupo de Estudo e Pesquisas Discursos e Imagem Visual em Educação (GEPDIVE/UFPB). Interesses em: Educação do campo, educação popular, movimentos sociais, processos educativos, interdisciplinaridade. Formação de professores. Gestão pedagógica e Políticas educacionais. Livros didáticos. EJA. Transdisciplinaridade. Estágio supervisionado. EAD. Análise Arqueológica do Discurso (AAD). Pedagogia Social. E-mail: m_aparecida_v_melo@hotmail.com.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

possam trabalhar melhor os conteúdos expostos tornando o “como ensinar” tão importante como “o que ensinar”, e o uso da imagem pode viabilizar essa aprendizagem. Para o desenvolvimento do artigo, foram realizadas atividades propostas no Curso de Aperfeiçoamento em Paulo Freire e o uso Pedagógico da Imagem Visual em Geografia, apoiadas em material bibliográfico e atividades realizadas ao longo dos módulos. O objetivo do artigo é apresentar mudanças que favoreçam um aprendizado não apenas funcional e sim, atual e crítico. Como resultado, se espera uma prática pedagógica que possibilite a construção de uma educação geográfica de qualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Geográfica. Imagem. Leitura.

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade muito se discute sobre o processo de ensino e aprendizagem na modalidade de Educação de Jovens e Adultos - EJA e, embora existam alternativas que possibilitem o auxílio de práticas pedagógicas na construção do saber, o Ensino Geográfico nas escolas, requer uma relação entre base teórica do conhecimento e a prática do cotidiano, aspectos que, em grande parte, ainda carecem nessas práticas. Costella (2017) centra sua reflexão na prática pedagógica do professor que deve ser orientada sempre pelos seus estudantes; a partir de seus estudantes. Sendo assim, entende-se que o fazer pedagógico tradicional não permite a interpretação geográfica da realidade socioespacial impossibilitando o exercício do pensamento crítico em um grupo educacional que já possui um vasto conhecimento empírico.

As características do mundo globalizado sugerem que os estudos e as práticas se complementem nos mais variados campos: cultural, tecnológico, social, econômico, entre outros, e a escola torna-se o canal para a construção e análise desses

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

espaços globais e de sua relação interdisciplinar. Com esse processo de globalização, que também é cultural, fica a cargo do ensino da geografia aproximar o local do global, uma vez que estabelecemos relações entre o espaço geográfico construído pelo homem devido às suas intervenções na natureza.

Pensando numa escola que objetiva a construção do conhecimento crítico dos estudantes e na educação como exercício de cidadania, a EJA se constitui em um campo complexo para a atuação de disciplinas que estão além da leitura, escrita e expressões matemáticas convencionais. Seu espaço de atuação vive em confronto com a realidade social dos seus educandos e por esse motivo a perspectiva desse público não pode apenas está voltada para seu aperfeiçoamento em gerar capital humano. Sendo assim, a educação na EJA sempre marcada por processos de exclusão e de lutas pode buscar na Geografia o acesso à construção do conhecimento crítico. Dessa forma, vale ressaltar o que pontua Tomita, 2011:

[...] a EJA é uma modalidade de ensino público no Brasil que visa oferecer uma educação de qualidade para as pessoas que, por mais variados motivos, não tiveram a oportunidade de estudar na idade que seria destinada para este fim. É uma modalidade da educação que possibilita ao indivíduo jovens e adultos regularizar o seu histórico escolar, ao mesmo tempo em que oportuniza retomar seu potencial para desenvolver suas habilidades e competências acumuladas na vida extraescolar ena experiência da vida (TOMITA, 2011, p. 755).

A educação geográfica na EJA quando bem aplicada e apoiadas em didáticas que favoreçam a modalidade de ensino, se distancia de instrumentos de repetições e no mínimo valoriza a argumentação, a indagação e a proposição, respeitando a

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

especificidade da disciplina para construção do saber; para que isso seja possível é importante fazer a ponte entre as diversas linguagens que podem ser utilizadas como instrumento de ensino na geografia e proporcionar ao professor formação continuada facilitando assim o trabalho nessa perspectiva. As diferentes formas de linguagens possibilitam ferramentas que levam o professor e seus alunos a mediar o conhecimento. Essa mediação deverá contribuir para o desenvolvimento educacional do estudante, ampliando a disciplina para além do conhecimento conceitual, promovendo habilidades e gerando atitudes.

Cavalcanti (2003), afirma que

o ensino de geografia tem como finalidade básica de ação, trabalhar o aluno juntamente com suas referências adquiridas na escola e sistematizá-las em contato com a sociedade, com o cotidiano para assim criar um pensar geográfico que leve em consideração a análise da natureza com a sociedade e como estas se relacionam e quais as dinâmicas resultantes deste processo.

Portanto, a prática docente pode trabalhar o pensamento crítico considerando inicialmente os conhecimentos prévios dos alunos tendo a imagem visual como um rico instrumento pedagógico que estimula a reflexão do aluno tanto em situações pessoais quanto dos diferentes grupos sociais que ele frequenta; podendo assim ser tema de diferentes discussões e também do desenvolvimento da arte. A imagem visual nessa disciplina pode promover uma releitura dos espaços proporcionando excelentes resultados pedagógicos.

Dessa maneira, o uso de imagem não é apenas um complemento pedagógico, ele pode ser entendido como forma de constante diálogo de múltiplas escolhas a partir de um ponto palpável, a visão, podendo levar ao discernimento da ciência.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Considerando a necessidade de um melhor desenvolvimento nas atividades que podem facilitar a construção do conhecimento geográfico através de imagens, entendo a criação e implementação de um projeto como facilitador dessa tarefa.

O projeto vem como atividade de intervenção para as turmas da EJA. No início será feito um levantamento bibliográfico para identificar os principais autores que desenvolvem a temática de geografia e leitura visual atrelando aos conteúdos trabalhados em geografia nessa modalidade. A construção desse projeto tem como partida a vivência de cada aluno da turma, experiências coletivas e individuais, afinal, a imagem está presente no dia-a-dia de todos, já que os mais variados meios de comunicação estão fazendo uso dessa ferramenta constantemente tornando-a importante no processo educacional, na aprendizagem. Para um melhor desenvolvimento do Projeto serão implementadas quatro ações que visam direcionar os objetivos e socializar as atividades.

Ações desenvolvidas:

Projeto – No caminho até a Escola: Lendo o Espaço Geográfico através de outdoors, faixas, placas e faixadas.

Primeira ação: Apresentação do Projeto a turma, as informações gerais sobre o tema, as etapas, os objetivos, e os possíveis resultados, como também as atividades desenvolvidas no decorrer do processo.

Segunda ação: Roda de conversa e pesquisa orientada sobre o tema. O conhecimento empírico será o ponto de partida, os olhares dos alunos e suas representações em fala darão início a uma pesquisa orientada. A divisão de subtemas pode ser uma sugestão para melhor facilitar a leitura das imagens.

Terceira ação: Registro das imagens através da escrita.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

Comparação entre as observações de uma determinada imagem por alunos diferentes e a construção de painéis com organogramas que nos levem a entender o pensamento de cada grupo.

Quarta ação: Socialização e apresentação dos matérias produzidos, identificando como o cotidiano vivenciado de cada um, a imagem se identifica e se faz pertencer.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas atividades realizadas durante a vivência do curso sempre em conformidade com a prática profissional voltadas para a visão do estudo da ciência geográfica atrelada ao uso de imagens, foi verificado em muitos momentos uma grande dificuldade de pôr em prática um ensino de Geografia que venha a desenvolver da melhor maneira possível, tanto o potencial dinâmico da geografia escolar, quanto o potencial cognitivo dos alunos, afim de que esses possam compreender a relevância dos conteúdos desta disciplina na sua vida.

Portanto, no período da formação, foi possível observar que os métodos já utilizados (imagens) para construção do conhecimento coletivo da disciplina em questão, normalmente precisava de ajustes que viabilizassem uma atividade pedagógica ampla.

Souza (1995) apresenta a importância da percepção visual e sua representação na constituição da aprendizagem. Ele aponta de forma prática a capacidade que o homem tem em desenvolver o “ver” de maneira integrada a sua atuação na sociedade, resultando assim em reconhecimento de padrões inesperados.

É prático e abrangente aspectos ligados a mobilidade do ver através de meios representativos que podem ser reinventados, julgados e escolhidos ultrapassando a visão além do que sabemos, deixando de ser leituras visuais simples para

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

alcançar gradativamente um patamar de razão com uma visão mais rica e peculiar da imagem apresentada.

TRABALHANDO PROJETOS NA EJA

Fazendo uma relação entre a prática docente da EJA que apesar de não ser o tema central da formação também fora parte da formação e pesquisa, a contextualização e consolidação dos saberes no ensino da Geografia, o pedagógico deve favorecer e possibilitar o conhecimento legítimo inteirando os contextos da realidade aos conteúdos propostos de modo que desperte a curiosidade e o interesse dos educandos pela disciplina gerando a capacidade de percepção de espaço geográfico construído.

Segundo Callai, (2005, p.231):

Para romper com a prática tradicional da sala de aula, não adianta apenas a vontade do professor. É preciso que haja concepções teórico metodológicas capazes de permitir o reconhecimento do saber do outro, a capacidade de ler o mundo da vida e reconhecer a sua dinamicidade, superando o que está posto como verdade absoluta. É preciso trabalhar com a possibilidade de encontrar formas de compreender o mundo, produzindo um conhecimento que é legítimo.

A ideia da pedagogia funcional, aquela que é voltada ao cotidiano do aluno, ela vem favorecer a orientação do professor acerca dos temas abordados na Geografia, desvinculando gradativamente a disciplina da metodologia tradicional e fazendo uma assimilação de equilíbrio do pensamento resultante do processo de autoconstrução contínua inteirando fatores externos e internos, por esses motivos, o trabalho com Projeto se torna uma bússola para nortear as ideias e pô-las em prática. Desse modo, o professor dessa modalidade de

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

ensino, em suas aulas deve criar condições para uma aprendizagem significativa mesmo sem o auxílio da tecnologia, em um discurso conceitual organizado com uma proposta adequada de atividades, buscando superar os obstáculos da aprendizagem. Ele deve ser o protagonista que agregará a didática desenvolvida durante séculos, que proporcionou o aprendizado das gerações anteriores com competência e as novas propostas educacionais, nesse contexto a leitura de imagens, que interagem mais a realidade das gerações atuais.

Quando vinculado a Geografia Escolar ao mundo contemporâneo através dos trabalhos com imagens, a experiência de vida que cada aluno apresenta os seus conhecimentos empíricos.

Conforme Vesentini (2004, p. 220):

[...] uma coisa é certa: o ensino tradicional da geografia – mnemônico e descritivo, alicerçado no esquema “a Terra e o Homem” – não tem lugar na escola do século XXI. Ou a geografia muda radicalmente e mostra que pode contribuir para formar cidadãos ativos, para levar o educando a compreender o mundo em que vivemos, para ajudá-lo a entender as relações problemáticas entre a sociedade e natureza e entre todas as escalas geográficas, ou ela vai acabar virando peça de museu.

Sendo assim, a construção de um aprendizado significativo na vida escolar com uma pedagogia dinâmica utiliza à realidade do discente e busca a inovação constante dos saberes, distanciando-se da metodologia tradicional que conhecemos e vivenciamos na maioria das práticas nessa modalidade de ensino. Aproveitado apenas o que há de melhor, sem o costume corriqueiro, para que na ciência prática se construa novas teorias.

Conforme Cavalcanti (2003), a superação de diversos

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

problemas relacionados ao ensino de geografia pode ser alcançada, também, com base em pistas fornecidas pelos próprios professores da disciplina. Dessa maneira, é necessário além da apresentação do projeto questionar junto aos docentes, como planejar ações, diante da necessidade eminente de se encontrar soluções para situações complexas vivenciadas pelo mesmo em sala de aula. Assim, é fundamental a adoção de novos procedimentos que viabilizem um ensino eficiente e coerente com a atualidade e que possa contribuir para que os alunos se interessem pelos temas propostos em sala de aula.

Em meio a tantas observações cabe ainda enfatizar que os trabalhos realizados com imagens direcionam o conhecimento e as descobertas, essa ótima ferramenta de ensino e aprendizagem, podem ser trabalhadas e a dinâmica existente entre o expectador e a figura apresentada pode facilitar a construção do conhecimento principalmente aliada a trabalhos de diálogos e pesquisa. Na vivência em sala de aula o aluno identifica seus espaços na imagem e ressignifica sua representação.

Sem querer oferecer respostas concretas e definitivas a essa problemática, a habilidade do professor da EJA em nortear sua estratégia de ensino é o que levará o aluno à ação de aprender; sua postura educacional em junção aos métodos práticos, facilitará o aprendizado do estudante, apesar das vulnerabilidades encontradas nos mesmos. Como reflexo da situação vivenciada no mundo, o contexto atual possibilitou uma maior difusão de informações através de imagens, trabalhando assim mediadores que nos chama atenção utilizando as mídias atuais como canais de informação e propagação de fatos.

Também relacionado a imagem, temos a prática docente em seu atual modelo "remoto", que coopera com esse produto de comunicação, divulgando aos diversos públicos educacionais reflexões sobre o papel da mídia e como ela pode ser utilizada pedagogicamente do momento em que a imagem

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

é divulgada até a sua democratização. A imagem quando bem trabalhada facilita meios de aprendizagem e as intervenções pedagógicas práticas foram analisadas para culminar num produto final que se apoia no conteúdo trabalhado e no cotidiano do aluno. O viés freiriano aponta justamente isso, o uso da imagem desperta a construção do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos trabalhos realizados no decorrer do Curso de Aperfeiçoamento, com o intuito de conhecer as práticas pedagógicas vivenciadas através de Imagens e Geografia sob a ótica de Paulo Freire, conclui-se neste artigo a necessidade de pensar uma educação contemporânea que auxilie na construção do saber produzido através das relações entre o homem e o meio.

Nessa perspectiva é de suma importância que o educador busque constantemente novos caminhos e aperfeiçoamento profissional, aliando conhecimentos geográficos e recursos atuais na sala de aula, visando aprimorar as metodologias e trabalhar as possibilidades de mudanças no ensino da geografia escolar. Assim, o professor deve fazer a ponte entre as diversas linguagens que podem ser utilizadas como instrumento pedagógico. A superação da prática convencional pura e simples, adicionando elementos que tornem mais interativa e contextualizada a disciplina, demanda tempo e trabalho porque é necessário conhecer e refletir sobre o processo que envolve a ação docente e seus desafios.

Por fim, a imagem e a sua leitura dominaram as temáticas do Curso durante todo seu processo nos levando sempre a comunicar através da visão Freiriana as ideias de construção do conhecimento formativo com aspectos históricos, culturais e científicos. A função dessa prática, inicia a

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

apresentação de um conhecimento útil em raciocinar e comunicar, estabelecendo ligações vivas entre formador, professor, aluno e os conteúdos estudados.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel. **A educação de jovens e adultos em tempos de exclusão.** In: VÓVIO, Cláudia Lemos e IRELAND, Timothy Denis (org.). **Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos.** 2 ed. Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2008.
- CALLAI, Helena Copetti. **A formação do profissional em Geografia.** Ijuí - RS Editora UNIJUI, 1996
- CALLAI, Helena Copetti. **Estudar o lugar para compreender o mundo.** In **Geografia -práticas e textualizações no cotidiano.** PA: Ed. Mediação, 2002.
- CALLAI, Helena Copetti. **Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental.** Caderno CEDES vol.25 no.66 Campinas, 2005.
- CAVALCANTI, L. de S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos.** 4.Ed. Campinas: Papirus, 2003
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (org). CALLAI, Helena Copetti. KAERCHER, Nestor André. **Ensino de Geografia: práticas e contextualizações no cotidiano.** Editora Mediação. 7ª Edição. Porto Alegre, 2009
- COSTELLA, R. Z.; HOFSTAETTER, A.; UBERTI, L. (Orgs.). **Iniciação à Docência: Espaços, Conexões e Processos no PIBID/UFRGS.** São Leopoldo: Editora Oikos, 2017;
- FILIZOLA, Roberto. **Didática da Geografia: proposições metodológicas e conteúdos entrelaçados com a avaliação.** Curitiba: Base Editorial, 2009.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1983.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

KAERCHER, Nestor André. **A Geografia escolar na pratica docente: a utopia e os obstáculos epistemológicos da Geografia Critica**. 2004. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. PAGANELLI, Tomoko Lyda. CACETE, Núria Hanglei. **Paraensinar e aprender Geografia**. Cortez, 2009. 3ª edição-São Paulo.

SELBACH, Simoneet. al. **Geografia e Didática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Coleção Como Bem Ensinar / coordenação Celso Antunes). Vários autores.

SOUZA. Rocha de. **Didática da Educação Visual**. Universidade Aberta, Lisboa, 1995. p. 31-69. Disponível em: <https://avaproex.sedis.ufrn.br/mod/assign/view.php?id=48178>. Acesso em 19 de mar. de 2021.

TOMITA, Luzia M. S. **Ensino de geografia na EJA e suas representações sociais**. CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE – 10., 2011. Anais [...] Pontifícia Unversidade Católica, Curitiba, PR, 2011. Disponível em: http://ducere.bruc.com.br/cd2011/pdf/4706_2418.pdf. Acesso em: 19 de agosto de 2020.

VESENTINI, J. W. (Org.) **O ensino da Geografia no século XXI**. Campinas: Papirus, 2004.

A IMAGEM ENSINA: UMA ABORDAGEM SOBRE O USO PEDAGÓGICO DA IMAGEM VISUAL EM GEOGRAFIA À LUZ DO VIÉS FREIRIANO

Íris Bezerra Teixeira Souza¹⁰
Ricardo Santos de Almeida¹¹

RESUMO: Este artigo elucida o processo educativo pautado no uso pedagógico da Imagem Visual tendo como viés metodológico as reflexões à luz da concepção Freiriana e buscando confluências com o raciocínio geográfico, tendo sua prática direcionada ao planejamento pedagógico centrado na educação geográfica a ser aplicada na etapa de escolarização dos Anos Finais do Ensino Fundamental. O percurso metodológico está orientado o planejamento pedagógico, disciplinar e interdisciplinar, contendo a seleção de atividades com o uso da imagem visual bem como as reflexões acerca das mesmas no contexto escolar e na mediação do professor como diálogo importante para a compreensão do uso dessa imagem

¹⁰Licenciada em Geografia e Especialista em Educação Ambiental em Geografia do Semiárido (IFRN- Campus Natal Central). Pedagoga pela Faculdade Educacional da Lapa-FAEL; Especialista em Tecnologias Educacionais e Educação à Distância (IFRN-Campus Avançado Zona Leste-EaD.) E-mail: iris.geoifrn@yahoo.com.br

¹¹Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria. Doutor em Educación pela Universidad Interamericana. Docente da rede pública municipal de Porto Calvo/AL. Pesquisador do: Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais (NUAGRÁRIO/UFAL) desde 2009; Grupo de Estudos e Pesquisa em Análise Regional (GEPAR/UFAL); Geoprocessamento e a Cartografia no Ensino de Geografia (GCEG/UFAL) desde 2016; Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação de Jovens, Adultos e Idosos e Campesinos (NUPEEJAIC/UNEAL) desde 2020; do Grupo de Pesquisa em Educação e Território (UFSM) e Grupo de Pesquisas: Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GPEPEPF/UFRN) desde 2021. Associado ao Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas (CPFreire). E-mail: ricardosantosal@gmail.com.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

entendendo-a como um produto social e cultural e que fazem parte do cotidiano dos educandos. O referencial teórico está embasado em autores que versam sobre a imagem visual, permeando um diálogo com autores que enfatizam o uso da imagem como produtora do conhecimento tanto no meio artístico quanto na análise sobre o Espaço Geográfico. Os resultados da pesquisa apontam que planejamento pedagógico com o uso da imagem visual amplia a capacidade subjetiva de análise e o potencial de intervenção na realidade.

PALAVRAS-CHAVE: Ontogênese. Imagem visual. Educação geográfica. Representação.

APRESENTAÇÃO

O artigo ora apresentado remete ao uso da imagem visual como elemento importante na construção do saber geográfico, tendo como pilares epistemológicos as concepções do pensamento de Paulo Freire bem como os aspectos teóricos e práticos da educação geográfica. Nesse ensejo, buscamos aqui evidenciar a imagem visual dotada de peculiaridades as quais contribuem para uma construção do saber que desperte a análise autônoma e crítica por parte dos educandos, mediadas pela ação docente o qual deve se ater ao cuidado metodológico quanto ao uso de recursos imagéticos que visem uma apreciação além do viés estático, mas que sobretudo construam sentidos para aqueles que se propõem a apreciá-las e delas extrair significado.

No âmbito da prática docente, a formação continuada evidencia uma necessidade constante a fim de saber como induzir mudanças na forma de organizar o ensino e, dessa maneira, favorecer a aprendizagem significativa nos espaços escolares. Nessa premissa, entender a imagem visual como objeto de conhecimento e buscar a interpretação de suas

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

nuanças caracteriza-se como um ato contínuo de busca de saberes que enriquecem a prática docente.

Considerando ainda a formação continuada de professores e sua importância para a ampliação dos saberes e práticas, salienta-se que tessitura desse texto está respaldada por um viés teórico-metodológico extraído das discussões ora propostas no Curso de Aperfeiçoamento em Paulo Freire e o uso pedagógico da imagem visual em Geografia, promovido pela Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Norte-PROEX-UFRN.

Instigados pelo desafio de se fazer compreender a imagem como produto sócio-histórico-cultural e seu potencial de despertar o ato de ver e olhar, pelos sujeitos, é que nos propusemos a dissertar sobre a temática em tela.

Nesse sentido objetivou-se observar as possibilidades e potencialidades da transposição didática, utilizando-se de elementos imagéticos, por meio do planejamento pedagógico a partir de proposta de intervenção tendo como enfoque a educação geográfica voltada para estudantes das séries finais do Ensino Fundamental, mas também para a auto avaliação docente enquanto mediador desse conhecimento.

REFLEXÕES INICIAIS

No intuito de iniciar uma compreensão sobre os processos que viabilizam um ato educativo que trabalhe com o uso da imagem visual buscamos um embasamento teórico que pudesse, à luz dos escritos de alguns autores, explicar a relevância dos pontos elencados a seguir:

Primeiramente, ao fazer uma leitura imediata sobre “As considerações em torno do ato de estudar” (FREIRE,1978) podemos apreender que tal feito passa, necessariamente pelo conhecimento, postura crítica, compreensão, dialogicidade, significação, ou seja, estudar exige uma disciplina e postura

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

intelectual que não se alcança de outro modo senão na prática. Em seguida, a compreensão sobre “A Ontogênese e o aprender” (REINACH, 2013) nos remete ao fato de que aprender está intrínseco numa ontogênese, ou seja, num processo que permeia a cultura do indivíduo e que ao longo da vida sistematiza-se em algo mais amplo, a saber: Educação. Posteriormente, tendo por base o entendimento sobre a indagação “Criatividade ou homem em aprendizagem?”(SOUZA, 1995) ressaltam-se elementos como imagens, significação, representação, ver, ser, imaginário, dessa forma, estudar e aprender também compreendem situações que envolvem os aspectos citados. Ademais, buscando um diálogo com Santos (2014), em especial no capítulo 5 do livro *Metamorfoses do Espaço habitado*, o mesmo considera os diferentes olhares sob os quais o espaço é percebido, e por sua vez, as paisagens contidas de elementos artificializados quer seja objeto de conhecimento ou tão somente meio de trabalho, ora compreendidos como processo histórico, ora como produto histórico. Nesse sentido, toda imagem e interpretação sobre a mesma não estará livre desses atributos.

Nesse íterim, considerando-se os enunciados “Ontogênese” e “Aprender” podemos nos questionar: na prática educativa viabilizar/estimular o pensamento crítico e criativo utilizando-se a Educação Visual traz um caminho possível para a leitura do mundo? Sim, pois o papel do professor é primordial no sentido de despertar nos educandos o pensamento crítico. Para isso, é importante propor situações de aprendizagem onde fomentem a observação dos espaços vividos por eles, sempre estimulando a perceber e relatar sobre os elementos contidos no seu cotidiano, associando os eventos locais com os globais, bem como discutir junto com eles que todas as transformações contidas nesse espaço de vivência, ou seja, ao realizar uma interpretação coerente das imagens contidas nesses espaços, eles poderão perceber que estes são

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

resultantes das ações realizadas por eles próprios ao interagir com as paisagens que os cerciam.

Assim, ao provocar nos educandos um olhar mais sensível às imagens, é possível nos processos educativos estabelecer conexões e viabilizar a liberdade criativa? Podemos assinalar que é possível, uma vez que a ação educativa somente terá significação para os educandos quando esta estiver atrelada de sentido ao que está sendo estudado, ou seja, valorizar a experiência extraescolar, pois, parafraseando Freire(2001, p.132), discordamos dos que menosprezam o senso comum, como se o mundo partisse da rigoriedade contida no conhecimento científico, este veio depois daquele e, portanto, é preciso considerar o que o educando já sabe, e experienciar conexões com o conhecimento sistematizado no espaço escolar.

Em seguida, ao pensar uma prática educativa que contemple os aspectos geográficos, como podemos estabelecer estratégias no âmbito do ensino da Geografia (ou outras áreas do conhecimento)? Tal questionamento busca resposta, por exemplo, por meio de atividade de campo, estudo de meio ou atividades práticas(procedimentais) em sala de aula, ampliando o sentido dos conteúdos conceituais e/ou ainda por meio do desenvolvimento de projetos interdisciplinares é possível estabelecer estratégias mais dinâmicas e eficazes, pois o conhecimento não se dará de maneira isolada(disciplinar), dessa forma, os educandos terão maiores desafios a serem descobertos no seu processo de construção do conhecimento.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS – PLANEJAMENTO DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

O processo metodológico aponta para uma proposta de intervenção pedagógica que esteve orientada a partir do planejamento de atividades voltadas para o olhar sensível do

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

professor em relação à seleção de temas geradores para trabalhar a educabilidade do olhar dos educandos acerca da compreensão das imagens visuais. Nesse sentido, pensando nos múltiplos olhares que podem ser inferidos sobre o uso da imagem, evidenciou-se a seleção de temas que pudessem estabelecer um diálogo, num dado momento, com outros campos dos saberes e contextualizá-los com a realidade dos educandos e, em outro, estabelecer situações de aprendizagem focadas no campo do saber geográfico.

No presente artigo interessa-nos destacar a inclusão de proposta de atividades passíveis de serem desenvolvidas com o uso da imagem visual. Dessa forma, pensando numa seleção de conteúdos que pudesse contemplar turmas das séries finais do Ensino Fundamental, foram considerados temas como: Território e Urbanização brasileira, Meio Ambiente, Educação Ambiental, Paisagens e transformações ocasionadas pela ação humana. Tais temas são passíveis de serem trabalhados utilizando estratégias de ensino a partir da abordagem didática que estimulem a percepção dos educandos como agentes construtores e transformadores dos seus espaços de vivência, devendo ter um olhar sensível às questões sociais e ambientais sobre o uso do território e considerado também os múltiplos olhares acerca dos mesmos, ou seja, temas que podem ser mediados com viés interdisciplinar. As estratégias de avaliação devem estar pautadas na avaliação processual, sobretudo, contínua, levando em conta os conhecimentos prévios, a bagagem cultural dos estudantes de modo que para tornar a aprendizagem efetiva, professores devem planejar suas ações considerando tanto o modo como os alunos aprendem como os conceitos que eles já sabem e, dessa forma, mensurar a aprendizagem, se esta foi significativa ou não. (AUSUBEL, 1978, apud Souza, 2011).

RESULTADOS E DISCUSSÃO – O RELATO DA PROPOSTA PEDAGÓGICA

Embora o planejamento sistemático das atividades seja de fundamental relevância para que uma proposta pedagógica logre êxito em sua aplicação, é possível que alguns percalços sejam observados nesse percurso, por exemplo, no atual contexto no qual a sociedade vem passando, a saber, o contexto pandêmico, tanto professor quanto estudantes encontram dificuldades na realização de algumas tarefas, principalmente considerando as adequações que devem ser feitas a cerca de como mediar os conteúdos no ensino remoto e levando em conta também a importância de definir claramente quais os conteúdos conceituais mais relevantes, o que se espera do alunado no tocante aos procedimentos e atitudes a serem desenvolvidos dependendo do tema trabalhado. Nesse sentido, é importante considerar o seguinte questionamento: É possível diante do atual contexto pandêmico consolidar um espaço de reflexão, discussão e partilha de experiências sobre o uso da imagem como mediação da prática docente? É válido considerar que é possível, desde que se tenha em mente que a tecnologia, enquanto produto social, tem se mostrado como instrumento potencializador desses espaços de discussão ao mesmo tempo que partilha de experiências. Entretanto, é necessário termos a consciência de propiciar, tanto a educadores quanto a educandos, uma ação educativa voltada para o letramento digital visto que nem todos sabem(não poque não querem, mas porque existem outras questões a serem consideradas) fazer uso da tecnologia de forma crítica, para somente a partir de então considerar uma análise sobre o uso da imagem como objeto de discussão e troca de experiências como chave para mediação e compreensão do mundo e da sociedade.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

INTERDISCIPLINARIDADE, EDUCABILIDADE DO OLHAR ANÁLISE SUBJETIVA DAS IMAGENS

Considerando os pontos explicados anteriormente, inicialmente foram discutidos entre os pares, ou seja, os docentes, as possibilidades metodológicas de aplicabilidade de conteúdos, elencando temas afins entre as áreas de conhecimento, ressaltando a importância de promover práticas interdisciplinares nos espaços escolares e tirando a visão fragmentada que muitas vezes dificultam a compreensão dos estudantes, pois, assim, ao se pensar em desenvolver temas interdisciplinares, é importante pensar: como a imagem pode mediar a gestão interdisciplinar do conhecimento? De fato, a imagem enquanto signo tem um grande potencial que permeia todas as áreas de conhecimento na produção de sentidos. É por meio dela que a gestão interdisciplinar do conhecimento se apropria dos saberes inerentes a partir do conhecimento disciplinar e converge para a intersubjetividade dos diferentes campos de conhecimento. A gestão interdisciplinar preconiza a necessidade de tomar consciência da importância das relações que os educadores estabelecem entre si, quando buscam a interação pedagógica em busca do fortalecimento das práticas no espaço escolar, as quais resultem na eficácia das situações de ensino e aprendizagem, pois, a interdisciplinaridade constitui-se “uma relação de reciprocidade, de mutualidade, que pressupõe uma atitude diferente a ser assumida frente ao problema de conhecimento, ou seja, é a substituição de uma concepção fragmentária para unitária do ser humano”(FAZENDA, 1994).

A fim de fomentar uma análise crítica por parte dos educandos, podemos questionar: como é possível viabilizar a educabilidade do olhar? Essa viabilização deve estar relacionada ao saber fazer bom uso dos traços culturais presentes nas possibilidades imagéticas tais como elementos

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

impressos, a análise e interpretação das subjetividades presentes na música, no teatro, nas riquezas de símbolos das fotografias, das pinturas, das charges, dos movimentos representativos na dança, etc e no significado de todos esses, buscar a aproximação com a realidade vivida pelos educandos, auxiliando-os a saber contextualizar suas experiências cotidianas com os saberes construídos nos espaços individuais e coletivos. A exemplo de como podemos viabilizar a educabilidade do olhar encontra-se na possibilidade de se trabalhar com plataformas que disponibilizam recursos educacionais abertos- REA, os quais dispõem de uma gama de elementos visuais imagéticos, tais como jogos, ilustrações, simulações, filmes etc., com vistas ao enriquecimento das propostas pedagógicas passíveis de uso de imagem como referencial para a construção do conhecimento. De fato, as possibilidades são variadas e podem facilitar muito a mediação do professor e para exemplificar o uso desses elementos optamos por destacar aqui uma proposta de atividade a qual contemplou o planejamento envolvendo a linguagem fílmica, interagindo conhecimentos das disciplinas de Geografia, História de Língua Portuguesa. Para a realização desse planejamento, observando-se a importância da interdisciplinaridade e seu potencial de articulação e respeitando-se ainda o estudo e o objeto da Geografia, nos apropriarmos da linguagem fílmica afim de ampliar os leques de possibilidades da organização do conhecimento. Nesse sentido, será apresentado a seguir uma possibilidade metodológica contemplando uma ação educativa para fomentar a educabilidade do olhar dos educandos a partir de uma roteirização de aula utilizando a imagem visual presente na linguagem fílmica.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

PAJERAMA: TECENDO SABERES A PARTIR DA IMAGEM PRESENTE NA LINGUAGEM FÍLMICA

Nesta seção, apresentaremos, primeiramente, uma Proposta educativa interdisciplinar com linguagem fílmica:

Curta metragem: Pajerama

Etapa de Ensino: Ensino Fundamental Anos Finais/ EJA

Possibilidades de aplicação: 6º, 7º anos e/ou EJA

Objetos de conhecimento: Território e Urbanização brasileira;

Tema transversal: Educação ambiental, Meio ambiente

Objetivos: Refletir sobre os processos de urbanização. Compreender algumas das consequências das transformações da natureza causadas pelas ações humanas, presentes nas paisagens urbanas. Pesquisar referências da cultura indígena presentes no curta metragem. Elaborar Uma história em Quadrinhos.

Componentes curriculares: Geografia, História, Língua Portuguesa.

O curta metragem Pajerama é projetado numa animação inspirada na cidade de São Paulo e sua relação com o território indígena e com a história. O personagem indígena, o qual em toda a narrativa não se expressa por palavras, mas aguça seu olhar diante das imagens presentes nas cenas do filme, anda na floresta, e em sua caminhada encontra elementos urbanos que interferem em seu território. A animação possibilita a reflexão sobre o encontro da realidade indígena com nossa sociedade. Leva-nos a refletir sobre a expansão do espaço urbano e o modo como o crescimento da cidade se impõe à memória, história e território.

Esta aula foi pensada para ser executada num tempo estimado de 2 aulas de 50 minutos

-Possibilidades pedagógicas:

Geografia: Observação das paisagens natural e cultural, bem como as transformações decorridas na relação espaço temporal

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

do território, presentes nas cenas do filme, a fim de destacar o processo da urbanização em virtude da expansão do capitalismo.

História: Observar o acontecimento dos fatos, desde a percepção da afetividade com o território por parte dos nativos como também a gradativa apropriação deste território pelas sociedades, além de identificar as referências da cultura indígena,

Língua Portuguesa: Produção textual (com linguagem visual e verbal) desenvolvendo os discursos narrativo e descritivo das cenas, em forma de história em quadrinhos, bem como a interpretação dos fatos e elementos visuais, visto que o curta metragem não tem diálogo, cabendo, portanto, uma visão mais aguçada e crítica sobre a interpretação da realidade por parte do observador.

No primeiro momento, reservado para a projeção do curta-metragem, os educandos foram orientados a fazer observações e anotações sobre elementos identificados tanto nas paisagens naturais quanto nos grandes centros urbanos que aparecerem no filme.

No segundo momento, os educandos, sob a mediação docente, expressaram suas interpretações sobre o curta metragem, destacando os pontos em comum com os componentes curriculares envolvidos na proposta pedagógica.

Em seguida, os educandos tiveram como proposta de atividade, a construção de uma representação, à livre escolha, a fim de expressar a apreensão sobre os signos contidos nas cenas do filme, através da linguagem visual e verbal, conforme vê-se nas ilustrações abaixo:

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

Imagem: Representação da paisagem natural sob a influência das tecnologias



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Em se tratando do uso da linguagem fílmica, corroboramos com a leitura do capítulo II, intitulado Percepção visual e representação, contido na obra Didática da Educação Visual, do autor Rocha de Sousa (1995), o qual apresenta uma significação sobre as concepções do ato de ver, em que se pretende destacar um sentido diferente do ato de olhar. Nesse sentido, o significado explicitado pelos educandos revela que, ao analisar as imagens fílmicas, o modo de olhar se traduz numa abordagem interpretativa que transcende uma mera observação, conforme podemos inferir na fala

“Essa maquete representa a paisagem, que era natural, dentro de um notebook, pois a gente entendeu que a

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

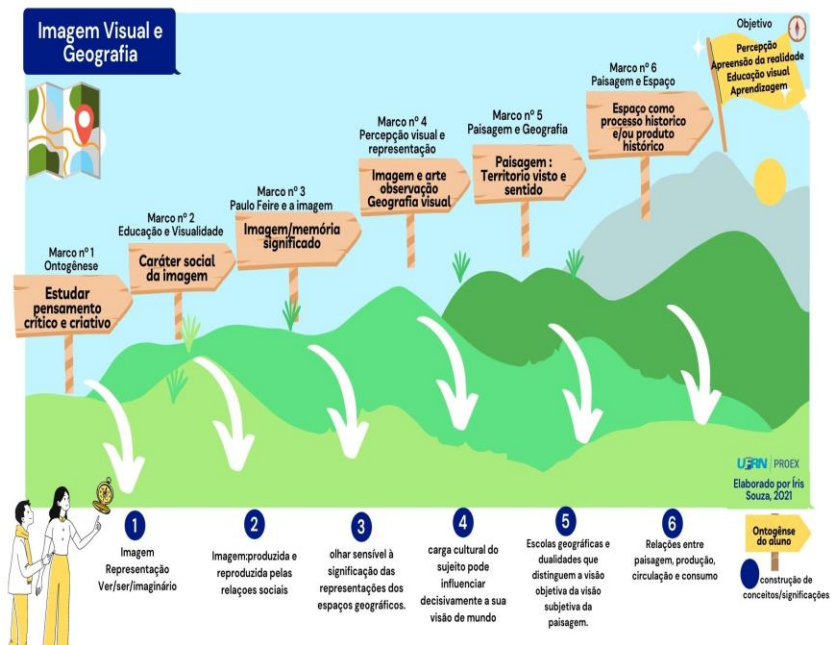
paisagem está sofrendo influência das coisas modernas, o notebook representa a tecnologia". (Informação verbal)¹

O entendimento desses educandos evidencia que, além de compreender o que é uma paisagem, é perceber, por meio das imagens nela contidas, que esta passa por modificações, dentro de um contexto histórico, pois, no que tange a Paisagem natural e paisagem cultural, Santos(2014), considera que, mesmo que uma paisagem não tenha sido tocada pelo homem ela não deixa de ser um alvo para o mesmo, tendo em vista os interesses econômicos e políticos acerca de sua apropriação e que num dado momento a paisagem se apresenta como "um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais; é formada por frações de ambas, seja quanto ao tamanho, volume, cor, utilidade, ou por qualquer outro critério(SANTOS, 2014, p.4). Além disso, fica claro que foi percebido que os estudantes fizeram uma leitura das imagens além do visível, observável, nas imagens retratadas no filme, mostrando, conforme Rocha(1995) que as concepções sobre o ver e o olhar partem da interiorização para a exteriorização a fim de externar o processo apropriativo da observação. Para Freire o uso da imagem reflete-se em "[...] ajudas audiovisuais, favorecendo a realização de aulas dinâmicas [...]" (FREIRE, 1982. p. 59).

Assim, as cenas presentes na narrativa contida no curta metragem Pajerama convergem para um olhar mais atento de quem o assiste, buscando uma imagem interpretativa, considerando que olhar está além do ato de ver. É nesse sentido que o expectador (nesse caso docentes e discentes) podem externar o processo apropriativo da observação em busca de interpretação e análise crítica das imagens presentes nas paisagens, que desvelam as transformações ocorridas no tempo e espaço.

TRILHA DE APRENDIZAGEM: VER/ OLHAR, ENSINAR/ APRENDER

Imagem: Mapa conceitual sobre Imagem Visual e Geografia



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

A segunda proposta temática, explicitada pelo mapa conceitual acima, elaborado a partir da convergência de conceitos apreendidos dos módulos 1 ao 6 do curso de aperfeiçoamento que subsidiou as reflexões desse artigo, tem como objetivo indicar uma Situação de Aprendizagem voltada para as séries finais do Ensino Fundamental, em especial turmas de 8º e 9º anos.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

Na sequência explicitada no mapa, a qual compreende uma trilha de aprendizagem, têm-se os temas trabalhados em coerência com a abordagem teórica deste curso bem como os conceitos da transposição didática a serem desenvolvidos nas turmas, visando uma construção do conhecimento de forma autônoma e crítica, mediada pela ação docente, considerando que conforme Buber apud Fazenda(2003) educador e educando se constroem numa relação dialógica e mútua, ou seja, o envolvimento de um não anula o do outro no processo de ensino e aprendizagem.

Para Sousa (1995) o ato de ver se constitui muito além de uma percepção fisiológica e que os indivíduos que observam dada imagem são dotados de diferentes percepções visuais, passando muitas vezes por um plano mais global e outras vezes pelo plano mais detalhado. Por esse motivo, uma aula exemplificada por meio de mapa conceitual também converge para um exercício de observação e análise da imagem visual facilitando a compreensão dos objetos de conhecimento a serem estudados. Ver, portanto, é “escolher[...] É compreender”(SOUSA, 1995, p.32), o que infere-se que a escolha dos elementos presentes nesse mapa devem estabelecer uma relação de conceitos, mediatizados por meio da imagem, que, num dado momento pode ser estática, mas que ao ser explicada pelo professor, torna dinâmico o processo de aprendizagem. Para Sousa (1995), os comportamentos representativos são resultado das percepções visuais e estas são evidenciadas a partir de um somatório de dados que compõem aquilo que o autor chama de mobilidade visual. Segundo ele, o homem se vale de meios, incluindo os da mobilidade visual, a qual está relacionada à capacidade indagadora do indivíduo, para interpretar a sua necessidade de se comunicar, elencando vários domínios de representação. Isto se torna necessário para que compreendamos que a atividade visual “implica num largo índice de percepções, comportamentos, expectativas,

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

indagações, mobilidade, conhecimentos adquiridos, conceitos, memórias (SOUSA,1995,p.53), expressando-se numa espécie de Geografia visual, que reúne elementos ora estáticos, ora dinâmicos.

Ademais, Sousa (1995) nos convida exercitar a capacidade de ver além do superficial, aprimorando a geografia da observação em detrimento das observações fugazes e, por fim, o autor sugere estratégias pedagógicas a fim de contribuir na ampliação das capacidades visuais. Por isso, a escolha de um mapa conceitual pode ser de muita eficácia nesse processo de apropriação da leitura da imagem, contudo, é bom salientar que, diferentemente de textos e outros materiais educativos, os mapas conceituais não são autoexplicativos, ou seja, requerem explicação do professor, que deve propiciar uma troca de significados com os educandos e, nesse sentido esta postura do professor remete a pensar que a ontogênese da imagem, conforme Romão(2010), trata-se da representação autêntica do mundo concreto, indo além da representação, da metáfora, no intuito de preservar memórias, de imortalizar o mortal, traduzindo sentidos, significações, aos olhos de quem a interpreta. Dessa forma, é válido desenvolver momentos de interação com os sujeitos de forma a trazer uma abordagem construtiva sobre a análise de imagens, observando--as no seu constructo e contextualizando-as com a realidade dos educandos.

A EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA E A EDUCABILIDADE DO OLHAR

A educação geográfica pressupõe a educabilidade do olhar, visto que a compreensão das realidades existentes no próprio espaço geográfico é pautada num olhar crítico sobre os fenômenos que transformam esse espaço. Dessa forma, a utilização de tirinhas numa abordagem da educação geográfica é uma possibilidade metodológica bastante enriquecedora, visto

PAULO FREIRE E O USO DA IMAGEM VISUAL NA GEOGRAFIA: PERSPECTIVAS PARA A EJA

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

que trabalhar esse gênero, além de seu viés interdisciplinar, aguça a criatividade dos educandos.

Um exemplo a ser explanado é de uma atividade proposta para uma turma de 6º ano, na qual, a partir de um conteúdo previamente trabalhado, os estudantes deveriam usar a imaginação e elaborar uma história em quadrinhos sobre a compreensão de um tema específico.

Imagem: Atividade: Proposta de Elaboração de HQ- Adaptada

 Escola Municipal Luiz de França Lima
Aluno: _____ Série: 6º ano Turma _____
Professora: Íris Souza Data: ____/____/2020


»9ª atividade«

Atividade de Geografia- ref.: 2º bimestre (Semana : 08 a 12 de junho)

Tema: Elaboração de História em Quadrinhos-HQ

Nas semanas anteriores você estudou sobre a estrutura interna do Planeta Terra e entendeu que essa estrutura encontra-se dividida e, camadas, sendo elas: A crosta(ou litosfera), o manto e o núcleo. Na litosfera é onde nós e os demais seres vivos se encontra; no manto é a camada viscosa e quente onde se encontra o Magma, que, ao sair pelas aberturas de um vulcão provoca as erupções vulcânicas; por fim, o núcleo é onde se encontram as temperaturas mais elevadas que aquecem o manto e também se encontram alguns minerais como o ferro e níquel. Até hoje, nenhum equipamento foi capaz de chegar até o núcleo, embora seja possível medir as temperaturas do interior do planeta. »No ano de 1964, Júlio Verne lançou o livro "Viagem ao centro da Terra. Nele, o famoso escritor francês, narra a história de um geólogo alemão e de seu sobrinho que, por meio de um vulcão extinto na Islândia, adentraram ao interior do planeta em uma eletrizante aventura. Vários filmes de exploração do interior da Terra foram feitos com base no livro de Júlio Verne, mas nenhum é tão encantador quanto a história escrita por ele no século XIX«

→Agora, imagine que você é um explorador e fará uma **viagem ao centro da Terra**, em um **veículo ultramoderno**. **Desenhe** uma pequena história em quadrinhos **descrevendo** essa aventura e **mostrando**, com base no que você aprendeu nesse bimestre, as principais **características de "cada parte interna do planeta"** e o que você encontrou (exemplo: rochas, minerais, etc). Lembre-se de que você partirá da **superfície (crosta)** para ao **núcleo**, que é o seu destino final. (obs.: Reveja as atividades sobre esses temas para buscar inspiração sobre como fazer sua HQ. As atividades são da semana 18 a 22 de maio -Relevo terrestre) e 25 a 29 de maio-Esteras terrestres). Mãos à obra e boa aventura!

		A partir daqui continue sua aventura eletrizante...

Fonte: Souza (2021)

Temas geradores são

[...] temas que servem ao processo de codificação-decodificação e problematização da situação. Eles permitem concretizar, metodologicamente, o esforço de compreensão da realidade vivida para alcançar um nível mais crítico de conhecimento dessa realidade, pela experiência da reflexão coletiva da prática social real. (TOZONI-REIS).

Esta atividade preconiza o seguinte tema gerador: A formação e as transformações do espaço terrestre, ao passo que, para esta situação de aprendizagem, voltada para o 6º ano do Ensino Fundamental, considerando os conhecimentos prévios dos estudantes e a sua vivência com a realidade concreta discutida durante as aulas, o tema gerador propõe que o aluno se aproprie do gênero tirinha para construir sua própria história traçando o percurso de como se caracteriza as formações internas da estrutura do espaço terrestre, mas que, como ele mesmo irá adentrar na aventura, compondo uma personagem da história em quadrinhos, infere-se de que forma ele, como um agente produtor e transformador do espaço geográfico possa compreender como a natureza terrestre pode estar suscetível as influências da ação humana, desvelando e modificando as paisagens e seus aspectos naturais. Mais uma vez, evidenciamos a perspectiva da interdisciplinaridade, pois por meio da História em Quadrinhos, os educandos desenvolvem outras linguagens, no caso o gênero em questão.

Como produto dessa atividade podemos exemplificar, mediante as ilustrações a seguir, uma HQ elaborada por um educando.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

Esta atividade ilustra a percepção subjetiva que o estudante teve a partir do entendimento do tema proposto e converge para um saber elaborado com o uso de imagem visual, além de caracterizar a expressividade contida na sequência dos quadrinhos.

O artigo Paisagem e Geografia, da autora Teresa Barata Salgueiro (2001), discorre sobre as visões objetivas e subjetivas acerca do conceito de paisagem, desveladas em diferentes tempos e sobre distintos vieses de concepções/correntes e escolas as quais buscaram definir esse conceito das mais diferentes maneiras possíveis. No âmbito das correntes geográficas, ora, sob a ótica naturalista, ora sob a humanista, a paisagem, num perspectiva positivista de análise, é vista como uma parte da superfície terrestre, enquanto numa perspectiva da Geografia Humana, “vê acentuar-se a ideia da paisagem ser um território visto e sentido, cada vez mais subjetivo e elaborado pela mente” (SALGUEIRO, 2001, p.37). Dessa forma, as imagens mentais que vão sendo construídas pelos educandos são resultantes da aferição sobre os princípios de extensão de localização dos fenômenos, os quais preconizam a apreensão crítica da realidade.

O aspecto ilustrativo da atividade desenvolvida pelo estudante, a saber a história em quadrinhos, compreende também a proximidade da paisagem com a pintura, por meio da qual busca-se tratar o significado do conceito de paisagem a partir de uma visão estética e também estática dos elementos que a compunham (SALGUEIRO, 2001). Segundo a autora, “a pintura desempenha um papel determinante na construção dos códigos estéticos da apreciação da natureza”, instituindo, desse modo, novas formas de olhar o território, numa relação social mais crítica de análise deste (SALGUEIRO, 2001, p.38). Considera-se pintura para efeito desse texto, as ilustrações feitas pelos estudantes, estabelecendo uma relação das necessidades do homem e os processos de apropriação da natureza. Nesse

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

sentido, o educador pode e deve fazer a mediação pedagógica buscando perspectiva mais subjetiva, de observação das paisagens, pois, para Salgueiro (2001) a subjetividade da observação da paisagem centra-se em entendê-la como um território visto e sentido.

Conforme Santos (2014) a dimensão da paisagem é a dimensão da percepção a qual está relacionada com processo de seleção, ou seja, as percepções não são únicas, mas dependerão da visão de cada um na busca de interpretação de suas nuances. Por sua vez, os espaços, sendo todos eles geográficos, têm como plano de fundo as ações presentes nos processos de produção das sociedades, que vão modificando as paisagens, criando e recriando novas imagens, conferindo peculiaridades à metamorfose do espaço.

Destarte, as atividades propostas, as quais tiveram um cunho disciplinar, mas também interdisciplinar, alcançaram os objetivos pretendidos, tanto no aspecto das etapas referentes ao planejamento e execução das propostas de atividades, quanto no tocante ao interesse e participação dos estudantes, que, por ora, mostraram-se participantes ativos, apresentando uma compreensão adequada sobre a relação dos temas geográficos com a leitura das imagens visuais, apresentando uma percepção subjetiva das paisagens e também estabelecendo relações com as outras área de conhecimento, o que valida a importância de práticas interdisciplinares nos espaços escolares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando ao final da tessitura desse artigo, evidenciamos o quão é rico o processo de construção do conhecimento quando o docente elege como objeto de conhecimento o uso da imagem visual para fomentar a aprendizagem de seus estudantes. A natureza estruturante das ideias presentes nas indicações de leituras do curso de

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

aperfeiçoamento em Paulo Freire e o uso pedagógico da imagem visual em Geografia caracterizou-se numa construção de sentidos que muito contribuíram nas reflexões sobre teoria e prática docente tendo como elemento norteador o planejamento pedagógico que evidenciasse o uso da imagem visual como potencial de despertar nos educandos uma visão subjetiva quanto a análise da imagem presente nas paisagens, quer seja dos seus espaços de vivência ou não, ou seja, uma interpretação da realidade em diferentes níveis e escalas. Além disso, as práticas interdisciplinares foi um ponto importante para a convergência de saberes, favorecendo a aprendizagem significativa dos estudantes.

No decorrer das leituras sugeridas bem como na práxis dos professores, destacamos alguns questionamentos, a saber:

O que seria a Leitura de imagem? A leitura da imagem compreende um processo de apreciação e apreensão que vai além da natureza estática da imagem, fomentando no observador as subjetividades presentes nos elementos presentes nela e permitindo uma análise crítica, dialógica. A imagem também pode ser um texto? Em consonância com Freire (2002), “[...] A leitura de mundo precede a leitura da palavra”. Dessa forma, a imagem pode ser um texto, visto que ela é constituída de sentidos e subjetividades que se propõe a comunicar algo e dessa forma ser interpretada por quem a lê, num processo em que se interagem os conhecimentos prévios do leitor com a reflexão imbuída de sentidos contidas na imagem. A leitura da imagem constitui a busca do entendimento dos signos e símbolos que a constitui, pois, conforme Conforme Santaella (2012, p. 9), “podemos passar a chamar de leitor não apenas aquele que lê livros, mas também o que lê imagens”, através das imagens é possível entender o mundo em que vivemos, pois a imagem e o sentido que está presente nela tem grande potencial de comunicação que deve ser desenvolvido em sala de aula.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

REFERÊNCIAS

- FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade**: história, teoria e pesquisa. Campinas: Papirus, 1994.
- _____. **Interdisciplinaridade**: qual o sentido? São Paulo: Paulus, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Editora da UNESP, 2001.
- _____. **A Importância do Ato de Ler**: em Três Artigos Que se Completam. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. **Considerações em torno do ato de estudar**. In: _____. **Ação cultural para a liberdade**. 3. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- _____. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- REINACH, F. C. A ONTOGÊNSE E O APRENDER. Disponível em < A ontogênese e o aprender – ABC >. Acesso em: 27. Mai.2021.
- SANTAELLA, Lúcia. **Leitura de Imagens**. São Paulo: Melhoramentos, 2012. (Coleção Como eu Ensino).
- SALGUEIRO, Teresa Barata. Paisagem e Geografia. **Revista Finisterra**, ano XXXVI, vol. 72, p. 37-53. Lisboa, 2001.
- SANTOS, Milton. Paisagem e espaço. In.: **Metamorfoses do espaço habitado. fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia**. 6 ed. São Paulo: EdUSP, 2014. p. 67-81.
- SOUZA. Íris Bezerra Teixeira. **As transformações na paisagem natural pelo uso da tecnologia**. 2021, 1 fotografia.
- SOUZA, R. A. (2011). **Teoria de Aprendizagem Significativa e Experimentação em sala de aula**: integração teoria e prática. 125 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, UFBA/UEFS, Salvador, 2011.
- TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Temas ambientais como "temas geradores"**: contribuições para uma metodologia

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos
Torres (Org.)

educativa ambiental crítica, transformadora e emancipatória.

Educ. rev., Curitiba, n. 27, p. 93-110, Jun. 2006. Disponível

em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602006000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 28 maio. 2021.

A IMAGEM COMO FERRAMENTA MULTIDISCIPLINAR DE CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

José Ricardo Alves¹²

Maria Aparecida Vieira de Melo¹³

RESUMO: O presente estudo nos propõe conhecer o percurso de aperfeiçoamento em Paulo Freire e o uso pedagógico da Imagem em Geografia. Neste percurso formativo foi possível vivenciamos atividades que potencializaram várias reflexões de uma práxis educativa importante, no uso da imagem em diversas atividades, na EJA – Educação de Jovens e Adultos, como também nas demais modalidades da educação. Despertando nosso interesse como docente, quanto discente, possibilitando uma dialética da teoria com as aulas de forma transversal com demais disciplinas, ultrapassando as condições

¹²Formado em Pedagogia pela UNINABUCO, Especializado em Arte e Tecnologia UFRPE, Especializado Educação Profissional em EJA/Proeja, pela IFRN, e Graduando em Letras pela UFRPE.

¹³Doutora em Educação pela UFPB (2020). Mestra em Educação, Culturas e Identidades pela UFRPE/FUNDAJ (2015). Pedagoga pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (2010). Especialista em: Psicopedagogia (2012); Gestão Pedagógica (2013); Educação em direitos humanos (2014), Educação do campo (2015), História e cultura dos povos indígenas (2015), Tecnologias e artes (2019). Líder do Grupo de Pesquisas: Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GPEPEPF/UFRN), Pesquisadora do Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais da Universidade Federal de Alagoas (NUAGRÁRIO/UFAL), Pesquisadora do Laboratório de Educação, Novas Tecnologias e Estudos Étnico-Raciais (LENTE/UFRN), e do Grupo de Estudo e Pesquisas Discursos e Imagem Visual em Educação (GEPDIVE/UFPB). Interesses em: Educação do campo, educação popular, movimentos sociais, processos educativos, interdisciplinaridade. Formação de professores. Gestão pedagógica e Políticas educacionais. Livros didáticos. EJA. Transdisciplinaridade. Estágio supervisionado. EAD. Análise Arqueológica do Discurso (AAD). Pedagogia Social. E-mail: m_aparecida_v_melo@hotmail.com.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

ilustrativas que são rotineiramente apresentadas, sem fundamentação na educação e desconexas da realidade. Salientamos que na mediação da educação com o uso da imagem, criamos possibilidades profundas que estabelece um senso crítico entre o que se ver e o que fazer, processo evolutivo de aprendizagem defendida por Freire. Essa formação foi estruturada, em conteúdos elaborados, em tempo necessário para reflexões, forneceu contribuições didáticas fundamentais para melhoramento do desempenho docente, uma vez que apresenta percurso metodológico que facilita compreensão do ensino e aprendizagem, para entendimento do contexto histórico da imagem e sua relação com a cultura, os grupos socioculturais, influência na educação popular, presente na EJA, portanto devemos refletir sobre a escola no contexto, qual esta foi inserida na sociedade e o modelo de ensino que se pretende propiciar. Ana Mae, que diz, é impossível o desenvolvimento do pensamento divergente, do pensamento visual e do conhecimento representacional (BARBOSA. 2001).

PALAVRAS-CHAVE: Imagem; EJA; educação.

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende dar ênfase ao estudo proposto pela Professora Maria Aparecida Vieira de Melo e o Professor Ricardo Santos de Almeida, sobre o aperfeiçoamento em Paulo Freire e o uso pedagógico da Imagem em Geografia, onde na mediação do percurso desse estudo foi possível vivenciar atividades bastantes reflexivas. A proposta desta formação continuada nos levou repensar nossa prática docente, como também melhorar o conhecimento discente. Formação essa que nos levou a enxergar o profundo sentimento de apreciação que o ser humano traz ao longo da história pela representação da imagem no seu cotidiano até o presente momento. Para Luigi Pareyson (1997) o ato de contemplação de uma imagem, é um

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

estado de quietude e calma que se olha o objeto e de extrema receptividade, no qual se deixa o objeto ser, na sua verdadeira natureza.

A didática proposta pelos Professores, a título de formação continuada, nos proporcionou uma dinâmica interessante, repleta de pergunta e resposta onde foi possível a troca de experiências por meio dos fóruns e no retorno das respostas das atividades, entre outros questionamentos, favorecendo a nossa segurança, quanto ao nosso trabalho com a utilização da imagem, na EJA – Educação de Jovens e Adultos, como também nas demais modalidades da Educação. Esse estudo tem um foco dirigido aos trabalhos realizados na Geografia, de acordo com BARATA Salgueiro, p.40 “Os conceitos de ‘paisagem’, ‘região’, ‘lugar’, ‘espaço’, e ‘território’ são exemplos de áreas privilegiadas pelos geógrafos na sua tarefa de conhecer e estudar a superfície da terra”. Entretanto, essa formação além de nos aprofundar em metodologias que qualifica o ensino da geografia, nos propõe um reforço nas demais disciplinas em suas atividades, como também mesclando todas elas transversalmente.

Podemos dizer que essa formação continuada, chega para nos Professores da Educação de Jovens e Adultos, e das demais disciplina, como uma alternativa clara e objetiva de transformação didática, onde nos desperta a sair da acomodação das práticas tradicionais, para algo que não é novo, pois trabalhar com a imagem visual já eram exploradas há vários anos, não só na antiga disciplina de educação artística, mas também, em uma ou outra disciplina da educação básica, muitas vezes de forma infantilizada e pouco levada a sério. Porém essa formação para aperfeiçoamento em Paulo Freire e o uso pedagógico da Imagem em Geografia, nos fez compreender que algo simples em forma de imagem pode ser transformado em uma grande aula.

Segundo Barata (2001) “A observação da natureza vai

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

fazer-se depois em busca de uma emoção estética, semelhante à que a pintura produz, e de explicações para o seu funcionamento as quais abrem caminho a uma maior exploração e manipulação da natureza”. “Cabe ao Professor despertar em seus alunos um ambiente escolar propício repleto de reflexão, e aberta ao diálogo cultural, mostrando o quanto trabalhar com a imagem pode estar inserida nas diversas esferas do conhecimento, que seja na EJA, ou nas demais modalidades da educação” (ALVES, 2019, p 12).

COMPREENDENDO UM POUCO DA ONTOGÊNESE E O APRENDER

Podemos considera a ontogênese da imagem como uma forma de representação de um gênero, um processo também de natureza dialógica, onde reivindica a autenticidade para uma abordagem social na constituição do desenvolvimento, para qual a imagem tem sua devida importância no processo de ensino aprendizagem, instrumentos de identificação cultural, da percepção individual; como caminho “para compreender e utilizar a imagem como linguagem.

Considerando-se os enunciados “Ontogênese” e “Aprender” como podemos na prática educativa viabilizar/estimular o pensamento crítico e criativo utilizando-se a Educação Visual como um caminho possível para a leitura do mundo? A capacidade humana de aprender faz parte de sua essência, desde o nascimento os seres humanos entram em um processo evolutivo de aprendizagem que é regido por seu meio, portanto a partir da visualização, que tem como uma de suas funcionalidades a mediação, entre o que se ver e o que fazer, o ser humano passa processar e descrever tudo aquilo visualizado, transformando e ou adaptando segundo as suas necessidades, e ainda de acordo com uma leitura de mundo individual, planejar e criar a partir das futuras necessidades de

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

um meio coletivo.

A importância do meio só é sensível num desenrolar histórico, quando as experiências somadas opõem suficientemente as séries individuais umas às outras, para permitirem determinar o papel dos fatores externos. Pelo contrário, a pressão atual das coisas sobre a mente, num ato de compreensão ou de invenção, por exemplo, pode sempre ser interpretado em função das características internas da percepção ou do intelecto. (MUNARI/ Piaget, 2010, p 38).

É possível nos processos educativos estabelecer conexões e viabilizar a liberdade crítica? No processo de mediação da Educação é possível oferecer múltiplas escolhas possibilitando o aprofundamento que estabeleça a conexão viabilizando a liberdade crítica, cabendo ao educador despertar no educando um ambiente escolar propício à liberdade crítica repleto de reflexão, aberta ao diálogo cultural, pensar a educação é pensar os processos culturais de seus sujeitos, processos dos quais emancipe os alunos nas múltiplas formas de expressão, respeitando o que cada aluno traz em seu conhecimento da vida, para isso Freire diz que:

Não podemos deixar de lado, desprezado como algo imprestável, o que educandos, sejam crianças chegando a escola ou jovens e adultos a centros de educação popular, trazem consigo de compreensão de mundo, nas mais variadas dimensões de sua prática na prática social de que fazem parte (FREIRE, 2003).

Portanto, como podemos estabelecer estratégias no âmbito do ensino da Geografia (ou outras áreas do

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

conhecimento)? Podemos trabalhar pedagogicamente a partir do próprio meio onde os alunos vivenciam em sua rotina de vida, envolvendo várias disciplinas de forma multidisciplinar e transversalmente entre elas, utilizando os diversos meios tecnológicos e de comunicação, principalmente a visual, que
Dentre todos os meios de comunicação humana, o visual é o único que não dispõem de um conjunto de normas e preceitos, de metodologia e nem de um único sistema com critérios definidos, tanto para a expressão quanto para o entendimento dos métodos visuais. (Donde,1991) com isso entendo que as imagens são extremamente importantes como auxiliares na compreensão de conteúdos e conhecimentos. “Infelizmente nossos estudantes de modo geral pouco ou nunca foram despertados para terem interesse pela Arte e nem tão pouco em atividades que envolvam análise de imagens e fotografias, porém nunca é tarde para começarmos”. (ALVES, 2019).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS (planejamento da intervenção pedagógica)

Em princípio, antes de realizar uma intervenção pedagógica, no sentido do trabalho pedagógico com a imagem visual, precisamos considerar alguns pontos, como a formação inicial e continuada para os professores sendo essencial, a partir do entendimento e da importância desta valiosa prática pedagógica que é o trabalho pedagógico com a imagem, fazendo uma análise estrutural no currículo da escola, iniciando a partir do perfil dos alunos, identificando suas especificidades, fragilidades e seus avanços.

É fundamental essa análise no planejamento pedagógico, pois servirá de parâmetro nas avaliações futuras e na continuidade estruturação do currículo, que será o ponto de referência para os trabalhos através de uma sequência didática e, ou diretamente nos planos de aula dos professores. As

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

atividades com a imagem visual, poderão ser utilizadas no período pandêmico onde terão boa aceitação em atividades realizadas em turmas da Educação de Jovens e Adultos e nas demais modalidades de ensino da educação. Segundo Romão;

Conclui afirmando que em um mundo dominado pelas imagens, é importante a promoção de pesquisas sobre a imagem, para que a educação contemporânea se desenvolva enquanto instrumento de conscientização e de libertação e que simplesmente rejeitar a imagem, porque ela é manipulada pelos grupos hegemônicos, é abandonar os instrumentos e mecanismos da leitura crítica do mundo. (ROMÃO, 2010, p.77)

Considerando a fala de Romão podemos classificar que o trabalho com a imagem visual além de ser agradável a todos, independentemente, do grau de escolarização ou da idade que o aluno tenha, eleva o raciocínio, é uma reação automática, 'visualizou pensou' estimulando vários sentidos, dependendo do que é visualizado e da forma que aprendemos ou mediamos a sua leitura. De modo geral qualquer imagem impacta em alguma reação, jamais uma imagem ao ser visualizada não gera algum sentido, para alguns, um sentido crítico para outro irrelevante, mas de uma forma ou outra a imagem ficará processada na consciência, emitindo alguma ação ou emoção ou no subconsciente, e intencionalmente ou não intencional, será processada para uma finalidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO (o relato da vivência ou da proposta pedagógica)

Retomamos a reflexão sobre o papel do professor na aplicação de uma proposta pedagógica que desperte no aluno

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

reflexões que deliberam diálogos culturais, podemos fazer com os alunos, atividades interpretativas de leitura de imagem, como também! Utilizando-se de qualquer texto, solicitar que os alunos transformem em imagens, como uma revista em quadrinhos com narrações textuais em forma de balões, e ainda o uso de onomatopéias. Onde você entrega aos alunos uma folhinha de papel ofício/A4 com uma história em quadrinhos com os balões todos em branco para os alunos criarem suas próprias histórias.

Esse exemplo foi uma das atividades realizada em uma turma do módulo I da Educação de Jovens e Adultos, como também foi entregue um texto onde os alunos produziram as imagens que representavam os conteúdos narrados no texto. Essas duas formas de atividades são bem agradáveis, podendo ser utilizadas em várias disciplinas e modalidades da educação. Portanto,

Considerando que a arte é uma forma de expressão do conhecimento onde se pode trabalhar interdisciplinarmente. Considerando ainda que a mesma tem vários significados, de forma a potencializar as demais disciplinas: da matemática com a geometria, na leitura de gráficos, na prática de atividades fracionárias e suas diversas figuras tornando-as bastante coloridas e cheias de vida; na língua portuguesa contextualizando imagens para interpretação, no estímulo a contação de história com a construção das próprias histórias onde os estudantes têm a oportunidade de criarem histórias em quadrinhos e em forma de contos em livretos e até mesmo na construção de figurinhas no cordel; no ensino da geografia com os mapas, o sistema solar e os planetas onde é possível apresentar tecnologicamente por meio das artes digitais em três D, entre outras tecnologias, podendo usar a mesma metodologia no ensino da Ciências Biológica, na História Geral entre outras disciplinas, que podem ser integradas as demais

competências da arte e em seus diversos segmentos, aplicando de maneira que possa potencializar qualquer disciplina. (ALVES, 2019, p 11).

Trabalha com imagem é trabalhar com a arte, é uma maneira de ruptura com as formas tradicionais na educação, antes mesmo das mudanças inovadoras construtivistas da educação e de outras metodologias aplicada ao longo da história. A imagem é autônoma e transcende a Interculturalidade, seu limite é definido pelo próprio aluno, sem limites de idade, a imagem é a própria arte, sendo um dos maiores meios da democratização do conhecimento, tanto é que, foi uma das mais antigas formas de comunicação da humanidade, com as imagens rupestre, representações artísticas na pré-história.

Ana Mae diz que: “Em arte não há certo ou errado, mas sim o mais ou o menos adequado, o mais ou o menos significativo, o mais ou o menos inventivo. A arte na educação contrapõe-se às supostas verdades educacionais e às mais suspeitas ainda certezas da escola”. (BARBOSA, 2005, p. 12). Portanto, pela arte a imagem transita interdisciplinarmente todas as disciplinas, intencionalmente ou não, a imagem tem espaço garantido na Educação independente da metodologia.

E como é possível viabilizar a educabilidade do olhar? A partir de uma conduta de incentivo, é como trabalhar a educação cultural, como os alunos podem absorver novos conhecimentos culturais se a eles não forem apresentados a novas culturas? É a questão da educabilidade do olhar, é preciso apresentar aos alunos, os tempos contemporâneos requerem um novo olhar, mais curioso, mais ativo e, ao mesmo tempo, mais reflexivo que a arte e seu ensino podem proporcionar (BOSCO, 2011). Cabe a todos nós uma reflexão do nosso papel como educador e a importância em despertar

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

no educando a educabilidade do olhar.

É possível diante do atual contexto pandêmico consolidar um espaço de reflexão, discussão e partilha de experiências sobre o uso da imagem como mediação da prática docente? Não vejo contextualmente um espaço mais propício do que esse que estamos vivenciando hoje com essa pandemia, pois é um momento em que todos nos professores e alunos estamos mais sensíveis à reflexão e focados nos meios de reprodução de imagens como: computadores, tablets e aparelhos de 'smartphones', sendo instrumentos de trabalho no uso da imagem como mediação da prática docente. Portanto, para Freire,

A tecnologia no ensino, abre um leque de possibilidades que facilita a interação das disciplinas. O que quero dizer é o seguinte: quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender tanto mais se constrói e desenvolve o que venho chamando curiosidade epistemológica, sem a qual não o conhecimento cabal do objeto. (FREIRE 2006).

Toda a mobilização cognitiva que a aprendizagem requer deve nascer de um interesse, de uma necessidade de saber (TAPIA, 2003, p. 68), muitos alunos, trazem consigo experiências negativas, muitas vezes, não só pela forma dos conteúdos aplicados, mas em muitos casos pela falta de infraestrutura e uma didática inadequada, essa questão negativa pode ser suprida com o uso das novas tecnologias, utilizando vários aparelhos de reprodução de vídeos em sala de aula, de forma contextualizada e culturalmente, aproveitar a linguagem fílmica para ampliar o diálogo e os debates na sala de aula, não só nos períodos das datas comemorativas, como geralmente acontece, mas contextualizar como prática no

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

ensino que promove a interdisciplinaridade, respeitando-se o estudo e o objeto da Geografia e das demais disciplinas.

O estudante precisa compreender o contexto de cada uma dessas narrativas, sua história e suas motivações (funções) sociais. (BRASIL, 2012). Para isso podemos utilizar a seguinte didática: A partir de um filme apresentado em sala de aula, poderíamos dividir a sala em grupos que se comprometeriam em compreender o filme e a partir das reflexões, os grupos apresentariam trabalhos em forma de apresentação teatral, danças, músicas, artes visuais, entre outras propostas, para qual cada grupo representaria uma disciplina, que seria sorteada entre os grupos, ciências, português, história, geografia, matemática, arte, entre outras, onde durante um determinado período uma turma apresentaria seu trabalho em sala respeitando o horário previamente determinado.

As relacione sob o viés Freiriano. Podemos observar a arte em vários aspectos, um desses aspectos é a imagem das paisagens representadas em pinturas de vários artistas a exemplo do pintor espanhol Salvador Dalí, que demonstra em suas pinturas um cenário de situações geográficas, mas não precisamos ir tão longe na identificação de artes envolvendo cenários geográficos, algumas das nossas imagens fotográficas dariam excelentes aulas relativas a nossa geografia. (Freire, 1996) nos diz, “que, um dos sérios problemas que temos é como trabalhar a linguagem oral ou escrita associada ou não à força da imagem, no sentido de efetivar a comunicação que se acha na própria compreensão ou inteligência do mundo”.

Para Romão, fica claro em sua fala sobre Freire, que no conjunto da obra deste autor, existe uma profunda convicção da superioridade da forma de conhecer dos(as) oprimidos(as) devido à incorporação da razão figurativa, ou seja, daquela forma de apreensão do mundo que, para ser crítica, tem de incorporar racionalidade e sensibilidade, onde a produção da imagem seja Geográfica ou de outro gênero produz no autor

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

da imagem uma atitude de busca pessoal e/ou coletiva, articulando a percepção, a imaginação, a emoção, a investigação, a sensibilidade e a reflexão ao realizar e fruir tais produções. Portanto;

Ao reconhecer que, precisamente porque nos tornamos seres capazes de observar, de comparar, de avaliar, de escolher, de decidir, de intervir, de romper, de optar, nos fizemos seres éticos e se abriu para nós a probabilidade de transgredir a ética, jamais poderia aceitar a transgressão como um direito, mas como uma possibilidade. Possibilidade contra que devemos lutar e não diante da qual cruzar os braços. (FREIRE, 1996, p52)

Como é possível relacionar as formações sociais e as imagens nos espaços formais e informais educativos? Atualmente uma boa parte dos alunos estão garantidamente inseridos em algum meio tecnológico, meios tecnológicos esses, que, são responsáveis pela formação social dos mesmos, como também são excelentes meios de produções artísticas e imagéticas, cabe a nós professores apropriar-se desses meios para atuar pedagogicamente mediando essa relação da tecnologia com a educação, onde é preciso fortalecer o processo de aprendizagem na direção da valorização das experiências vividas, dos saberes construídos fora do ambiente escolar, e dentro do ambiente escolar, de forma a trabalhar considerando e respeito às especificidades do educando enquanto sujeito individual e coletivo de uma sociedade onde se aprende nos espaços informais e formais, onde um completando o outro. Com isso;

A evolução dessa relação entre realidade e imagem teve como um de seus princípios fundantes, o olhar coletivo, transindividual. Hoje, "a completa privatização do olhar.

Evidentemente mortal à magia das imagens, é, talvez, também, finalmente, arte” (ROMÃO, 2010, p.85, Apud DEBRAY, op. cit., p. 98)

No texto Romão fala que, como a imagem, ela tem uma função relacional, a escrita de algumas sociedades ainda guarda a dimensão ideográfica dos caracteres, como é o caso da escrita chinesa, em que cada signo preserva as características imagéticas da ideia representada. Esse argumento nos leva a compreender que a imagem é uma das mais antigas formas de comunicação, surgindo a partir informalidade e se solidificando cada vez mais na formalidade, independe grau, número ou gênero, a imagem se faz presente em todos os segmentos da aprendizagem. Segundo Gadotti, “não existe tempo ou espaço próprio para a aprendizagem, à aprendizagem está em todo lugar e é preciso aprender sempre” (GADOTTI, 2000, p. 250.).

Como é possível realizarmos a educabilidade do olhar e promover uma educação geográfica? Uma tirinha pode ser uma boa forma, a baixo um Exemplo.



Um sábado Qualquer. Charge 35. Carlos Rius. 2008. Disponível em: acesso em 24 de abril de 2019.

Imagem: Globalização

Fonte: <https://www.umsabadoqualquer.com/tag/globalizacao/>

Com essa Tirinha poderíamos dá uma boa aula sobre a globalização, debatendo com os alunos questões envolvendo o consumo e os recursos naturais, solicitando que os alunos escrevessem um texto de uma lauda ou mais dependendo em que a turma se encontra. Ainda poderíamos fazer um trabalho de oralidade, solicitando que os mesmos explicassem o que a imagem visual representa, observando e avaliando cada ponto de vista presente em relação a disciplina de geografia ou utiliza transversalmente em outras disciplinas explorando o que foi debatido anteriormente sobre globalização, consumo e recursos naturais entre outros assuntos.

Também podemos utilizar o Mapa Conceitual que é uma forma visualmente agradável e importante para organiza as informações de maneira linear em nossas atividades na EJA – Educação de Jovens e Adultos, mostrando o passo a passo das disciplinas que os alunos terão no bimestre, semestre, e até mesmo das disciplinas por módulos, apresentando um ponto inicial e o ponto final do período escolhido. Bastante fácil de ler as informações, onde estão organizadas de forma sequencial. Na proxima imagem podemos observa um exemplo de ma conceitual com a finalidade de eplicar a sequênciã das atividades realizada no percurso da formação continuada do aperfeiçoamento em Paulo Freire e o uso pedagógico da Imagem em Geografia.

PAULO FREIRE E O USO DA IMAGEM VISUAL NA GEOGRAFIA: PERSPECTIVAS PARA A EJA

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

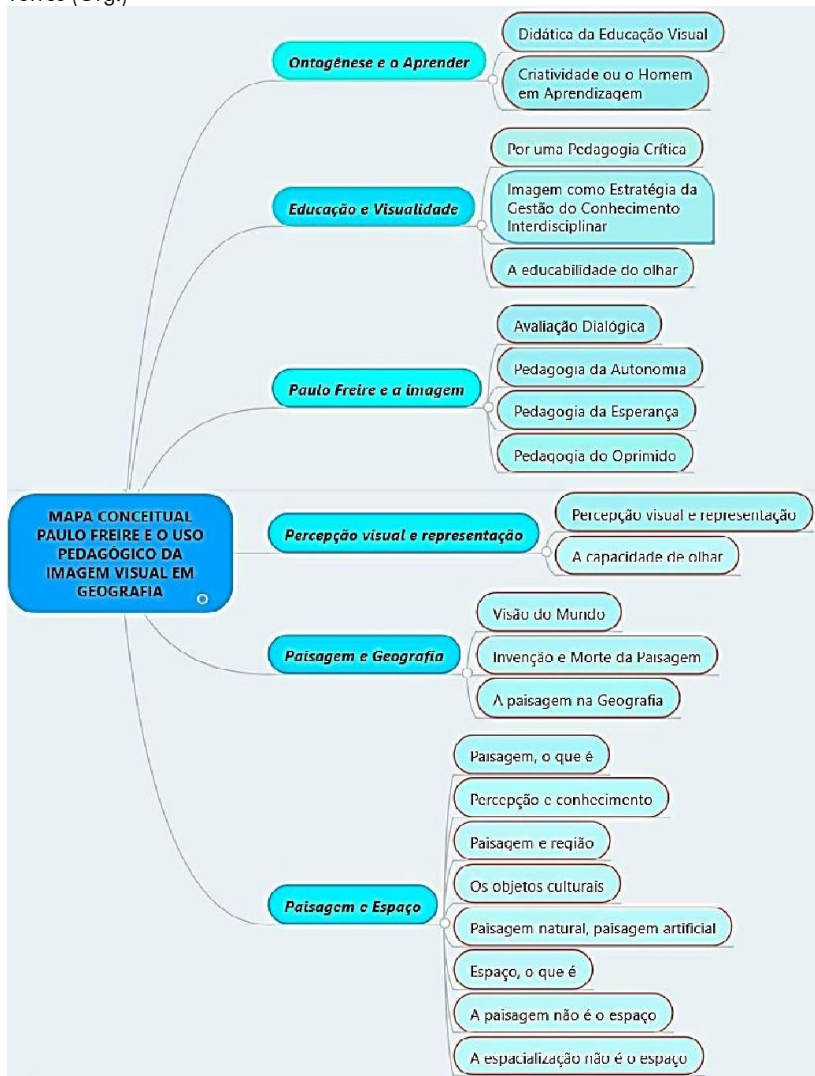


Imagem: Mapa Conceitual

Fonte: <https://app.creately.com/diagram/1idMTa4X2Dh/edit>

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

A CONCEPÇÃO VISUAL DA IMAGEM PAISAGÍSTICA NA GEOGRAFIA

A partir das pinturas, onde os artistas de outrora e artistas atuais expressam seus olhares sobre as paisagens de diversos cenários, cada um expressando olhares em diferentes variações que flui do sentimento único de cada artista, expressões essa que levemente vem sem expandindo nos espaços sociais em uma sociedade multicultural em transformação abrangendo todos os meios sociais, do cultural até o econômico, onde a utilização da imagem se insere na Geografia, quando esta, se constitui como disciplina científica na Alemanha do século XIX, embora o conceito não tenha um sentido preciso. Portanto,

Num primeiro momento a realidade não se dá aos homens como objeto cognoscível por sua consciência crítica. Noutros termos, na aproximação espontânea que o homem faz do mundo, a posição normal fundamental não é uma posição crítica, mas uma posição ingênua. A este nível espontâneo, o homem ao aproximar-se da realidade faz simplesmente a experiência da realidade na qual está e procura. Essa tomada de consciência não é ainda a conscientização porque esta consiste no desenvolvimento crítico da tomada de consciência. A conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica. (TOZONI-REIS, 2006, p105. *apud* FREIRE, 1980, p. 26)

As correntes atuais são marcadas século XX pelo renascer do interesse pela paisagem o que se manifesta no

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

crescimento do número de publicações, colóquios, seminários e associações sobre o tema, cujo alcance atinge e mobiliza o grande público. Durante muito tempo os geógrafos aceitaram que a paisagem era a porção do espaço geográfico que se abrangia com o olhar, estudando como paisagem as características desse espaço, sem observação na transição do físico/biológico para o fenomenal como o modo de ver, na relação sujeito/objeto.

A paisagem é tudo aquilo que podemos visualizar e interpretar, vai além do que os olhos podem ver, a paisagem se molda a o vislumbrar de cada indivíduo, podendo variar de maneira para qual aprendemos, de forma individual ou coletivamente. A percepção vai além do conhecimento, e o conhecimento é adquirimos gradativamente ao longo de nossa vida, a percepção faz parte do nosso instinto, cada um de nós temos percepções distintas, cada qual regida por seu interesse e dependendo da situação, por alguma necessidade.

Em algumas paisagens pode ocorrer constantes mudanças, seja ela artificial ou natural, em algum momento poderá sofrer transformações, as transformações podem ser intencionais e de forma acelerada, em alguns casos não intencionais, algumas mudanças por força da natureza, forma essa mais lenta e menos agressiva, gradativamente. Enquanto que as paisagens naturais, sofrem transformações por força da natureza, em muitos casos imperceptíveis, transformações lentas, mas também sofrem transformações brutas avassaladoras, de forma rápida e impactante, essas transformações na forma intencional pela ação do homem.

Os estudos de paisagem, inicialmente muito focados na descrição das formas físicas da superfície terrestre, foram progressivamente incorporando “os dados da transformação humana do ambiente no tempo, com a individualização das paisagens culturais face às paisagens naturais, sem nunca perder de vista as interligações mútuas. Pelo contrário, a ação

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

humana é considerada fator decisivo ou principal de transformação. (BARATA, 2001, P41).

Muitas dessas transformações causadas pelo homem são marcadas por registros históricos que jamais deixarão de existir, pois, são protegidas pelo próprio homem, mesmo que se transforme em ruínas como é o caso de monumentos histórico em países da Europa ou ruínas de cidades históricas hoje tombadas pelo patrimônio da humanidade. A nossa percepção visual está diretamente ligada a nossa natureza e o nosso bem está emocional e psicológico, por meio da recepção óptica da luz, seletividade celular dos estímulos, transmissão desses estímulos a zonas específicas do cérebro, esse sentido emocional é o que nos difere, o que torna cada um de nós únicos em nossos sentimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente uma boa parte dos alunos estão de uma forma, ou de outra inseridos em algum meio tecnológico, meios tecnológicos esses, sendo responsáveis pela formação social dos mesmos, como também são excelentes meios de produções artísticas e imagéticas, cabe aos professores apropriar-se desses meios, atuando pedagogicamente mediando a relação tecnológica com a educação. Precisamos fortalecer a aprendizagem na direção da valorização das experiências vividas, dos saberes construídos dentro e fora do ambiente escolar, considerando o respeito às especificidades dos alunos enquanto sujeito individual e coletivo de uma sociedade onde aprendem nos espaços informais, formais e não formais, relação social essa que acontece desde sempre ao longo da história, onde um contribui com o conhecimento do outro e todos contribuem com o conhecimento de todos.

Segundo Freire, o diálogo em que se vai desafiando o grupo popular a pensar sua história social como a experiência

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

igualmente social de seus membros, vai revelando a necessidade de superar certos saberes que, desnudados, vão mostrando sua “incompetência” para explicar os fatos” (FREIRE, P. 2006, p. 81).

A professora e o professor precisa assumir uma postura mais relacional, dialógica, cultural, contextual e comunitária. Durante muito tempo, a formação do professor era baseada em “conteúdos objetivos”. Hoje, o domínio dos conteúdos de um saber específico (científico e pedagógico) é considerado tão importante quanto as atitudes (conteúdos atitudinais ou procedimentais). (GADOTTI, 2011, p. 35).

Ele ainda diz que o professor não pode ser um mero executor do currículo oficial, e a educação já não é mais restrita à escola, pois está em toda comunidade. (GADOTTI, 2011, p.35) A história da educação ao longo dos anos já vem sinalizando que a maneira de ensinar precisa ser reinventada, para uma didática que valorize a expressão cultural da sociedade e seus registros seja por imagens ou outros meios de expressão, hoje com todo advento tecnológico no registro de imagens temos mais que o suficiente com a utilização da leitura de imagem de forma pedagógica nos proporcionando a habilidades crítica para, avaliar e interpretar o nosso meio social, dentro de seu contexto histórico, político e cultural. Deste modo, é necessário começar a “educar o olhar da criança desde a educação infantil, possibilitando atividades de leitura para que além do fascínio das cores, das formas, dos ritmos, ela possa compreender o modo como a gramática visual se estrutura e pensar criticamente sobre as imagens” (BARBOSA, 2008, p.81).

A imagem tem essa potencialidade, nos levando a lugares muito distantes mesmo sem ao menos nos mover, mas para isso acontecer, devemos seguir o que disse Ana Mae em sua referência precisamos nos educar para essa antiga, mas

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

pouco utilizada a leitura de imagens, não basta como professores se sensível a essa nova metodologia, mas que possamos transferir em nossas didáticas de aula a nossos alunos, independente da modalidade, que seja na da Educação de Jovens e Adultos ou nas demais modalidades da educação, como também para os alunos dos cursos das diversas licenciaturas, futuro professores e multiplicadores, desta didática tão exitosa.

REFERÊNCIAS

ALVES, Jose Ricardo. **A Importância do Ensino da Arte Para a Alfabetização na Educação de Jovens e Adultos (EJA)**. 2019. 7 f. Trabalho de Conclusão de Curso – UFRPE

BARBOSA, Ana Mae. **John Dewey e o ensino da arte no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2001

BARBOSA, Ana Mae (org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 5º Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BARBOSA, Ana Mae Barbosa; CUNHA, Fernanda (Org.). **Abordagem Triangular no ensino das Artes e Culturas Visuais**. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

BARATA SALGUEIRO, T. **Paisagem e Geografia**, CEG-UL, Lisboa, Portugal 2001. p.40

BOSCO, Maria Cristina. **O ensino da arte contemporânea**. 118f. Dissertação (mestrado). Pós-graduação Interunidades em Estética e História da Arte. Universidade de São Paulo, São Paulo, SP. 2011.

BRASIL, Ministério da Educação, **História na Educação de Jovens e Adultos**, 2012

<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/propostacurricular/segundosegmento/vol2_historia.pdf>

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da Linguagem Visual**. São Paulo; Martins Fontes, 1991.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

ERENILDO, João Carlos, **Por uma pedagogia crítica da visualidade**, p.246, Editora Universitária da UFPB, João Pessoa, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da Educação**. –Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

GADOTTI, Moacir. **Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta**/ Moacir Gadotti, José E. Romão (orgs.). --- 12 ed.--- São Paulo: Cortez, 2011, p. 17, 35

MUNARI, Alberto. **Jean Piaget** / Alberto Munari; tradução e organização: Daniele Saheb. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 156 p.: il. – (Coleção Educadores)

PAREYSON, Luygi. **Os problemas da estética**. Tradução de NERY GARCEZ, M. H. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

REINACH, Fernando, **A Ontogênese e o Aprender**, artigo do Acadêmico, professor titular da Universidade de São Paulo, publicado no jornal O Estado de São Paulo, 2013.

ROMÃO, José Eustáquio. **Paulo Freire e a imagem**. (Uninove), São Paulo; Diretor Fundador do Instituto Paulo Freire, 2010.

SOUSA, Rocha de - **A Televisão na Formação Estética e Artística**», Encontro Ibérico de Instituições de Ensino a Distância – BARTHES, Roland. **O Óbvio e o Obtuso**, Edições 70. Programa de Educação Visual, 1982.

TAPIA, J. A.; FITA, E. C. **A motivação na escola. O que é como se faz**. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

TOZONI-REIS, M. F. C. **Temas ambientais como “temas geradores”:** contribuições para uma metodologia educativa ambiental crítica, transformadora e emancipatória. Educar, Curitiba, n. 27, p. 93-110, 2006. Editora UFPR.

A PEDAGOGIA DA VISUALIDADE NA EDUCAÇÃO POTIGUAR DE JOVENS E ADULTOS

Soraneide Soares Dantas¹⁴

Ricardo Santos de Almeida¹⁵

RESUMO Este trabalho discute a representação do uso pedagógico da imagem visual no ensino, como estratégia efetiva da educação potiguar de jovens e adultos, referendado nos pressupostos da educação em Paulo Freire e sua relevância na formação do educador. A questão da educação e da visualidade, baseado no uso da imagem como objeto do conhecimento, segue o percurso teórico e prático de CARLOS (2012). No percurso metodológico, optamos pelo uso de tirinhas das histórias em quadrinhos, como ponto de partida para a sistematização do conhecimento curricular nos espaços educativos. No domínio operativo, amplia-se o debate em torno da perspectiva do educando, em relação a noção do “percebido”, e da comunicação daquilo que é “nomeado”, como manifestação cultural, através da narrativa visual sobre a

¹⁴Professor Doutor em Educação (UFRN). Mestre em Educação (UFRN). Especialista em Educação de Adultos e Administração Educacional (UFRN), com licenciatura em Pedagogia (UFRN). Pesquisadora na área de formação e profissionalização do educador. E-mail: neidesd@uol.com.br

¹⁵Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria. Doutor em Educación pela Universidad Interamericana. Docente da rede pública municipal de Porto Calvo/AL. Pesquisador do: Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais (NUAGRÁRIO/UFAL) desde 2009; Grupo de Estudos e Pesquisa em Análise Regional (GEPAR/UFAL); Geoprocessamento e a Cartografia no Ensino de Geografia (GCEG/UFAL) desde 2016; Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação de Jovens, Adultos e Idosos e Campesinos (NUPEEJAIC/UNEAL) desde 2020; do Grupo de Pesquisa em Educação e Território (UFSM) e Grupo de Pesquisas: Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GPEPEPF/UFRN) desde 2021. Associado ao Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas (CPFreire). E-mail: ricardosantosal@gmail.com.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

percepção do espaço geográfico, conforme FREIRE (2019a; 2019b) e SOUSA (1995) e as contribuições de SALGUEIRO (2001) e SANTOS (2014). A mediação do educador é importante neste processo formativo de jovens e adultos, segundo os critérios de interdisciplinaridade, contextualização, diversidade e inclusão no amplo domínio do estudo temático. Os resultados obtidos indicam que o percurso visual da leitura de um novo elemento do real envolve um processo interativo entre memórias e referências próximas da visão da realidade apreendida. Portanto, os estudos e investigações realizadas indicam a relevância do alfabetismo da cultura visual e da epistemologia da visualidade na formação do educador.

PALAVRAS-CHAVE: Pedagogia da visualidade. Geografia do ver. Formação do educador.

INTRODUÇÃO

A problemática em torno da formação e profissionalização do educador passa pela questão da democratização da cultura visual, por meio da organização do trabalho pedagógico de jovens e adultos em processo de escolarização básica. No percurso da formação de professores no curso de licenciatura em Pedagogia da UFRN e rememorando a minha trajetória de estudos e investigações sobre os estágios curriculares supervisionados de formação de professores na educação básica, se percebe os descompassos entre as práticas cotidianas na educação potiguar e a formação acadêmica, na perspectiva da didática visual.

Este trabalho discute a representação do uso pedagógico da imagem visual, como estratégia efetiva da educação potiguar de jovens e adultos, referendado nos pressupostos da educação em Paulo Freire e sua relevância na formação do educador.

Na base do estudo sobre a questão da educação e da visualidade, introduzimos a discussão da imagem como objeto do conhecimento, seguindo o percurso teórico e prático de CARLOS (2012). E assim, passamos a compreender que a relevância da cultura visual na formação do educador perpassa a representação social da imagem na educação potiguar, tomando como suporte interpretativo as representações visuais presente na sociedade.

Seguindo a trajetória dos estudos em FREIRE (1981; 1996; 1997; 2019a; 2019b); REINACH (2013) e SOUSA (1995) orientam a discussão sobre a ontogênese e o aprender, envolto no princípio fundamental de que a *leitura do mundo precede a leitura da palavra*, segundo as proposições da pedagogia da comunicação. Neste caso, percebe-se que o pensamento crítico e criativo faz parte da seleção natural das características comportamentais de nossa espécie e, portanto, incorporados à nossa ontogênese.

Na prática educativa de jovens e adultos, o uso pedagógico da imagem visual precede a leitura da palavra, utilizando-se da apreensão de elementos culturais da leitura de mundo dos educandos, pois retratam o modo de ver e perceber a realidade.

Na segunda parte deste estudo, procuramos sistematizar os aspectos metodológicos percorridos na elaboração da narrativa visual no ensino, através do uso pedagógico de imagens visuais em tirinhas de histórias em quadrinhos, com vistas a autonomia criativa e crítica do educando, a partir delas. A dinâmica de trabalho versa sobre o meio ambiente como tema gerador, por meio da narrativa visual sobre a percepção do espaço geográfico.

A terceira parte resulta da discussão em torno da importância da narrativa visual no ensino potiguar de jovens e adultos, com vistas a determinar a relevância do alfabetismo da

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

cultura visual e da epistemologia da visualidade na formação do educador.

À guisa de considerações finais, o estudo evidencia o entendimento criativo do visível, pautado no processo da criação do ver, refazer e inventar. Portanto, a verdade do visível é relativa. Por fim, salienta-se a questão da diversidade e da inclusão, no contexto da epistemologia da visualidade na formação e profissionalização do educador potiguar.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No estudo sobre a representação do uso pedagógico da imagem visual no ensino, como estratégia efetiva da educação potiguar de jovens e adultos, traçamos uma proposta básica no contexto do alfabetismo da cultura visual, considerando a epistemologia da visualidade, segundo SOUSA (1995), mas também referendado na premissa freireana, segundo o qual o homem é um ser de relações, ou seja: o homem é capaz de captar os dados da realidade. Logo, pode-se inferir que o uso pedagógico da imagem no ensino potiguar, consiste num instrumento de conscientização e representação de um mecanismo de leitura crítica do mundo.

Desse modo, optamos pelo uso de tirinhas das histórias em quadrinhos, que se efetiva a partir da narrativa da história de vida dos educandos, como ponto de partida para a sistematização do conhecimento curricular do espaço geográfico. Neste caso, consideramos a hipótese da dimensão operativa numa escola pública, que retrata o perfil da educação potiguar de jovens e adultos, na perspectiva da educabilidade do olhar.

No contexto da educação de jovens e adultos, programamos uma oficina de leitura e produção de textos orais, por meio da narrativa visual sobre a percepção do espaço geográfico. No domínio operativo, amplia-se o debate em torno

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

da perspectiva do educando, em relação a noção do “percebido”, e da comunicação daquilo que é “nomeado”, como manifestação cultural, por meio da linguagem verbal. A mediação do educador é importante neste processo formativo de jovens e adultos em fase de escolarização básica, pautado no amplo domínio dos critérios de interdisciplinaridade, contextualização, diversidade e inclusão do estudo temático.

Neste caso, partimos da premissa de que a alfabetização é um ato libertador e conscientizador. E a execução prática do método Paulo Freire esta pautada nas etapas evolutivas da seleção e organização do universo vocabular, que gera as palavras promotoras de situações existenciais. A programação do uso da situação-problema, por meio das tirinhas como mediadora da narrativa visual do educando, inseriu o tema de pesquisa sobre o meio ambiente, no bojo do trabalho pedagógico em torno do espaço geográfico. Trata-se da representação visual de situações existenciais “codificadas” (imagens visuais em tirinhas) que foram decodificadas por meio do exercício da narrativa visual dos educandos, a partir da reflexão crítica de representações de situações vivenciadas, com base na relação teoria-prática, subjetividade-objetividade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No tratamento do uso pedagógico da imagem da tirinha em quadrinhos e da narrativa visual no ensino potiguar de jovens e adultos, obteve-se como estratégia efetiva uma proposta pedagógica pautada na metodologia da pesquisa com base no tema gerador sobre o meio ambiente, cujos resultados incentivam a noção de educação como prática da liberdade.

O primeiro aspecto passa pela questão da interface imagem-conhecimento através do uso da imagem visual como estratégia da gestão do conhecimento interdisciplinar. (SILVA,

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

2021; SHIMIZU, apud PIONEIRO, 2021). Neste caso, o processo de mediação, por meio da imagem reflete o pensamento de Paulo Freire sobre a ação cultural da libertação, conscientização e comunicação, ou seja: usar a imagem da realidade como artefato cultural do educando no projeto temático, via a dialogicidade, na perspectiva freireana.

A seguir, busca-se viabilizar a educabilidade do olhar por uma ação conscientizadora e libertadora, pois a dialogicidade representa um espaço aberto para discussão, troca de ideias e informações, com base na epistemologia da visualidade. Logo, educar o olhar, tomando como repertório de leitura e análise: a visibilidade, considerando ainda questões de discriminação social e da desigualdade midiática.

Neste caso, os três elementos organizadores envolvidos no fazer artístico ao “ensinar a ver” são constituídos pela participação ativa e consciente do educando e a sua percepção estética, segundo a sua representação do contexto cultural; e articulado aos princípios da problematização interdisciplinar do conteúdo curricular e ao amplo domínio do educador na execução prática da pedagogia da problematização e conscientização.

Desse modo, a partir da percepção estética, por meio da representação visual, daquilo que se vê (a realidade), em relação ao modo como é visto, segundo as perspectivas do educador e do educando. A imagem, oriundo do imaginário social e cultural, acentua os efeitos da realidade, mas também da desreferencialização do real.

Por fim, o uso das estratégias de organização da proposta pedagógica resulta em dois módulos geradores de discussão no processo formativo de educadores: educação e percepção visual; e ainda paisagem e geografia.

EDUCAÇÃO E PERCEPÇÃO VISUAL

Os estudos e investigações sobre educação e percepção visual passa pela questão da percepção visual e representação, segundo SOUSA (1995).

O estudo sobre a natureza dinâmica da visão em relação aos diversos modos de representação, tendo em vista o espaço estruturado das percepções visuais é representada por uma sequência didática de investigação:

1. Análise genérica - segundo os dados imediatos da percepção visual do objeto percebido - com vistas a conscientização do significado global;
2. Análise instrumentalizada - no domínio da imagem concretamente múltipla do objeto, fazendo uso da mobilidade do ver – entre a aparência e o repertório de significação;
3. Análise de um objeto plástico, com efeito, de uma proposição artística interactiva - no domínio das técnicas de representação;
4. Análise da qualidade no modo da percepção sobre o real e os meios de expressão correntes, através da leitura visual, considerando-se a quantidade de informação e cultura.

Dessa forma, evidencia-se o estudo sobre *mobilidade visual, aparência e realidade*, com destaque para o amplo domínio dos meios de comunicação e da expressão, enquanto um poder mobilizador e intencional da representação determinada num espaço poético, ou seja: *para além da simples percepção do mundo aparente*. Neste caso, a mobilidade significativa da arte constitui um domínio privilegiado da visão, enquanto espaço da conscientização criadora e, de fato, libertadora.

A mobilidade visual pressupõe as condições de observação das aparências da realidade, que podem integrar os mecanismos nos âmbitos de visão ou da representação. A autora destaca a importância do “mapa” do ver, de percursos e de colocações, através dos domínios da geografia do ver e da

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

movência no espaço de observação, na mobilidade intrínseca das coisas, envolvendo diferentes níveis de nitidez ou de eficácia, quanto à plural apropriação das sucessivas imagens do visível.

Considerando-se ainda o princípio do movimento da paisagem como um fator determinante da experiência visual, seja nos planos objetivo e subjetivo do ver; mas também nos planos extrínseco e intrínseco; onde tudo se desdobra e se move no espaço de observação. E pelo viés da vibração da realidade humana, ao sabor dos interesses, emoções, sentimentos, paixões, reverterão para o domínio da ação.

Vejamos a seguir a dinâmica da composição da cultura visual e dos elementos organizadores da percepção visual:

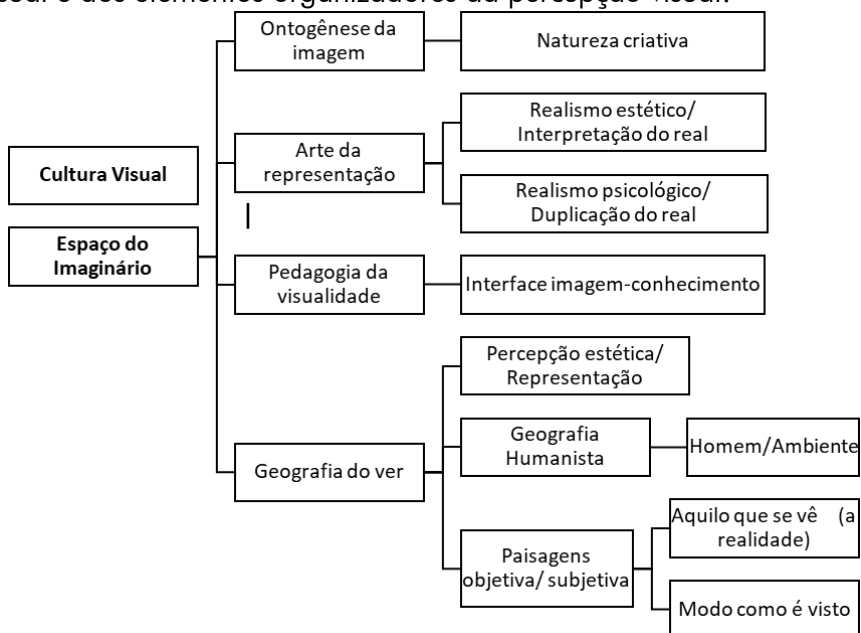


Fig.1 – Educação e percepção visual

Outro campo de acesso cultural ao sentido das coisas, consiste no domínio da instrumentalização física e cultural da prática da observação e da comunicação visual, com relação ao registro e reelaboração das aparências, seja pelo uso óptico dos binóculos e do microscópio, com a teleobjetiva, ou ainda com a câmara de filmar. Afinal, a instrumentalidade do ver está relacionada ao suporte técnico- cultural.

O domínio da percepção visual constitui a base da maior parte dos comportamentos representativos. A formação do ver as coisas de modo particular aliado aos efeitos culturais do indivíduo, podem determinar uma variedade significativa dos modos do fazer, ou seja: uma variedade nas soluções individuais para transmitir aos outros a sua experiência do mundo, conforme a organização dos elementos representados na figura 2. E podemos inferir que o processo perceptivo influencia os modos de formar, no amplo domínio da representação, dado o caráter seletivo da atividade visual, seja nas escolhas visuais e expressivas, do objeto comunicativo.

Por fim, a qualidade poética do discurso visual incide sobre o entendimento criativo do visível: ver, refazer, inventar. Afinal, a verdade do visível é relativa. De tal modo que o percurso visual da leitura de um novo elemento do real envolve um processo interativo entre memórias e referências próximas da visão da realidade apreendida, ou seja: o conhecimento adquirido alimenta um trabalho de reelaboração e de invenção, para refazer a sua natureza e os seus prolongamentos, a exemplo, da aparência contingente de um objeto, para o domínio simbólico ou da invenção poética.

Vejam os a seguir o percurso teórico e prático da cultura midiática contemporânea e suas implicações na epistemologia da visualidade na educação:

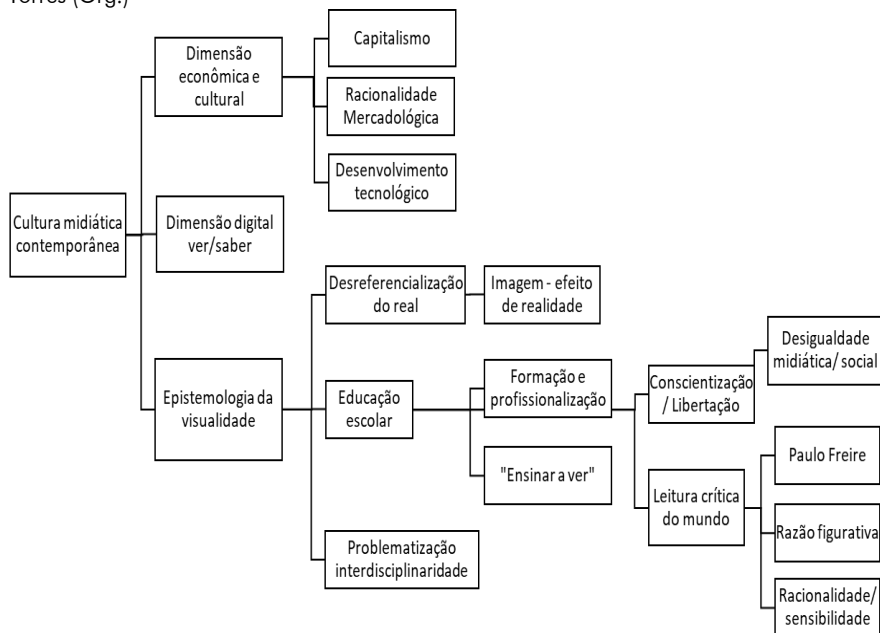


Fig.2 - Imagem visual e Geografia

PAISAGEM E GEOGRAFIA

Segundo a trajetória similar ao módulo gerador de estudos e investigações em educação e percepção visual, a dimensão da paisagem compreende a percepção individual do sujeito, no domínio do visível, em decorrência de um processo seletivo de apreensão da realidade. Segundo os estudos de SANTOS (2014), a geografia não é mais o estudo da paisagem, assim como o espaço representa o resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, quer sejam naturais ou artificiais.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

As relações de lugar e paisagem são representadas na percepção visual de elementos naturais e culturais existentes no espaço terrestre. Logo, tratamos de paisagens naturais e paisagens artificiais, pois a paisagem é concebida como objeto de mudança, uma espécie de palimpsesto, conforme declara SANTOS (2014, p. 70): *a paisagem é um conjunto de formas heterogêneas, de idades diferentes, pedaços de tempos históricos representativos das diversas maneiras de produzir as coisas, de construir o espaço*. Ademais, no tratamento didático em torno dos planos da paisagem, adotamos como princípio pedagógico o campo de visão, segundo a localização e a distância do objeto perceptível do olhar.

O autor ainda declara que a paisagem repousa no nível da aparência, por uma espécie de expressão concreta, oriunda da percepção deformada pelo indivíduo acerca da realidade. Neste cenário, a paisagem expressa a relação dos indivíduos com o espaço em que vivem. Acontece que o estudo da paisagem em relação ao tempo revela a história dos lugares e, nesta composição, as mudanças na paisagem do lugar podem sofrer a ação de fenômenos naturais ou a interferência do homem.

Desse modo, um elemento organizador da produção do espaço reside na produção humana, ou seja: das forças produtivas, no percurso da transformação evolutiva da história do trabalho, das técnicas e dos respectivos objetos correspondentes. Outros elementos incorporados a esta versão podem ser representados pela variação funcional e estrutural, pela mudança das formas. Logo, o espaço terrestre está sempre sendo modificado.

No âmbito da relação dinâmica entre paisagem e espaço, busca-se compreender o processo de transformação social do espaço terrestre em espaço geográfico; a modificação das paisagens naturais e suas implicações nas atividades humanas; e, por fim, desvendar as relações existentes entre o

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

homem nas diferentes formas de trabalho, nas desigualdades sociais ou nas tradições culturais. Portanto, trabalhamos na perspectiva geográfica do estudo e investigações dos fenômenos e processos naturais e sociais, mas também da interação entre eles.

Em suma, a paisagem representa o domínio do visível e pode ser caracterizada pela percepção estética do campo da visão, mas também, dá-se importância ao exercício da observação, em função da mobilidade visual, proposto inicialmente por SOUSA (1995). Pois a visão é deformada, e necessitamos transitar da aparência (concreta) para a essência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos e investigações em Paulo Freire e o uso pedagógico da imagem visual na educação potiguar evidenciam o caráter social da imagem, como estratégia da gestão do conhecimento interdisciplinar e da pedagogia crítica, no contexto da prática educativa de jovens e adultos em relação ao estudo da visualidade no ensino.

A gestão dos estudos pautado na problematização interdisciplinar percorreu a discussão temática sobre ontogênese e aprender; educação e visualidade; Paulo Freire e a imagem; mas também nos indicadores da geografia do ver, por meio do amplo domínio sobre percepção visual e representação; paisagem e geografia, paisagem e espaços, com base no percurso formativo e profissional dos educadores e nas questões sobre diversidade e inclusão.

Portanto, a natureza dinâmica da visão envolve uma sequência didática de investigação, através do treino ou do exercício da observação, seguindo critérios de domínio visual, com base nos diversos modos de representação e no espaço estruturado das percepções visuais. Dessa forma, são

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

construídas ações processuais entre ver e representar, ver e refazer, ver e reinventar.

No percurso da construção teórica e prática deste trabalho evidencia-se o entendimento criativo do visível, ou seja: ver, refazer e inventar. E na proposição de estratégias pedagógicas consideradas eficazes ao relacionar a movência do real e a mobilidade do ver, ou seja: *para além da simples percepção do mundo aparente*. Afinal, a verdade do visível é relativa.

Neste íterim, se faz necessário introduzir a pedagogia da imagem visual, ou ainda, a pedagogia da visualidade, no processo formativo de educadores, tendo em vista a perspectiva dialógica de Freire, com base nos elementos organizadores desta produção, ou seja: a realidade, a comunicação visual e a capacidade crítica do leitor.

A leitura crítica da imagem visual supõe a concepção da imagem como um texto, considerando os pressupostos a seguir:

1. O domínio da imagem visual consiste num sistema de representação da realidade, ou seja: um código de transcrição visual da representação objetiva- subjetiva da realidade;

2. A arte da representação é formada pelo realismo estético, ou seja: a interpretação do real; mas também pelo realismo psicológico, por meio da duplicação do real;

3. A epistemologia da visualidade implica na percepção da imagem visual como efeito da realidade, tomando como referência a paisagem objetiva e subjetiva, através daquilo que se vê (a realidade) e o modo como é visto;

4. A imagem-textual representa uma forma de leitura crítica do mundo, por meio da conscientização e/ou libertação do processo de desreferencialização do real.

Em suma, consideramos que a imagem visual é concebida como um texto, no amplo domínio do sistema de representação conceitual, e por isso torna-se necessário “ensinar a ver” os objetos da realidade, no percurso da

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

formação e profissionalização do educador potiguar de jovens e adultos.

REFERÊNCIAS

CARLOS, Erenildo João. (Org). **Educação e visualidade: a imagem como objeto do conhecimento**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012

FREIRE, Paulo. *Considerações sobre o ato de estudar*. In.: FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 5ª ed., Rio de Janeiro: Paz e terra, 1981.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 45. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019a.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 71. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019b.

REINACH, Fernando. *A ontogênese e o aprender*. In. **Jornal O Estado de São Paulo** em 11/04/2013. Disponível em: <<http://www.abc.org.br/2013/04/12/a-ontogenese-e-o-aprender/>>

ROMÃO, José Eustáquio. “Paulo Freire e a imagem”. In. **Educação & Linguagem**. v. 13, n. 22, p.77-97, jul. – dez, 2010.

SALGUEIRO, Teresa Barata. *Paisagem e Geografia*. **Revista Finisterra**, ano XXXVI, vol. 72, p. 37-53. Lisboa, 2001.

SANTOS, Milton. *Paisagem e espaço*. In.: **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. 6 ed. São Paulo: EdUSP, 2014. p.67-81.

SHIMIZU, Naila Okita. Interdisciplinaridade: mais contexto e significado ao aprendizado. In.: PIONEIRO. **Notícias**. Disponível em: <<https://pioneiro.com.br/noticias/interdisciplinaridade->

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

mais-contexto-e-significado-ao-aprendizado/>. Acesso em: 01 fev. 2021.

SILVA, D. J. 1999. **O Paradigma Transdisciplinar**: uma perspectiva metodológica para a Pesquisa Ambiental. Disponível em: <<http://ww.ufrj.br/leptrans/link/pesquisaambiental.pdf>>. Acesso em: 01 jan. 2021.

SOUSA, Rocha de. *Criatividade ou homem em aprendizagem*. In. SOUSA, Rocha de. **Didática da educação visual**. Universidade Aberta, abril de 1995.

INTERDISCIPLINARIDADE: TRABALHAR O ESPAÇO E A IMAGEM SEGUNDO O OLHAR FREIRIANO

Wláudia Barbosa Oliveira Lins de Araújo¹⁶

Ricardo Santos de Almeida¹⁷

RESUMO: O presente trabalho tem como tema central de estudo a sensibilidade geográfica e iconográfica sob a influência da teoria de Paulo Freire no processo de ensino-aprendizagem da Educação de Jovens e Adultos, tendo como objetivo adaptar a proposta do EJA para a realidade cotidiana do ensino fundamental, na perspectiva de superar a fragmentação entre as disciplinas em nosso dia a dia, apresentando aos educandos a essência de cada uma delas através da interdisciplinaridade, respeitando a especificidade de cada uma e a sua relação junto aos conteúdos ministrados. Como recurso metodológico, foi realizada uma pesquisa em fontes relacionadas ao tema e a forma como cada teórico discursa em relação ao uso da imagem e o seu efeito da realidade na educação contemporânea, também como se desenvolve enquanto instrumento de conscientização e

¹⁶Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú(2010). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Ensino-Aprendizagem.

¹⁷Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria. Doutor em Educación pela Universidad Interamericana. Docente da rede pública municipal de Porto Calvo/AL. Pesquisador do: Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais (NUAGRÁRIO/UFAL) desde 2009; Grupo de Estudos e Pesquisa em Análise Regional (GEPAR/UFAL); Geoprocessamento e a Cartografia no Ensino de Geografia (GCEG/UFAL) desde 2016; Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação de Jovens, Adultos e Idosos e Campesinos (NUPEEJAIC/UNEAL) desde 2020; do Grupo de Pesquisa em Educação e Território (UFSM) e Grupo de Pesquisas: Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GPEPEPF/UFRN) desde 2021. Associado ao Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas (CPFreire). E-mail: ricardosantosal@gmail.com.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

libertação, percebendo como a distinção entre o aprender e a aquisição de novas habilidades que não fazem parte do processo ontogenético. Desta forma, usando uma metodologia educativa interdisciplinar, com autonomia e capacidade de observação de forma que os educandos percebam e compreendam a relação de cada disciplina no seu processo de aquisição e desenvolvimento de aprendizagem. E assim, possam desenvolver a capacidade de se reinventar, recriar e reescrever de forma crítica e transformadora a realidade do mundo em sua volta, usando a imagem como estratégia de gestão do conhecimento de forma prática e libertadora, ressignificando o que observa, recriando a própria realidade.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem. Conhecimento. Interdisciplinar.

INTRODUÇÃO OU APRESENTAÇÃO

Trazendo para análise e reflexão do cotidiano da escola a sensibilidade geográfica e o iconográfico, nos deparamos com uma nova problemática no ambiente educacional, a proposta da interdisciplinaridade onde as disciplinas se entrelaçam nas áreas de conhecimento cada uma com sua especificidade conversando entre si. Pensando assim, buscamos construir uma proposta que proporcionasse aos educandos uma nova concepção no desenvolvimento do pensamento sistêmico por meio do método Freiriano no qual a libertação se dá por meio da aprendizagem de forma social, política, cultural e espacial dentro da própria realidade quando a mesma da significado ao que observa dentro do seu meio e sua realidade.

Com essa perspectiva a especialista, que integra o Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinaridade da PUC-SP, instância criada nos anos 1960 pela pesquisadora Ivani Catarina Arantes Fazenda, alega que a interdisciplinaridade impõe uma nova consciência de ensino

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

voltada para uma comunicação integradora dos programas de estudo das disciplinas.

Nesse sentido, a autora faz uma reflexão quanto à necessidade da interdisciplinaridade. Ela afirma que se faz necessário entender a relação entre as disciplinas, que a mesma impõe-se não só como forma de compreender e modificar o mundo, como também por uma exigência interna das ciências, que buscam o restabelecimento da unidade perdida do Saber. Ou seja, estabelecendo um diálogo entre as disciplinas a partir de um tema central. Sendo assim, a interdisciplinaridade não pode ser pensada apenas como varias disciplinas juntas e sim como uma atitude ousada dos educadores na busca do conhecimento modernizando a forma de ensinar proporcionando diferentes possibilidades no ato de aprender.

Diante do exposto se definir interdisciplinaridade como junção de disciplinas, cabe pensar currículo apenas na formatação de sua grade. Porém se definirmos interdisciplinaridade como atitude de ousadia e busca frente ao conhecimento, percebe-se que ela não pode ser pensada apenas como varias disciplinas juntas e sim como uma atitude ousada dos educadores na busca do conhecimento modernizando a forma do ensinar. Lembrando sempre das reflexões de Freire quando ele diz: ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. (Freire p. 47, 1996).

Com esse sentido, o que seria a construção do conhecimento? Para Freire a construção do conhecimento pelo sujeito tem por base as dimensões políticas, econômicas, sociais e culturais do espaço onde ele vive. O sujeito, a comunidade e o "mundo" tem um papel fundamental na construção do conhecimento individual e coletivo de cada ser humano.

De acordo com Fernando Reinach a palavra aprender, não acompanhou o progresso científico. São fenômenos com

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

habilidades diferentes. Ou seja, existe o conhecimento que nascemos e desenvolvemos a partir da ontogênese, que se caracteriza por uma sequência de eventos que ocorrem de maneira precisa e semelhante em todos os seres vivos de uma espécie. E existe o segundo, que vamos desenvolvendo por etapas, exemplo disso, andar de bicicleta, são capacidades que podemos adquirir porque nosso corpo e cérebro tem a capacidade de incorporar novos comportamentos e conhecimentos.

Portanto, nosso trabalho a interdisciplinaridade trabalhando o espaço e a imagem, tem como base a metodologia desenvolvida por Freire na perspectiva da EJA/educação popular, objetivando tornar a aprendizagem significativa para os educandos em todo processo do ensino fundamental utilizando estratégias de observação na gestão do conhecimento. Tendo como foco principal o uso da imagem trabalhando de forma interdisciplinar, compreendendo como um determinado tema pode ser trabalhado de forma significativa entre as disciplinas sendo cada uma com a sua essência.

1º Quais as palavras-chave contidas em cada um dos textos? - Palavra chave do texto de Paulo Freire – Estudar – Atitude. - Palavra chave do texto de Fernando Reinach – Aprender – ontogênese. - Palavra chave do texto de Rocha de Souza – Símbolo – escrita – mobilidade visual – criatividade – ver – fazer e liberdade.

2º Considerando-se os enunciados “Ontogênese” e “Aprender” como podemos na prática educativa viabilizar/estimular o pensamento crítico e criativo utilizando-se a Educação Visual como um caminho possível para a leitura do mundo? Educação visual é uma das primeiras leituras de mundo que a criança adquire e assim na prática diária podemos trabalhar a leitura visual do mundo que a cerca. O surdo por não ouvir desenvolve a leitura visual de tudo que o

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

cerca, com isso podemos entender que trabalhar a leitura visual poderá sim estimular o pensamento crítico. Um exemplo que pode ser abordado da educação infantil ao ensino superior é o que aconteceu recentemente em nosso país, as queimadas no “Pantanal” só as imagens sem palavras descrevem os acontecimentos que podem ser discutidos despertando a criticidade e o significado com a realidade.

3º É possível nos processos educativos estabelecer conexões e viabilizar a liberdade criativa? Sim é possível, desde que o tema abordado desperte significado para a vida do educando é possível estabelecer conexões.

4º Como podemos estabelecer estratégias no âmbito do ensino da Geografia (ou outras áreas do conhecimento)? Estudar não é um ato de consumir ideias, mas de criá-las e recriá-las, o mesmo acontece no momento de estabelecer estratégias de ensino, dentro do âmbito escolar temos vários tipos de alunos, alguns são visuais outros sinestésicos, precisamos de estratégias, e nada melhor que a imagem para alcançar esses diferentes tipos de alunos não só na geografia, mas em todas as disciplinas de forma interdisciplinar e essa é uma proposta do novo formato de ensino.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS – PLANEJAMENTO DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Ao longo das intervenções pedagógicas foi possível vivenciar uma nova forma de aprender utilizando relatos de diferentes teóricos, seus conhecimentos em cada etapa e a forma como cada teoria entendia o uso da imagem e como poderia ser trabalhada dentro da atualidade. Mesmo não estando em sala de aula no momento, percebi que algumas atividades já haviam sido desenvolvidas por mim, não com o mesmo olhar teórico depois das leituras realizadas em cada módulo.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

Durante todo o processo e a participação dos fóruns, proporcionou um novo olhar, perceber que um mesmo conteúdo pode ser trabalhado em diferentes atividades como: tirinhas, mapa mental, resenhas e resumos partindo de um tema gerador destacando a importância do uso da imagem. Sempre trabalhando na perspectiva da inclusão, sabendo que não se tem uma sala de aula homogênea, na qual todos aprendem por igual, são sujeitos com especificidades diferentes, que também aprendem de forma diferenciada. Faz-se necessário, que o educador esteja sempre em alerta na busca de diferentes estratégias e assim proporcionar uma aprendizagem significativa.

Dentro desse contexto, faz lembrar o filme “Escola da vida” um novo professor com metodologias e dinâmicas diferentes, ele transformava a dinâmica da aprendizagem despertando nos educandos a construção do conhecimento e não apenas transformando eles em meros repetidores de conteúdos. Essa é a função de um bom educador, ir além da sala, interdisciplinar o conhecimento com a realidade vivenciada, fazendo sentido no que está sendo estudado, comparando com a realidade do seu cotidiano e não deixando a sensação de que o assunto não lhe servirá de nada, por não apresentar significado.

Com esse sentido, podemos afirmar que não existem fórmulas prontas para dar uma aula, quando se faz o que se gosta você transcende o plano, conseguindo com naturalidade transmitir conteúdos, utilizando novas e velhas metodologias reinventando-se a cada aula. O professor precisa conscientizar-se que não é o detentor do saber, ele é um eterno estudante aprendiz que todos os dias deve buscar e construir meios para não cair na rotina. Na atualidade crianças e jovens dominam aparelhos eletrônicos com facilidade porque estão sempre buscando o aprender e como fazer, por isso a

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

facilidade. E essa deve ser a função do professor, se reinventar a cada novo dia.

Encontrar um estilo e um charme para ensinar, em 2020 a pandemia trouxe um novo aprender, como ensinar por intermédio da máquina e conquistar o interesse dos alunos. Alguns professores sentiram dificuldade, outros se adaptaram com facilidade, buscando meios de transmitir conhecimento por meio do novo. Não foi uma tarefa fácil, os alunos já estavam habituados a interagir com a internet, não necessariamente para estudar e sim para jogar e se divertir. E nesse momento surgiu a oportunidade de juntar os conteúdos, com o que eles gostavam e transformar em aprendizagem.

Como tornar interessantes e notáveis conceitos já criados, no texto práticas interdisciplinares para o ensino de geografia abordou que a música é um excelente recurso para tornar as aulas mais divertidas, elas difundem ideias, valores e atitudes, instrumentos valiosos no desenvolvimento de capacidades em cenários da Educação Contemporânea. Sabemos que não existem formulas mágicas, mas é possível recriar sentidos em algo que já foi criado. Seria interessante usar uma ideia já criada, adaptando sempre para a realidade dos educandos, não esquecendo que cada aluno é singular e o que foi pensado naquele momento para um grupo, pode não servir e nem ter o mesmo significado para outros.

Pensando assim, sabemos que não há uma única regra e nem soluções universais. Cada professor sabe como proceder e tem uma ideia mais ou menos precisa do que quer fazer para ter uma boa aula e o primeiro passo é conhecer o ambiente e os alunos e assim traçar estratégias. Lembrando que são realidades distintas, trabalhar em uma escola de ensino público é diferente do ensino privado. Em muitos casos o sistema privado fica restrito a seguir o que o livro determina não deixando espaço para trabalhar de forma livre, usando a linguagem visual como construção de conhecimento.

Saber quais critérios deve ser utilizado para definir uma aula como boa ou não é usar diferentes estratégias e saber que a sala de aula é uma caixa de surpresas. Cada professor sabe como proceder e tem uma ideia mais ou menos precisa do que quer fazer. O que o salva é que ele “não sabe como conseguir, não sabe como fazer o que quer” simplesmente acontece. O importante é usar fórmulas utilizadas por outros mestres e adequar à realidade. Por em prática seja em uma escola pública ou do setor privado, tudo vai depender da habilidade de cada educador proporcionar diferentes meios de aprendizagem aos seus educandos.

Vale ressaltar que aprender com quem admiramos, trona-se mais fácil e significativa a aprendizagem. Os passos apresentados em cada módulo chama a atenção do educador para refletir a forma como aprendeu no passado, lembrar como os professores ensinavam totalmente tradicionais, uma educação bancária, o professor era o único detentor do saber. Não tinha significado nos conteúdos ministrados, as aulas eram cansativas, participar hoje de uma aula do jeito que era no passado, não despertaria interesse.

O curso de aperfeiçoamento em Paulo Freire e o uso pedagógico da imagem visual em geografia nós faz perceber que uma aula deve ser palpável como um fruto que gostamos de saborear. É fundamental que o educador seja fascinado pelo que faz e assim, o que se pode fazer é observar o que a história nós apresenta, selecionar as informações importantes e os resultados positivos, retirar como experiências os pontos negativos para não reproduzi-los outra vez e arriscar-se sempre na busca do conhecimento.

Portanto, não existem salas iguais, nem fórmulas mágicas para o educador dar uma boa aula, cada sala tem suas especificidades e singularidades, tudo vai depender do educador criar novos conceitos e desenvolver sua metodologia sabendo que está trabalhando com vidas que dependem do

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

caminho que o mestre vai apresentar para construírem o seu futuro. Os métodos aprendidos serão os mesmos, às pessoas não, serão diferentes e o trabalho a ser desenvolvido será adaptado a novos saberes a cada ano escolar.

Neste segundo fórum de discussão buscaremos dialogar sobre os seguintes temas: a Pedagogia da Visualidade, Gestão do conhecimento, Interdisciplinaridade. Abaixo as questões problematizadoras, cujo referencial é a leitura e análise do artigo "O uso da imagem como estratégia da gestão do conhecimento interdisciplinar", sob a autoria de Erenildo João Carlos e Evelyn Fernandes Azevedo Faheina, e também utilizando-se a imagem abaixo para compreensão do que é interdisciplinaridade:

Pergunta 1: Como a imagem pode mediar a gestão interdisciplinar do conhecimento? Mediar à gestão entende-se como a organização do conhecimento, propondo aos alunos entendimento dos acontecimentos contextualizando com seu cotidiano e a relação interdisciplinar que pode existir entre elas.

Pergunta 2: Como é possível viabilizar a educabilidade do olhar? Educar o olhar é perceber de forma reflexiva e saber opinar o que a imagem apresenta, qual é o seu verdadeiro significado, que mensagem ou informação importante está sendo apresentada de forma não implícita ou qual papel pode exercer ou exerce em nosso cotidiano.

Pergunta 3: É possível diante do atual contexto pandêmico consolidar um espaço de reflexão, discussão e partilha de experiências sobre o uso da imagem como mediação da prática docente? Sim é possível, usando as novas tecnologias, podemos debater acontecimentos cotidianos, comparando imagens refletindo de forma consciente o contexto atual e a influência delas em nossas vidas.

Pergunta 4: Observando-se a importância da interdisciplinaridade, respeitando-se o estudo e o objeto da

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

Geografia, como é possível articulá-la e nos apropriarmos da linguagem fílmica ampliando os leques de possibilidades da organização do conhecimento. Aponte/sugira uma possibilidade, observando-se a duração de uma hora-aula ou horas-aulas de Geografia e outra disciplina, e roteirize explicando detalhadamente como ocorreria esta ação educativa. A linguagem fílmica é um instrumento pedagógico poderoso, filmes e músicas podem e devem ser usados como facilitadores do conhecimento, eles apresentam ideias, valores e atitudes importantes no desenvolvimento humano. Não pode ser filmes longos, torna-se cansativo. Vídeos com tempo curto que possa ser reflexivo e compartilhado com várias disciplinas como: português, matemática, ciências, história e geografia, em cada uma delas podem ser observadas o mesmo conteúdo, mas com significados diferentes. Que o aluno possa perceber que não é a mesma matéria, mas os assuntos discutidos estão fazendo sentido, ele consegue perceber a ligação deles em seu cotidiano. Dessa forma estaremos atendendo e facilitando o conhecimento de alunos que possam apresentar alguma dificuldade de aprendizagem. Não se tem uma sala homogeneia, necessitamos de estratégias que possam alcançar a todos e os filmes, imagens e música favorecem esse entendimento.

Um filme que pode ser trabalhado com alunos do fundamental I ao ensino médio é Wall-e, ele aborda vários aspectos interessantes da questão ambiental que não fica restrito só a ciências ou biologia, podem ser abordados vários questionamentos como a obesidade e relação pessoal de convivência.

Fórum Módulo 3. Realize a leitura do texto recomendado neste módulo para participar da interação virtual junto ao professor e colegas. Neste terceiro fórum de discussão buscaremos dialogar sobre os seguintes temas: Paulo Freire e o uso da imagem visual.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

Abaixo as questões problematizadoras, cujo referencial é a leitura e análise do artigo “Paulo Freire e a imagem”, sob a autoria de José Eustáquio Romão, e também se utilizando dos referenciais complementares (livros sob autoria de Paulo Freire):
Pergunta 1: Em que consiste a ontogênese da imagem? - De acordo com o texto, os seres humanos desde o início de sua formação já despertava interesse pela imagem enquanto representação da realidade. Esse interesse pode ser observado na forma como os artistas egípcios representavam seus soberanos, a recomposição da imagem permitia eternizar nas obras o máximo de semelhança de cada um deles no momento vivenciado.

Pergunta 2: Quais as relações existentes entre a arte da representação e a Geografia? As relacione sob o viés freiriano.
- A relação existente entre elas é a interdisciplinar, podemos desenvolver um olhar crítico com relação ao mundo que nos cerca. Relacionando o conhecimento que essas disciplinas dispõem, conversando com o espaço, facilita o entendimento das formas, cores, relevo, presente e passado, buscando meios para comparar o futuro. Relacionar com o pensamento freiriano, ele nos apresenta uma nova forma de ver o mundo comparando a realidade presente. Segundo Paulo Freire o que diferencia os seres humanos dos demais é a sua capacidade de compreender a realidade. Portanto, trabalhar de forma interdisciplinar é proporcionar uma nova maneira de ver criticamente e transformar essa realidade de forma consciente.

Pergunta 3: Como é possível relacionar as formações sociais e as imagens nos espaços formais e informais educativos? - Para que se tenha um olhar crítico, se faz necessário conhecer o que faz parte da realidade de cada um. Não só contemplar o espaço de forma figurativa e abstrata. Mas considera o conhecimento de mundo que cada pessoa tem, buscando significado no que está sendo estudado.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

Pergunta 4: Uma sugestão apontada no texto é o uso de quadrinhos/tirinhas. Como é possível por eles realizarmos a educabilidade do olhar e promover uma educação geográfica? Poste aqui uma tirinha e explique como você a utilizaria. - A tirinha e as histórias em quadrinhos são importantes para trabalhar a linguagem visual. Dentro de sala de aula, não se tem a aprendizagem de forma homogeneia, existem as especificidades e o trabalho com tirinhas é um importante aliado na aprendizagem dos educandos do fundamental I até o ensino médio. A leitura da imagem nos quadrinhos é um instrumento facilitador no incentivo a leitura, ajuda os alunos compreenderem a sequência da narrativa de um quadrinho para outro, a construção de narrativas do que está subentendido, um leque de possibilidades para o professor usar em qualquer disciplina.

Imagem:



Fonte: <https://jaguariuna.sp.gov.br/educaemcasa/wp-content/uploads/2020/04/HQ-PROGRESSO-2.pdf>

Essa tirinha pode ser usada em atividades e avaliações, ela trabalhar a questão ambiental e a forma como a população indígena trata o meio ambiente entre outras possibilidades interdisciplinar estimulando o olhar crítico dos educandos.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

Tema gerador: Meio ambiente – processo educativo - preservação

Sabendo que a questão ambiental é um processo educativo no qual se constroem valores importantes relacionados com a conservação do meio ambiente. Iremos trabalhar de forma interdisciplinar conteúdos de geografia junto a outras disciplinas. Durante esse processo, abordar de forma clara a necessidade de cuidarmos da natureza e a importância de preservarmos os recursos naturais, para que possa ser usado por nós na atualidade e também continuarem disponíveis às futuras gerações.

A tirinha e as histórias em quadrinhos são importantes para trabalhar a linguagem visual. Dentro de sala de aula, não se tem a aprendizagem de forma homogeneia, existem as especificidades e o trabalho com tirinhas é um importante aliado na aprendizagem dos educandos. A leitura da imagem nos quadrinhos é um instrumento facilitador no incentivo a leitura, ajuda os alunos compreenderem a sequência da narrativa de um quadrinho para outro, a construção de narrativas do que está subentendido, esse gênero apresenta um leque de possibilidades para o professor usar em qualquer disciplina ou trabalhar de forma interdisciplinar.

Essa tirinha pode ser usada em atividades e avaliações, ela trabalhar a questão ambiental e a forma como a população indígena trata o meio ambiente entre outras possibilidades, estimulando o olhar crítico dos educandos com relação a questões ambientais vivenciadas no meio ambiente, comparando com questões atuais e do seu dia a dia.

Disciplina: Geografia (Interdisciplinar com Língua Portuguesa).

Fundamental I e II

Tema da aula: Desmatamento – causas e consequências.

Para a realização desta aula: Importante que já tenham sido trabalhados com os educandos as habilidades de leitura, através de diferentes estratégias, a fim de que sejam capazes de localizar informações contidas nas imagens. É importante ainda, que o aluno seja capaz de expor suas ideias e de se relacionar com os colegas.

Recursos: Computador, quadro, piloto, imagens e pesquisas no laboratório de informática.

Tempo previsto: duas aulas.

Objetivo da aula:

Ler e compreender o tema abordado de forma crítica, reconhecendo a importância dessa forma de comunicação em seu dia a dia, bem como refletir sobre os valores sociais e o uso das novas tecnologias no aprendizado.

→ Desenvolvimento do tema:

Para desenvolver o tema, iniciar fazendo uma sondagem sobre o gênero textual tirinha, o que aprenderam com esse conteúdo que pode ser usado em geografia com o tema sobre o desmatamento causas e consequências. Apresentar várias tirinhas com tema desmatamento e destruição do meio ambiente, pedir que observem com atenção as imagens apresentadas para terem uma compreensão melhor do conteúdo. Na sequência, propor a divisão da turma em grupos de até quatro alunos e disponibilizar a eles algumas frases que apareceram nas imagens, para que construam tirinhas com 3 ou 6 quadrinhos para a conscientização e sensibilização da comunidade escolar quanto ao tema estudado.

→ Avaliação: A avaliação será contínua processual e diagnóstica durante todo o desenvolvimento da aula, observando a participação e a interação de forma individual e coletiva na construção de tirinhas.

Segundo o autor, a percepção visual tem na base aspectos físicos e psicológicos que transmitem estímulos. E a

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

resolução neurônica das imagens têm zonas específicas do cérebro que reconhece as sensações em formas diversas. Mesmo tendo um olhar funcional, no plano das sensações existe uma diferença entre o ver e o olhar. Podemos passar em um determinado lugar por varias vezes e não perceber os detalhes, por não elaboramos uma consciência visual e profunda dos lugares.

Esse reconhecimento do cérebro em perceber e reconhecer as sensações faz parte dos cinco sentidos que usamos. O meio interno e o externo proporcionam uma grande variedade de sensações, que são percebidas graças ao nosso sistema nervoso e aos nossos órgãos dos sentidos. Esses últimos captam informações do meio para que elas sejam levadas até o sistema nervoso central, onde ocorrerá a produção de respostas, que poderão ser voluntárias ou involuntárias. Pessoas com perda de audição profunda desenvolvem com mais facilidade o sentido da visão. Essa condição deixa a pessoa surda mais atenta aos detalhes em seu dia a dia, desenvolvendo sentidos que não tiveram nenhuma perda.

Ver é a coordenação consciente dos vários olhares, isso pressupõe uma somatória de dados, nem todas as pessoas desenvolvem o mesmo sentido. Se colocarmos duas pessoas observando um objeto, elas terão visões e conclusões diferentes do que foi analisado. O texto cita como exemplo a observação de uma cadeira. A observação quanto aos materiais e o tempo de serviço. A explicação dos dados se dá de forma descritiva com relação à visão da cadeira.

Podemos entender que utilizando fotografias e vídeos para observar é diferente de analisar as particularidades pessoalmente, como sentir e pegar o objeto. A sensação e a aparência são diferentes, não proporciona a mesma observação por imagem e nem o mesmo significado.

Para compreender a natureza da visão é importante abrir o olhar como faziam os cubistas com a multiplicidade da

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

imagem misturando diferentes aparências. Isso significa que vemos pequenos detalhes das coisas ou o que imaginamos ser conforme a nossa predisposição quando representamos o mundo em ângulos diferentes, utilizando nele aspectos que vão além do visível.

De acordo com o texto, o conhecimento adquirido é decisivo no exercício da visão. Ou seja, a forma como observamos os objetos em nossa volta, quando temos conhecimento do valor cultural, descrevemos com detalhes o que é observado. O mesmo acontece com a palavra "velha", se uma pessoa não tem conhecimento do significado, dará uma simples resposta. Mas se ela tiver conhecimento sobre o que observa, fará uma descrição rica em detalhes com relação ao nível de conhecimento da leitura visual.

Vale salientar que o exemplo descrito, permite refletir sobre uma das mais importantes vertentes da atividade visual, o modo como a percepção dos observadores é superada por fatores de informação e cultura. Em alguns casos a sabedoria popular compete com o conhecimento erudito. Segundo Freire, a educação popular visa à formação de sujeitos com conhecimento e consciência cidadã e a organização do trabalho político para afirmação do sujeito. "A conscientização é uma das fundamentais tarefas de uma educação realmente libertadora e por isso respeitadora do homem como pessoa" (FREIRE, 2002, p. 45).

Nesse contexto, parece evidente que a carga cultural de um sujeito, pode influenciar a visão de mundo pela palavra ou pela imagem quando considera que a qualidade de um artista se determina pela quantidade de passos que ele transporta. Nesse sentido, Freire (1996, p. 64) diz que "a consciência do mundo e a consciência de si como ser inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente de sua inconclusão num permanente movimento de busca".

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

Analisando a mobilidade visual, percebe-se que os seres humanos têm o poder de observar e transformar os espaços em sua volta. Que o conhecimento não é mais restrito, o domínio privilegiado da visão enquanto espaço de consciência criadora, tornou-se estratégia para o homem conhecer a si mesmo aprendendo a desmontar e tornar visível o lado encoberto da sua obviedade. Respeitando o conhecimento prévio sobre as coisas e seus contextos quanto à memória, a cultura e o imaginário.

Quanto à reconstrução didática relativa à mobilidade visual, ela apresenta características perceptivas que podem integrar a geografia da observação quando adotamos estratégias na observação da realidade. Nesse sentido, o movimento é um fator dominante da experiência visual dos seres e das coisas em termos concretos relativos à forma como se deslocam no espaço alterando e alternando as funções. Tudo se move as paisagens urbanas são lugar de movência e transformações, mesmo nós lugares calmos, esse movimento acontece, bastando olhar a luz e a sombra e será possível ver a mobilidade pontual dessas formas.

Assim, podemos compreender que todas as coisas se movem, mesmo que esteja inerte, a ação do tempo se encarregará de agir transformando o movimento ao longo dos dias, das estações e dos anos, nada permanece igual, tudo se modifica. Essa afirmação condensa o significado do fluxo heraclitiano, pois o movimento constante é a marca principal da natureza. Nada fica estático, tudo se move e tudo muda. O rio muda a cada segundo, do mesmo modo que a pessoa muda a cada segundo, sendo assim uma mesma pessoa não pode entrar duas vezes no mesmo rio, pois tanto ela quanto o rio já não são mais os mesmos no instante após o primeiro banho.

Quando fazemos usos de instrumentos, sejam eles binóculos, câmeras fotográficas ou microscópio, o que não é visível aos olhos, por meio desses objetos pode ser enquadrado

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

facilitando a observação. O que passaria despercebido com o auxílio desses instrumentos fica mais fácil a sua identificação. Até mesmo o olhar de rostos perdidos na distância e relógios escondidos nas torres das igrejas é identificado com facilidade.

A prática da observação na comunicação visual permite aprofundar as relações de registro e reelaboração das aparências, seja na medida de um olhar unilateral ou em pontos de vista diferente, em ambos os casos usando instrumentos de observação é possível detalhar e avançar o olhar sobre o mundo visível para ilustrar a própria diversidade dos conceitos que estão em jogo no processo apropriativo da visão.

Quando observamos o desenho de um círculo num suporte quadrado, a visão pode sofrer influência, e assim, podemos determinar o tamanho. Sendo a percepção visual a base de parte do nosso comportamento representativo, pode representar uma base ou influenciar os padrões. Por esse motivo, observadores nivelam o que é duvidoso apresentando como assimétrico as aparências.

Com esse sentido, pintores importantes desfaziam as complexidades e ambiguidades da aparência até encontrar a sua estrutura essencial. Processo esse de nivelamento por excelência, capaz de abrir caminhos e tipos de representação inerente à qualidade. Outro sistema de representação expressionista eram as assimetrias anatômicas, os autores exageravam e dramatizavam certas personagens, aumentando pés e mãos dos protagonistas assinalando a marca de uma condição, usando representações ilusórias com a própria realidade, apresentando elementos em diferentes dimensões. Esse é um processo de resolução mental sobre a aparência falseada do mundo físico.

O conceito de representação se tornou movente e abriu margem a um vasto campo de hipóteses formais entre técnicas e variantes da linguagem. Quando se fala de representação no

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

âmbito das artes plásticas, tendo em vista profundas transformações, percebe-se que as representações nas artes visuais em geral, denotam descaracterização em nome de uma qualidade expressiva baseada na observação objetiva.

Nesse contexto, a simplificação deriva de conceitos técnicos, cuja raiz se encontra nos modos de perceber o ver das coisas. Simplesmente ver, significa ver de forma simples, apenas olhar. Agora perceber os detalhes, se faz necessário enxergar as informações contidas de forma imperceptível. A representação de múltiplos pontos, a lógica das sombras e o próprio universo cromático, derivam de criações que desvendam aos nossos olhos, um mundo imenso de formas e cores criadas e reconstruídas em diferentes formas que até os primeiros modernistas estariam longe de imaginar.

Qualquer representação obtida por meio de retratos em pinturas ou esculturas, falar que essa forma de registro foi substituída pela fotografia, seria uma falsa evidência no domínio de registros fotográficos ou cinematográficos. A arte é um sistema religioso ou ideológico. As diferentes superfícies sejam elas bidimensional ou tridimensional, quando relativas às transformações das formas e da cultura visual, podem determinar o nosso comportamento no modo como nós relacionamos com a realidade.

Do ponto de vista didático, as questões relativas à educação visual, ligam-se ao espaço global da comunicação artística, mudando o nosso sentido e a nossa capacidade de ver, refazer e inventar, somos seres visuais, ainda criança iniciamos o processo de decifrar e entender o mundo o mundo. A imagem, nos permitindo interpretar temas e refletir sobre as diferentes formas visuais.

Se por algum motivo a nossa visão for alterada pela forma como observamos um determinado objeto, poderemos rever a realidade aprendida por meio de novos estímulos. O nosso desejo de mobilidade e mudança expressiva, é constante,

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

as temáticas abordadas no texto, incluindo dados teóricos, exemplos direto e indireto, são em si, parte de casos e áreas possíveis de trabalho pedagógico-didático na linha da educação visual.

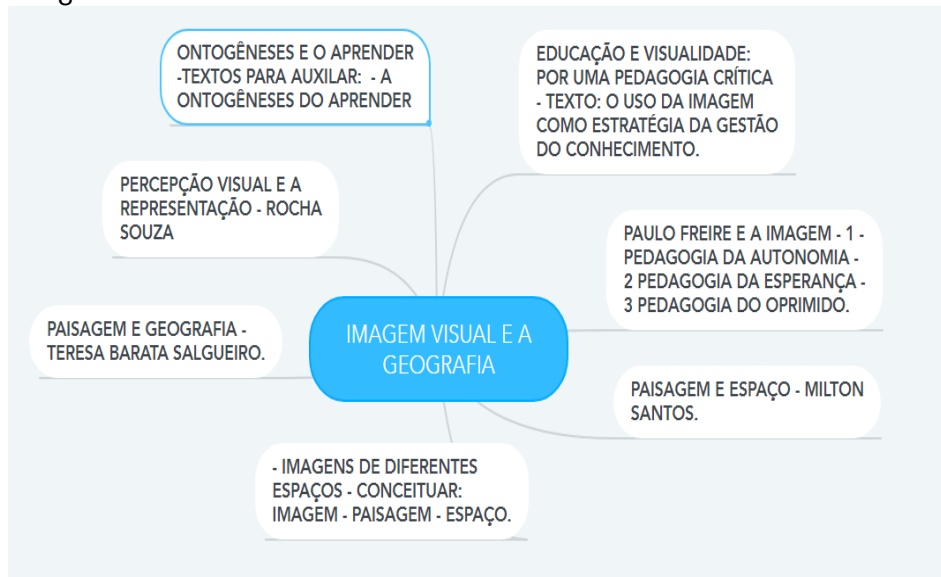
Pelas observações dos aspectos mencionados nesse texto, não encontraremos uma receita pronta, mas orientações que o professor poderá usar independente do quadro cultural, escolar ou de diferentes regiões, ele poderá contextualizar e transformar a forma como se faz uma leitura de imagens. Segundo Paulo Freire (1993, p. 11) ele diz que a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Ou seja, antes de uma pessoa ser alfabetizada e aprender a decodificar os códigos em torno de si, ela já saberia ler, não as palavras escritas em livros e sim à leitura visual do mundo em sua volta.

Portanto, a visão de mundo, faz o professor trabalhar com os educandos a comunicação visual fotográfica dentro da sua realidade, isolando trechos dos meios de comunicação visual, social e cultural. Explorando questões do olhar, não simplesmente ver metodicamente e sim, perceber as diferenças por meio da geografia da observação, interpretando o que está por trás da imagem, informações escondidas que um simples olhar não consegue identificar.

Mapa conceitual é uma excelente ferramenta de trabalho, ajuda o educando a perceber as anotações com facilidade e seguir um roteiro de estudo. Os temas abordados podem ser utilizados com turmas do fundamental II e ensino médio.

- Deverá seguir as informações contidas nos balões para conceituar o uso da “Imagem visual e Geografia”.

Imagem:



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Em Paisagem e geografia na Revista Finisterra, a professora Teresa Barata Salgueiro, catedrática da Universidade de Lisboa, investigadora do CEG e especializada em geografia urbana, nós apresenta um estudo sobre os diferentes conceitos de paisagens e as visões do espaço geográfico, também informa que alguns teóricos reconhecem a existência de que nenhuma paisagem é verdadeiramente natural. A autora faz um levantamento desde o período medieval até os tempos atuais a forma como o olhar e as transformações humanas descreveram o espaço geográfico.

De acordo com o texto, a descoberta da paisagem se deu por meio da pintura no ocidente a qual pessoas revelavam interesse pela natureza baseados em explicações teológicas. A invenção da paisagem apresenta afastamento entre o sujeito e

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

o que ele observa, a sua contemplação do território e a valorização do espaço mudou a forma do olhar, e a pintura da paisagem levou a sociedade a desenvolver uma nova forma de perceber a beleza da natureza através de um novo processo cultural da aprendizagem.

Com esse sentido, a nova visão com relação ao mundo permitiu a evolução de sentido econômico da terra com a transição da economia natural para a economia capitalista, aquela que visa principalmente o lucro não se importando com a preservação da natureza. A revolução científica foi fundamental para o desenvolvimento do planeta, ela teve início em séculos passados possibilitando a exploração dos recursos de forma desmedida em todo o planeta. A produção de resíduos tóxicos e o consumo excessivo é um dos grandes desafios da atualidade com relação à preservação ambiental e a morte das paisagens.

A morte das paisagens refere-se à evolução da pintura e as transformações territoriais. A autora cita Kandinsky e suas pinturas abstratas referentes à paisagem do passado idealizadas para transmitir sensações e emoções, completamente diferentes das transformações sofridas pelo território ao longo dos séculos. A esse sentido, podemos lembrar-nos da mata Atlântica e sua quase que total destruição, a harmonia representada naquelas imagens de 1912 contrapõe com a realidade, o território sofreu uma transformação rápida e profunda que levou ao desaparecimento muitas das espécies descritas nas imagens fazendo surgir novas formas diferentes da atualidade.

Com a tarefa de conhecer e estudar as superfícies da terra, geógrafos apresentam diferentes teorias ao analisar a paisagem, conceituando de maneira diferente paisagem e região. De acordo com o teórico da estética romântica, a paisagem ocupa um lugar proeminente quando se constitui como disciplina científica na Alemanha. Essa teoria

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

apresentava dois sentidos, o primeiro falava que a terra era uma porção limitada da superfície, a segunda a aparência normal de quem a observava. Após a tradução desse significado para outras línguas, gerou uma ambiguidade nos sentidos e deixou confuso outros estudiosos da área.

Para alguns geógrafos a paisagem pode ser entendida como uma fisionomia caracterizada por formas e o seu estudo recorre basicamente ao método morfológico. Outros se aplicam no estudo da morfologia da paisagem, acrescentando-lhe a dimensão genética. Também destacam o fato dos elementos presentes na paisagem poderem ser agrupados em diferentes escalas com diferentes graus de complexidades

Outra linha de estudo da paisagem privilegia as características físico-naturais e humanos, e os estudos das inter-relações permitindo aproximar o conceito de paisagem adotando como método a análise cronológica e os gêneros da vida como conceito explicativo. Esse método adotado era estudado na geografia da primeira metade do século. Percebe-se que essas correntes de estudos divergem quando elas descrevem o conceito de paisagem, entendendo que ela pode ser entendida como sinônimo de região e isso inclui estudar as relações entre os vários elementos.

Assim, o estudo da paisagem focado na descrição das formas físicas da superfície foi progressivamente incorporando os dados de transformação humana do ambiente, individualizando a paisagem cultural da paisagem natural, sem perder de vista as interligações entre elas. A ação humana é considerada fator decisivo e principal de transformação. Vários autores reconhecem que não existe paisagem verdadeiramente natural. Em algum momento as paisagens sofreram intervenção no seu processo de evolução genética.

Geógrafos do início do século XX preocuparam-se com a formação científica da disciplina e com os perigos de ruptura entre a geografia física e a humana, por que a paisagem era

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

vista como um conceito integrado, elas traduziam interações entre os elementos do mundo físico e os grupos humanos. A superfície terrestre apresenta regiões com paisagens diferenciadas, específicas de cada lugar.

Com esse sentido, a paisagem pode ser identificada dentro dos estudos da geografia com quatro correntes principais, a primeira é a diferença espacial na qual a região é um conceito chave, a segunda, estudos da paisagem tendo início na Alemanha e na Califórnia, a terceira é a distribuição espacial, ela tem a preocupação em explicar a localização dos fenômenos terrestres, por fim, as relações homem-ambiente, com o objetivo de estudar o ajustamento dos grupos humanos ao meio.

Ainda dentro contexto, não tendo autorização, o estudo dedicado à paisagem como corrente, pode ser entendido no contexto escolar como a geografia regional, a cultural, a morfologia da paisagem e a mais antiga, a geografia do determinismo ambiental. Os autores da escola regional consideram como objetivo da geografia humana, a interpretação e explicação da paisagem cultural ou humanizada, afirmando que a chave de explicação percebe o estudo da paisagem como relações funcionais e dinâmicas entre os elementos que fazem parte do espaço.

Vale destacar, outro ponto importante sobre a definição do conceito de paisagem, esse afirma que mais do que uma entidade fisionômica e estética, a paisagem geográfica engloba todas as relações genéticas dinâmicas e funcionais, elas tocam cada parte da superfície do globo terrestre.

Diante disso, vale lembrar o professor Milton Santos, geógrafo brasileiro, ele falou que tudo aquilo que nós vemos, e tudo que a nossa visão alcança, é uma paisagem. Não apenas formada de volumes, mas formada por cores, movimentos, odores, sons e tudo o que fica registrado em nossa memória é uma paisagem. (Santos, Milton 1988.p. 61).

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

Ao final do século, renasce o interesse pela paisagem, surgindo novas publicações, mobilizando um grande público. A relação indivíduo-ambiente recebe novos termos teóricos, voltando à preocupação dos geógrafos com relação ao estudo da paisagem e da paisagem urbana, a preocupação refere-se aos perigos que a exploração intensa pode desenvolver nos recursos naturais.

Durante um determinado tempo, os geógrafos aceitaram que a paisagem era uma porção do espaço e tudo que abrangia o olhar, nas definições de paisagem que apareciam na literatura geográfica. O olhar vai além e não é apenas um simples objeto a ser observado ou até mesmo o olhar observador de uma lente fria.

Diante do exposto, percebemos que o estudo da paisagem vai além, dentro de uma perspectiva ecológica entre a geografia e a ecologia, temos os geógrafos humanistas, para eles a paisagem é uma construção mental a partir da percepção e da vivência do território. Se compararmos a paisagem do tempo em que éramos crianças com a nossa realidade hoje, perceberemos que muita coisa mudou, ela não será a mesma.

A autora cita várias teorias e seus conceitos dentro da paisagem, também a forma como cada teórico identifica os objetos de forma objetiva e subjetiva considerando seus subsistemas, não complexos paisagístico, produtores de paisagens, constituídos de elementos inertes. A geografia humanista percebe a paisagem como território que pode ser visto e sentido, cada vez mais subjetivo e elaborado pela mente. Defendendo que o conhecimento não depende apenas da dimensão científica, ele incorpora a experiência vivida e os sentimentos, tendo como foco as relações homem-ambiente e o lugar onde as pessoas vivem.

Desse modo, surgiu várias ideias de paisagens, correntes e teorias literárias, com o objetivo de decodificar o verdadeiro sentido da paisagem. Algumas teorias defendiam que a

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

paisagem tinha sentido cultural, afirmavam que a mesma poderia ser lida da mesma maneira que fazemos a leitura de um livro. Outras defendiam que se fazia necessário avaliar, avaliação para efeitos de planejamento, qualidade de estética, estímulos exteriores, até a questão da segurança e defesa, implicando a ideia do ver sem ser visto, valores sociais além do espaço.

Percebe-se que o percurso seguido pela bibliografia geográfica sobre a paisagem, mostra a importância dos diferentes conceitos que foram destacados em diferentes épocas, e que está ligado a diferentes escolas e pensamentos, seguindo uma ambiguidade de como entender a diferença entre aquilo que se vê e a forma como pode ser visto ou está sendo observado. Sabendo que a paisagem objetiva produz sensações intensas, vividas e sentidas por que está a observar.

Outra questão importante é a forma como as sociedades transforma a natureza, elas não transformam o espaço apenas por razões econômicas. As pessoas identificam-se com determinados espaços do território, desenvolvendo laços afetivos, tornando o espaço parte de si. Alguns autores, afirma que a teoria dos sistemas matou a paisagem ao retirar tudo o que é material defendendo que os processos que permitem falar de paisagem passam pela subjetividade e que não devemos confundir paisagem como um pedaço da superfície terrestre.

Portanto, diante de tudo que foi descrito sobre paisagem e a forma como deve ser vista, entendemos que a paisagem só deixaria de ser foco de estudo se deixasse de fazer parte da superfície terrestre. E para os estudiosos da geografia humana, todo espaço geográfico é um produto social em transformação. Tanto os geógrafos do passado quanto os atuais, principalmente os que se envolvem no ordenamento do território, afirmam que não basta só considerar o espaço, para falar de paisagem, precisamos entender que toda e qualquer

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

imagem mesmo sendo transformada, ela é uma paisagem, mesmo sendo uma recriação transformada.

No texto, Paisagem e espaço do professor Milton Santos, importante geógrafo brasileiro, um dos mais renomados intelectuais do país, tem como objetivo situar a geografia contextualizando-a com o espaço, sendo esse o centro das preocupações de variados profissionais. O mesmo faz comparações com objetos de estudos e instrumentos de trabalho, ele também apresenta a diferença entre espaço e paisagem e a forma como os seres transformam essa paisagem determinando o movimento da sociedade e as suas transformações dos espaços, as relações e funções de tudo que é visto. O espaço não é formado apenas pelo tamanho dos objetos, mas de cores, odores e sons. Tudo o que os nossos olhos conseguem enxergar é considerado uma paisagem.

Dessa forma, a paisagem pode ser definida como domínio do visual, ou seja, tudo aquilo que os olhos alcançam é considerado uma paisagem, o local onde estamos podem fazer os obstáculos sumirem quando estão sendo observadas a grandes distâncias. Por esse motivo o conhecimento é fundamental, a percepção visual de um arquiteto com relação ao espaço é completamente diferente de um leigo no assunto. Ele ficará atento a pequenos detalhes, diferente de alguém que não tenha conhecimento aprofundado sobre o tema, coisas simples passaram despercebidas.

Ainda segundo o autor, a percepção é um processo seletivo. A realidade é apenas uma, e cada pessoa observa um objeto de maneiras diferentes. Assim, a visão material de diferentes objetos, pode passar despercebida ou limitada pelo homem comum que não detém conhecimento aprofundado, esse fato acontece para não tomar por verdade algo que é apenas aparência.

Ainda dentro do contexto, a paisagem já foi objeto de estudos para os geógrafos do passado. Mas, segundo Sorre, o

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

fenômeno geográfico pode ser distinguido pela sua expressão corpórea. Pensando assim, muitos estudiosos acreditavam que a paisagem e a região eram sinônimas. O fato é, o que a geografia estudava no passado, levava a esse entendimento. Já a teoria de Vidal entendia o homem como hóspede de vários pontos da superfície terrestre, e em cada lugar ele adaptou-se ao meio que o envolvia criando relações com a natureza permitindo usar os recursos naturais disponíveis, ou seja, uma relação entre os seres e os recursos naturais em equilíbrio. Isso seria a relação entre a diversidade do meio e a diversidade de gênero.

Neste sentido, para os europeus a personalidade de cada região é o resultado de um longo processo de evolução. As atividades criadas continuavam por longos períodos dando a impressão de imobilidade. Pensando dessa forma, deu-se a ideia de que a paisagem criada em função do produtivo deveria confundir-se com a região.

A princípio, no início da história dos seres humanos era possível perceber semelhanças entre paisagem e região. O tempo passou e essa conclusão não faz mais sentido. A geografia deixou de ser o estudo da paisagem, não que estivessem errados com seus entendimentos, só que o planeta Terra passou por diferentes transformações e continua se transformando.

A modernização da agricultura proporcionou novas formas de organização no espaço, inovações no plantio e na colheita, o uso de novas tecnologias e máquinas contribuíram com o desenvolvimento do território, facilitando o processo de plantio e produção na agricultura. Essas transformações causam efeitos negativos no solo e na biodiversidade do planeta, principalmente nas regiões de florestas e matas fechadas, provocando o desmatamento, a poluição e a contaminação do solo e dos rios.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

Segundo o pai da geografia cultural, ele propõe considerar dois tipos de paisagens, a primeira natural e a segunda artificial. À medida que os seres humanos interagem com a natureza desenvolvem uma relação cultural, política e técnica. Segundo Marx essa relação significa a marca do homem interagindo e socializando com a natureza.

Nessa relação de troca, o trabalho manual foi ficando em segundo plano, abrindo espaço cada vez mais para a máquina e a industrialização, até chegar à automação. Essa é uma questão negativa, a mecanização do campo, promoveu desemprego, antes onde havia trabalho para 10 pessoas, foram substituídas por máquinas, elas desenvolvem o trabalho com maior agilidade e menos perdas. Essa foi uma das questões negativas para o trabalhador rural.

Desta forma, a produção do espaço é uma ação de transformação entre objetos naturais e artificiais. O conhecimento tem habilidade de transformar a paisagem em diferentes espaços, seja ela produtiva material ou imaterial. Comparar uma paisagem artificial ou transformada pelo homem de forma grosseira é diferente de uma paisagem natural, aquela que ainda não foi tocada pelo homem e nem modificada. Hoje essa modalidade de paisagem que ainda não foi tocada pelos seres humanos praticamente não existe. Quando um lugar que não foi tocado fisicamente é encontrado ele passa a ser objeto de preocupação por conta das intenções econômicas ou políticas na busca de exploração visando apenas o lucro, não se importando na preservação daquele espaço.

Sabendo que a paisagem é composta por formas naturais e artificiais, com relação a tamanho, cor, utilidade ou qualquer outro critério é uma grande responsabilidade, viver em sociedade requer uma multiplicidade de funções, quanto maior for o número de objetos naturais, mais complexa é a vida social

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

e mais distante ficaremos do mundo natural, deixando um espaço maior para o mundo artificial.

Considerando a sucessão histórica dos modos de produção, parece que esse será o caminho da evolução diante das grandes cidades desenvolvidas. Fica difícil distinguir o que é natural do que é artificial. O homem esfria e transforma o que está a sua volta, ficando difícil perceber a diferença entre eles. Tem uma quantidade imensa de instrumentos não materiais. Tempos passados, os instrumentos de trabalho eram prolongamento do homem. O tempo passou e hoje a realidade é outra. A cada dia que passa, a exigência do domínio de técnicas e objetos diversos que o homem cria para produzir a paisagem aumenta. Partes desses instrumentos, não são materiais, são objetos de transformações que auxiliam a natureza e sem eles a produção seria impossível.

Nesse sentido, a relação entre a produção e a paisagem, percebe-se o uso de objetos interligados, entre a distribuição e o consumo. A paisagem urbana é um exemplo, ela necessita do uso da tecnologia no que corresponde a organização do espaço e os níveis de produção. A paisagem não é criada uma única vez, e sim, por acréscimos e substituições. Podemos entender, quando espaços naturais são desmatados, destruídos e passam a dar lugar a novas cidades, condomínios, estradas e viadutos. As cidades capitalistas, ligadas ao movimento global, são transformadas sem a preocupação de preservar, e assim acontece à desordem no espaço geográfico, paisagens são construídas umas sobre as outras, sem a preocupação de cuidar da herança do passado.

No começo os instrumentos de trabalho eram separados, diferente de hoje, onde tudo tem uma ligação. Nessa ligação, é possível perceber o uso da água, telefone e os diferentes meios de comunicação, os grandes centros de consumo, são interligados, no qual muitos têm o seu próprio

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

sistema de crédito e atendimento. O que era isolado, hoje é agrupado sistematicamente e as transformações são constantes.

A cada mudança histórica, o modo de fazer e o trabalho humano vão sendo transformados, exigindo inovações e substituição de uma forma de trabalho por outra. Um exemplo dessa mudança pode ser verificado com relação ao telefone, antes precisava de uma pessoa para fazer uma ligação, hoje essa função foi substituída, tornou-se obsoleta. Por isso, o entendimento do fato geográfico depende do conhecimento dos sistemas técnicos.

A paisagem nunca será a mesma, a cada período histórico, ela sofrerá mudanças. O que chamamos de natureza natural, não é trabalho, diferente da natureza artificial. Um exemplo dessas transformações é as cidades, elas são o resultado de grandes transformações no meio ambiente, casas, ruas, rios canalizados, retirada da vegetação e o uso da cobertura asfáltica. E assim, a paisagem nada mais é que um conjunto de formas heterogêneas de idades e pedaços de tempos diferentes na representação do espaço.

Antes, pela data de um objeto, poderíamos conhecer a idade dele. Na atualidade, isso nem sempre é possível, já que muitas vezes os objetos são suprimidos das paisagens naturais, sendo impossível reconhecer o tempo existente nele. As cidades novas ou em transformações, podem não apresentar detalhes do passado, diferente das cidades históricas da Europa, mesmo transformadas, elas apresentam resquícios da antiguidade.

E assim, percebe-se que a paisagem pode ter movimentos, mais ou menos rápidos, as mudanças não acontecem apenas das possibilidades técnicas de uma época, elas dependem também das condições econômicas, políticas e culturais. Sabendo que a técnica é de fundamental importância, mas fora das relações sociais à histórica não existe. Faz-se necessário pensar a paisagem, para que elas sejam visíveis no ambiente.

Vale ressaltar que as paisagens podem sofrer mutações, sejam elas estruturais ou funcionais. Andando pela cidade, podemos contemplar diferentes paisagens, isso acontece graças ao movimento funcional, em horários e dias diferentes, ou seja, enquanto uns dormem, outros trabalham em horários e dias diferentes. A sociedade urbana é exemplo de funcionamento distinto de paisagens, funcionando de acordo com seus subespaços. Percebemos que a sociedade não muda, as mudanças ocorrem de forma estrutural fazendo surgir ambientes de formas e tamanhos variados, adequando-se as funções de acordo com a política socioeconômica.

O envelhecimento das formas se dá por inadequação do espaço físico, quando ocorrem os desgastes materiais. Os exemplos de desgastes podem ser vistos nas grandes cidades, embaixo de pontes e viadutos, equipamentos urbanos, deteriorados e desgastados, em alguns casos os desgastes nos objetos podem oferecer risco aos transeuntes. O envelhecimento também pode ser social, casas viraram cortiços, moradias ricas, tornam-se pobres. Diferente do envelhecimento moral, um acontece pelo desgaste ou durabilidade dos materiais e o outro muda de acordo com o quadro político, econômico, social e cultural.

De acordo com Silva (1986, p. 28 e 29) espaço são categorias fundamentais de conhecimento geográfico, e a paisagem, a população define o objeto da geografia em seu relacionamento. Ainda segundo o autor, a paisagem e o espaço são coisas diferentes. Podemos entender que as paisagens sejam elas naturais ou geográficas todas fazem parte do espaço. Desta forma, o espaço seria um conjunto de objetos que se relacionam com outros objetos, não entre o espaço e a paisagem. O espaço é o resultado das ações do homem sobre o próprio espaço, sejam eles naturais ou artificiais, ou o que se tira deles de forma construtiva.

A paisagem é composta por objetos materiais e não materiais, podendo ter funções diferentes. A existência da sociedade dentro de uma cidade, só é possível perceber a sua mobilidade por conta das ações de diferentes formas de trabalho. Assim, a paisagem é diferente, elas são resultados de uma troca na parcialidade, completa-se, uma existe para proporcionar a evolução da outra. Desta forma, ao observar uma cidade em diferentes horas do dia, percebem-se diferentes movimentos de pessoas, um intercâmbio entre os seres humanos, dá um aspecto diferenciado à paisagem.

Portanto, entende-se que o espaço é o resultado, a síntese, sempre refeita da paisagem com a sociedade através da imparcialidade. A paisagem é permanente e a espacialidade é o momento. Ela é mutável, produto sujeito a transformações, a paisagem procede à histórica, o espaço é igual. Mas a vida existe, e nela é possível encaixar a sociedade na paisagem sobre um determinado arranjo espacial interdependente na troca de mudanças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração tudo o que foi estudado sobre o verdadeiro significado do que é uma imagem e o que ela representa, pensando que desde o princípio da formação humana, já se despertavam o interesse pelo que a imagem representava da realidade, no qual artistas tentavam eternizar o momento vivenciado pelos senhores do passado. Podemos dizer que leitura de imagem é descrever do seu ponto de vista, o que se observa com riqueza de detalhes.

Lembrando que dependendo do nível de conhecimento que se tenha, o que se observa poderá ter uma longa ou breve descrição. Um exemplo com relação à leitura de imagem, um arquiteto urbanista poderá ver uma imagem e descrever com detalhes a essência de uma obra, explicando até o que o artista

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

queria expressar no momento da confecção da arte, detalhes que só ele consegue perceber, diferente de um leigo no assunto, ele poderá observar a mesma imagem e o que ver, será descrito de forma simples por conta do seu conhecimento reduzido. E assim, considerando o contexto, a leitura do que se observa poderá ter diferentes visões.

A segunda pergunta, a imagem pode ser um texto? Sim, a imagem pode ser um texto, levando para o contexto de sala de aula, toda imagem precisa ser identificada, quem fez ou quando e onde e qual o contexto da época produzida, imagens do passado tiveram entendimento daquele período, diferente da realidade atual, serão feitas diferentes leituras e interpretações com base na época. Podendo esse texto ser escrito ou não, a partir do momento que o educando começa a se questionar sobre como foi retratado determinada obra, esse é o texto, dúvidas, interrogações e questionamentos que podem fazer parte de um registro escrito ou falado, apontando suas inquietações relacionando com a sua vivência.

Diante do exposto, conclui-se que o objetivo principal do presente trabalho é apresentar como o uso da imagem na construção do conhecimento na perspectiva Freiriana, adaptada a realidade interdisciplinar é um desafio ao educador, se fazendo necessário modificar a sua forma de ensinar e permitir que um novo modelo de ensino possa proporcionar aprendizagem significativa para os seus educandos de forma libertadora possibilitando criar, recriar, aprender e reaprender a realidade de mundo sabendo a sua posição no momento da luta, não como simples espectador, mas como sujeito capaz de recriar a história.

REFERÊNCIAS

CARLOS, Jairo Gonçalves. **Interdisciplinaridade no Ensino Médio: desafios e potencialidades**. 2007. 171 f. Dissertação (Doutorado) - Curso de Mestrado em Ensino de Ciências,

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: http://vsites.unb.br/ppgec/dissertacoes/proposicoes/proposicao_jairocarlos.pdf. Acesso em: 29 maio 2021.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Temas ambientais como "temas geradores": contribuições para uma metodologia educativa ambiental crítica, transformadora e emancipatória.** Educ. rev., Curitiba, n. 27, p. 93-110, Jun.

2006. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602006000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 25 jan. 2021.

ESCOLA da Vida. Direção de William Dear. Produção de Rosanne Milliken. Eua, Canadá: Abc Family, 2005. 1 DVD

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (org.). **O Que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez Editora, 2008.

Disponível em:

<https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2013/11/fazenda-org-o-que-c3a9-interdisciplinaridade.pdf>. Acesso em: 15 maio 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** São Paulo: Editora Paz e Terra, 1992. Disponível em:

http://www.letras.ufmg.br/espanhol/pdf/pedagogia_do_oprimido.pdf. Acesso em: 22 fev. 2021.

REINACH, Fernando. A ontogênese e o aprender. **O Estado de São Paulo.** São Paulo, 11 abr. 2013. Disponível em:

<http://www.abc.org.br/2013/04/12/a-ontogenese-e-o-aprender/#:~:text=A%20ontog%C3%AAnese%20se%20caracteriza%20por,e%20modulada%20pelo%20meio%20ambiente.&text=N%C3%A3o%20%C3%A9%20usual%20utilizarmos%20a,que%20fazem%20parte%20da%20ontog%C3%AAnese..> Acesso em: 22 fev. 2021

SALGUEIRO, Teresa Barata. Paisagem e Geografia. **Revista Finisterra**, ano XXXVI, vol. 72, p. 37-53. Lisboa, 2001. Acesso em: 12 abr. 2021.

Ricardo Santos de Almeida; Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Org.)

SANTOS, Milton. Paisagem e espaço. In: **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. 6 ed. São Paulo: EDUSP, 2014. p. 67-81. Acesso em: 13 abr. 2021

Introdução: por uma pedagogia crítica da visualidade. In: CARLOS, Erenildo João (Org.). **Por uma pedagogia crítica da visualidade**. João Pessoa: UFPB, 2010. p. 11-25.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996. 146 p

CORAZZA, Sandra Mara. **Didaticário de criação: Aula cheia**. Porto Alegre: UFRGS, 2012. 202 p.

ROMÃO, J.e.. Paulo Freire e a Imagem. **Educação & Linguagem**, [S.L.], v. 13, n. 22, p. 77-97, 31 dez. 2010. Instituto Metodista de Ensino Superior. <http://dx.doi.org/10.15603/2176-1043/el.v13n22p77-97>.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. 149 p. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/livros/acao_cultural_liberdade.pdf. Acesso em: 13 mar. 2021.

SOUSA, Rocha de. **Didática da educação visual: percepção visual e representação**. Lisboa: Universidade Aberta, 1995. 236 p.

TAVARES, Romero. **Construindo mapas conceituais**. Ciências & Cognição, publicado em <http://www.cienciasecognicao.org/> , Vol 12, p. 72-85, dez, 2007

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. Temas ambientais como: contribuições para uma metodologia educativa ambiental crítica, transformadora e emancipatória. **Educar em Revista**, [S.L.], n. 27, p. 93-110, jun. 2006. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-40602006000100007>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/er/a/NF53QF3xZhTHWjVVznd57zG/?lang=pt>. Acesso em: 25 abr. 2021.

O **Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas** é uma sociedade civil sem fins lucrativos, com finalidade educativa e cultural que se propõe a manter vivas as ideias de Paulo Freire, educador pernambucano, referência no Brasil e no mundo. Sua contribuição para a Educação foi oficialmente reconhecida pela Lei nº 12.612/2012 como Patrono da Educação no Brasil.

Fundado em 29 de maio de 1998, o Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas teve seu estatuto oficializado em novembro desse mesmo ano. A UFPE solidária com os objetivos deste Centro, compreendendo o seu papel, para uma educação crítica, inclusiva, democrática, assim como, entendendo que a filosofia e pedagogia freireana é atual e profícua, apoia desde o início suas iniciativas. Perenizar as ideias de Paulo Freire é fundamental, para sua terra natal e para o mundo. Vale salientar ter sido esta Universidade berço em que Paulo Freire desenvolveu seu sistema educacional. A sede do Centro Paulo Freire está localizada no Centro de Educação no Campus da UFPE.

ISBN: 978-65-87824-17-8

